

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

NICHOLAS PEREIRA LYRA RUVIARO

**A MEMÓRIA DA CONQUISTA DO TÍTULO BRASILEIRO PELO INTER EM 1979: UMA
PROPOSTA DE LIVRO-REPORTAGEM**

Porto Alegre
2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

NICHOLAS PEREIRA LYRA RUVIARO

A MEMÓRIA DA CONQUISTA DO TÍTULO BRASILEIRO PELO INTER EM
1979: UMA PROPOSTA DE LIVRO-REPORTAGEM

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração Teoria da Literatura, área Escrita Criativa, pelo Programa de Pós Graduação da Faculdade de Letras da Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador(a): Prof. Dr. Charles Monteiro.

Porto Alegre
2023

AGRADECIMENTOS

Escrever uma dissertação é um processo lento e, por muitas vezes, solitário. Por isso, é sempre importante contar com o suporte e incentivo de pessoas fundamentais para tornar esse processo menos tortuoso.

À minha mãe Jaqueline e meu pai Jairo, pelos ensinamentos, lições e pela dedicação ao longo de todos estes anos. E, especialmente pela compreensão nas ausências (que não foram poucas) nestes dois anos.

Às minhas irmãs, Bárbara e Ana Lia, pelo companheirismo em todos os momentos, perto ou longe, pessoalmente ou nas horas em que passamos no celular. Às minhas avós, Lurdes e Venilda, pelas palavras de carinho e incentivo em todos os momentos.

A todos os amigos, separados por quadras ou centenas de quilômetros, sempre fundamentais. A eles, também, as desculpas pela ausência nesse processo. Impossível nomear todos, sintam-se abraçados.

Ao Lucas, a Marina e a Elisa, companheiros de jornada acadêmica na PUCRS nestes dois anos, e que levo para além das salas de aula. Dividir angústias e alegrias nesse processo foi essencial para um caminho mais leve.

Ao meu orientador, professor Charles Monteiro. O conhecimento compartilhado, nas orientações e nas aulas, foi fundamental. Não apenas para essa dissertação, mas para a vida. A sensibilidade foi extremamente necessária para encontrarmos juntos o equilíbrio para esse trabalho.

Aos funcionários do Museu Hipólito José da Costa e do Museu do Inter, pela atenção e dedicação nos momentos de pesquisa de campo, fundamentais para a realização desse trabalho.

À banca de avaliação, por aceitar a leitura desse trabalho, meu muito obrigado pela contribuição e aperfeiçoamento desta pesquisa.

Por fim, a quem nunca me canso de agradecer, meu vô, Valdomiro, gremista de quatro costados, que me passou o amor por esse esporte maluco. Por isso, e por tudo, sempre.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a criação de um livro reportagem sobre a conquista do Campeonato Brasileiro invicto do Inter em 1979. No evento, a equipe gaúcha venceu a competição pela terceira vez. Além disso, entre os objetivos desta pesquisa, que envolve pesquisa documental em jornais da época, está a verificação de se a memória se relaciona com a da ditadura civil-militar vigente no país. O trabalho se divide em duas partes. Na primeira, apresento o referencial teórico, com conceitos de memória, jornalismo e história oral. Como resultado, a produção do livro-reportagem e um capítulo especialmente dedicado às relações do contexto político da época. A parte criativa está dividida em nove capítulos.

Palavras-chave: futebol; história oral; Internacional; livro-reportagem; memória.

ABSTRACT

The objective of this work is to create a report book about Brazilian Championship won by Inter undefeated way in 1979. In the event, the team from Rio Grande do Sul won the competition for the third time. Furthermore, among the objectives of this research, which involves documentary research in newspapers of the period, is the verification if the memory is related to current civil-military dictatorship in the country. The work is divided into two parts. In the first, I present the theoretical framework, with concepts of memory, journalism and oral history. As a result, the production of the book-report and a chapter especially dedicated to the relations of the political context of the time. The creative part is divided into nine chapters.

Keywords: book report; football; Internacional; memory; oral history.

SUMÁRIO

1. JUSTIFICATIVA	7
2. ESTADO DA ARTE	7
3. PROBLEMA DE PESQUISA	9
4. OBJETIVOS	9
4.1. Objetivo geral	9
4.2. Objetivos específicos	9
5. REFERENCIAL TEÓRICO	10
5.1. Memória	10
5.2 Jornalismo	12
5.3 Crônica: uma provocação	15
5.4. Jornalismo e memória	17
5.5. História, memória e cidade	18
6. HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO PARA REGISTRAR MEMÓRIA JUNTO À PESQUISA DOCUMENTAL	20
6.1. História oral: aspectos teóricos	20
7. A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA	23
8. A NARRATIVA	27
8.1 Proposta de sumário	27
9. A MEMÓRIA DA CONQUISTA DO TÍTULO BRASILEIRO PELO INTER EM 1979: O LIVRO REPORTAGEM	29
9.1. A cidade e a memória	29
9.2 Pontapé inicial atribulado	38
9.3. A Arena vai mal e os times no Nacional	48
9.4 Mudanças no aquecimento	58
9.5 Clássico em dois atos	73
9.6 Dor e glória	83
9.7 Duas fases, muitas histórias	94
9.8 Falcão	104
9.9 Dias sem fim	114
REFERÊNCIAS	129
FONTES	132

1. JUSTIFICATIVA

Essa pesquisa se justifica porque, embora o título de 1979 conquistado pelo Inter seja importante para a história do clube e um marco no futebol brasileiro por ter sido conquistado de maneira invicta, existem poucas publicações sobre o tema. Com a exceção de um livro escrito pelo ex-jogador Paulo Roberto Falcão, com o título “O time que nunca perdeu”, no qual o volante campeão pelo Inter em 1979 entrevista seus ex-companheiros, não há um grande número de obras voltadas ao título do Inter.

Claro que é possível encontrar diversas referências na literatura esportiva acerca da conquista do Campeonato Brasileiro de 1979. Elas aparecem tanto em livros sobre a história do clube, publicados por diversos autores do Rio Grande do Sul e alguns fora deles, quanto em almanaques e obras voltadas à história do Campeonato Brasileiro, a competição nacional entre clubes mais antigas do país.

Isso acontece em livros publicados por jornalistas como Kenny Braga, Wianey Carlet, Ruy Carlos Ostermann e até integrantes da nova geração, como Douglas Ceconello; ou ainda em trabalhos mais específicos, como o resgate da história dos clássicos Gre-Nais, por David Coimbra. Ou em coletâneas como a de Roberto Assaf, que resgata a história completa do Brasileirão.

No entanto, não identificamos trabalho recente publicado que contemple tanto o valor esportivo do resultado conquistado e sua relevância para o futebol do Rio Grande do Sul quanto a importância do contexto histórico em que está campeonato ocorreu.

2. ESTADO DA ARTE

Para construir o Estado da Arte, utilizei as palavras-chave "esporte", "memória", "história oral" e "política", com destaque também para "futebol", "ditadura" e "campeonato brasileiro", que apareceram com frequência nos resultados de busca. Os bancos de dados utilizados para a pesquisa do Estado da Arte foram a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e o

Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Também foram encontrados materiais sobre futebol e memória em artigos publicados no Compós.

Ao longo do levantamento, alguns temas foram mais recorrentes. Entre eles, a relação do futebol com a ditadura militar (Magalhães, 2013; Chaim, 2014; Ferreira, 2014). Há ainda narrativas sobre política, memória e história oral em pesquisas cujo objetivo era recuperar eventos de décadas passadas no esporte (Tonini, 2010; Gastaldo, 2012).

Também aparecem as ligações do regime vigente à época no Brasil com o futebol. Há muitos trabalhos com citações do uso político do futebol durante o governo Médici e a busca por utilizar o esporte como instrumento político para tentar recuperar a moral de um sistema já em declínio no país (Francischini, 2006; Santos, 2012; Moreira, 2017).

No entanto, ao buscar especificamente sobre o Campeonato Brasileiro de 1979, a memória e o título brasileiro conquistado pelo Internacional, os resultados encontrados foram escassos. Foram identificadas apenas referências esporádicas, sem que fosse aprofundada a relação da política com o aumento do número de times na competição e a relação com o regime, por exemplo.

Os resultados encontrados no Estado da Arte apontam para a existência de um interesse de pesquisa na relação entre futebol, política e regime militar, e seus impactos no esporte e no campeonato nacional ao longo das décadas de 1970 e 1980. No entanto, o Estado da Arte construído não identificou elementos suficientes para compreender de que forma a memória deste período se intersecciona - se é que isso ocorre - com uma das principais conquistas do futebol do Rio Grande do Sul, o título brasileiro invicto do Internacional. Daí justifica-se a importância da realização da pesquisa proposta neste projeto.

3. PROBLEMA DE PESQUISA

A memória do título brasileiro de 1979, conquistado pelo Internacional, se relaciona com a do regime militar vigente no Brasil no período?

4. OBJETIVOS

4.1. Objetivo geral

Resgatar aspectos da memória esportiva da conquista do tricampeonato brasileiro de futebol pelo Sport Club Internacional em 1979, buscando compreender se e como essas memórias se interseccionam com as da ditadura civil-militar brasileira.

4.2. Objetivos específicos

- a) Documentar a campanha do título de 1979;
- b) Resgatar, por meio da história oral, memórias de sujeitos que fizeram parte da conquista (jogadores, dirigentes, jornalistas e demais personagens envolvidos);
- c) Identificar traços de possíveis relações do futebol com o regime vigente.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1. Memória

De acordo com Candau (2012), as noções de identidade e memória são ambíguas, porque encontram-se subsumidas no termo representações, um conceito operatório nas Ciências Humanas e Sociais, que refere-se a um estado em relação à primeira e a uma faculdade em relação à segunda. Assim, com exceções de casos patológicos, "todo indivíduo é dotado dessa faculdade que decorre de uma organização neurobiológica muito complexa" (CANDAU, 2012, p. 21).

Na perspectiva antropológica, a memória é classificada, em uma espécie de "taxonomia" conforme suas diferentes manifestações, segundo o autor. Aqui, nos interessam duas delas: a memória propriamente dita (ou, a de alto nível) e a metamemória.

A memória propriamente dita é, em essência, uma memória de recordação ou reconhecimento. Ou seja, uma, ela é uma espécie de:

evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sentimentos etc.). A memória de alto nível, feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral de expansão da memória (CANDAU, 2012, p. 23).

Já a metamemória pode ser entedida, segundo o autor, como:

a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao 'modo de afiliação de um indivíduo a seu passado' e igualmente [...] a construção explícita da identidade. A metamemória é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva. (CANDAU, 2012, p. 23).

O autor pondera, no entanto, que, a partir do momento em que se deslocada do nível do indivíduo para grupos ou sociedades, o estatuto desses termos se modifica ou passa a ficar completamente invalidado. A expressão "memória coletiva", em sua acepção, seria uma representação, uma espécie de metamemória. Não teria o mesmo estatuto aplicado à memória individual.

Podemos encontrar na imprensa ou ainda na literatura de valorização do patrimônio inúmeros exemplos desses enunciados evocando a "memória coletiva" de uma aldeia ou cidade, de uma região, de uma província, etc., enunciados que geralmente acompanham a valorização de uma identidade local.

Qual pode ser a realidade desse compartilhamento de lembranças ou representações do passado? Essa é a pergunta que devem fazer os historiadores, os sociólogos ou os antropólogos quando empregam a expressão "memória coletiva", o que nos leva a interrogar a pertinência dessa expressão utilizada como conceito (CANDAU, 2012, p. 25).

O autor afirma que, para conservar a lembrança e, de forma mais ampla, para pensar, "é necessário memorizar um mundo previamente ordenado. (CANDAU, 2012, p. 83). Isso porque, de acordo com ele, a amplitude da memória do tempo passado exerce efeito direto sobre as representações de identidade:

Recordar, assim como esquecer, é, portanto, operar uma classificação de acordo com as modalidades históricas, culturais, sociais, mas também bastante idiossincráticas [...] É a partir de múltiplos mundos classificados, ordenados e nomeados em sua memória, de acordo com uma lógica do mesmo e do outro subjacente a toda categorização, reunir o semelhante, separar o diferente - que um indivíduo vai construir e impor sua própria identidade (CANDAU, 2012, p. 84).

Para a memória dos acontecimentos, o ponto de origem não é suficiente para que a memória organize suas representações identitárias. É preciso que exista um eixo temporal, uma trajetória marcada por essas referências, que são, em suma, os acontecimentos em si: "Um tempo vazio de acontecimentos, cuja maior ou menor densidade permite distinguir os períodos" e as "épocas", é um tempo vazio de lembranças (CANDAU, 2012, p. 98).

Cada memória é um museu de acontecimentos, associado a um nível de invocabilidade ou de memorabilidade. São representados como marcos de uma trajetória, individual ou coletiva, e que encontra sua lógica nessa demarcação. Do ponto de vista de um determinado grupo, esse agenciamento e essa modelagem de identidade se faz a partir de acontecimentos ou "restos de acontecimentos", que possuem um estatuto memorial ambivalente. Em cada caso, tratando-se de um indivíduo ou de um grupo como um todo, "a força das memórias dependerá da coerência geral do campo memorável, quer dizer, da

estruturação mais ou menos homogênea do conjunto de lembranças a partir de um momento de origem e de uma sucessão de fatos" (CANDAUI, 2012, p. 100).

Ao formular a doutrina do positivismo, o filósofo francês Auguste Comte (1798-1857) concedeu, em sua teoria, lugar importante à "glorificação do passado". Ao apresentar os méritos de comemoração, afirma que isso tem como objetivo desenvolver, entre as gerações atuais, espírito histórico e sentimento de continuidade.

Segundo o autor, o objetivo de manter comemorações nos calendários tinha a ver com a esperança de unificá-las, para que participassem do jogo identitário no sentido desejado por estes grupos, como legitimação, valorização, conjuração, adesão, manutenção da ilusão comunitária, da ficção da permanência e, sobretudo, de uma cultura comum, com o congelamento da identidade quando considerada ameaçada. Diante dessa perspectiva, "essa 'máquina de remontar no tempo' que é a comemoração é sempre seletiva e ostenta um 'maniqueísmo purificador'" (CANDAUI, 2012, p. 148).

O jornalismo é, também, um lugar de memória. Essas relações, portanto, serão exploradas mais adiante, quando abordarmos sobre as relações entre esses temas, e de que forma elas contribuem para essa pesquisa.

5.2 Jornalismo

O jornalismo é um lugar de circulação e de produção de discursos sociais e de memória, que participa da construção simbólica da experiência social pelas coletividades (BENETTI, 2008; FRANCISCATO, 2005). Há, para Franciscato (2005, p. 166), entre o jornalismo e os processos históricos e sociais, um importante vínculo que faz com que uma das principais características do jornalismo para o autor seja "produzir conteúdos que ofereçam a uma coletividade formas de vivenciar situações num tempo presente", uma vez que reconhece o caráter de documento público que o produto jornalístico assume uma vez em circulação: "seu conteúdo rompe a esfera dos laços de intimidade privada e se torna passível de circular socialmente com base num 'uso público' desse conteúdo pela sociedade" (FRANCISCATO, 2005, p. 169).

O jornalismo e seu produto (a reportagem) possuem o compromisso com o sentido de fidelidade com o real (FRANCISCATO, 2005). Isto é, ainda que, na maioria das vezes, recorra a memória das fontes, e que as memórias possam ser fragmentadas, contraditórias e mesmo conflitantes entre si, o relato jornalístico deve ser o mais fiel possível aos fatos que se propõe relatar. Ainda que, como recurso narrativo, possa, muitas vezes, recorrer a elementos da literatura, o jornalismo trata da não-ficção e da busca pela verdade.

O jornalismo, desde a sua concepção, toma emprestado elementos da literatura e da história oral. Porém, é nos anos 60, nos Estados Unidos, que assume-se essa prática como uma vertente jornalística, a partir do movimento chamado "*New Journalism*". O movimento tinha como objetivo unir técnicas literárias ao processo jornalístico de não-ficção, tornando a leitura mais interessante para uma parcela da população. Esse jornalismo teve como expoentes nomes como Gay Talese, Truman Capote, Tom Wolfe, entre outros que fizeram sua fama nos Estados Unidos em publicações como a revista *The New Yorker*. No Brasil, a Revista Realidade, que circulou por 10 anos pela editora Abril, de São Paulo, foi referência no jornalismo literário nacional.

O jornalismo literário, como prática jornalística, possui algumas características fundamentais, segundo Felipe Pena (2008). Entre elas, estão a capacidade de "potencializar os recursos do jornalismo", de "ultrapassar os limites do cotidiano" e "proporcionar uma visão ampla da realidade". A capacidade de ampliar esses recursos, cria, assim, uma espécie de produto do jornalismo-literário: o livro-reportagem.

Edvaldo Pereira Lima entende o livro-reportagem como extensão tanto do jornalismo quanto da literatura. Ele descreve que essa característica peculiar "(...) de avançar fronteiras do jornalismo para além dos limites convencionais que ele próprio se impõe - que transforma o livro reportagem num produto cultural fascinante" (LIMA, 1993, p. 7).

Fora do Brasil, para além do jornalismo literário e os mais variados temas que esse gênero costuma abordar com profundidade descritiva em suas produções, há uma profusão de livros escritos sobre esporte e, especificamente, sobre futebol, que se relacionam com a literatura. Entre eles, "Entre os vândalos", do jornalista norte-americano Bill Bufford, que se infiltrou

durante quatro anos entre torcidas inglesas para entender a cultura dos hooligans e o fenômeno da violência de massa na Inglaterra.

Outro autor que se propõe a registrar a memória de um tempo a partir do futebol é Andy Dougan, em "Futebol e Guerra". Nessa obra, exemplifica como o futebol passou a acompanhar a história desde o século XX. Dougan reconstrói a tragédia do Dínamo de Kiev durante a ocupação nazista na Segunda Guerra Mundial. Na obra, embasada por uma detalhada pesquisa documental, inclusive, desmistifica pontos citados por Eduardo Galeano em uma de suas crônicas sobre o ocorrido. Mostrando, uma vez mais, a importância do trabalho de apuração, pesquisa e documentação na literatura de e não-ficção, recorrendo a elementos característicos da prática jornalística.

O futebol aparece, também, entremeado com a literatura. Um exemplo é o clássico "Futebol ao Sol e à Sombra", do escritor uruguaio Eduardo Galeano. Aliás, poucos escritores ilustram tão bem a paixão da América Latina pelo futebol como Eduardo Galeano. Com a mesma competência de quem apresentou as mazelas do continente em "As Veias Abertas da América Latina" ou o relato cru dos efeitos da ditadura militar na Argentina em "Dias e Noites de Amor e de Guerra", Galeano tratou do futebol para além do jogo. Em suas diversas crônicas, Galeano falou das copas do mundo. De História. Das desigualdades sociais. Da beleza plástica do jogo. Da emoção do gol. Dos sentimentos. Dos instintos mais primitivos que o esporte, mesmo confrontando com a pessoa com o "real da perda" e as possíveis frustrações desencadeadas por isso, como explica José Miguel Wisnik em "Veneno Remédio: o Futebol e o Brasil", ele ainda consegue mover multidões em torno dele.

Nelson Rodrigues foi um jornalista e escritor brasileiro que afirmava não entender nada de futebol, e de suas táticas e estratégias aplicadas dentro das quatro linhas. No entanto, suas crônicas seguem reconhecidas até hoje no jornalismo esportivo, ao trazer elementos da literatura.

Há jogadores que, após a aposentadoria, se mostraram craques também fora das quatro linhas. Campeão do mundo em 1970 com a Seleção Brasileira, o genial Tostão se formou em medicina após a aposentadoria forçada. Depois, passou a escrever crônicas publicadas em jornais de diversas partes do país, publicadas no livro "A perfeição não existe", título de um dos

textos compilados. Trouxe, na crônica esportiva recente, uma sensibilidade também com elementos emprestados da literatura.

A vizinha Argentina é igualmente apaixonada por futebol. Em outro trabalho jornalístico aliado à literatura, Gustavo Grabía conta a história da torcida organizada de futebol do Boca Juniors, uma das mais temidas do mundo, no livro "La Doce". Tema semelhante é explorado pelo jornalista americano Bill Bufford em "Entre os vândalos", ao se infiltrar entre hooligans ingleses para fazer um estudo sobre o comportamento das massas.

Outro gênero jornalístico que pega emprestado conceitos da literatura é o perfil. Em 1965, os jornalistas João Máximo e Marcos de Castro publicaram "Gigantes do Futebol 13 Brasileiro". Perto da Copa do Mundo de 2014, a edição foi revista e atualizada. Os textos sobre alguns dos maiores jogadores do futebol brasileiro de todos os tempos contam histórias que saem das quatro linhas.

5.3 Crônica: uma provocação

A aproximação e a escolha para a produção do objeto com o jornalismo veio, primeiro, com o livro-reportagem. Mas, ao longo do trabalho, ficou inegável a semelhança de cada um dos capítulos, se lidos de maneira isolada, com a crônica. Assim, se dentro do conjunto eles formavam uma reportagem, também foi possível percebê-los como elementos que funcionam sozinhos.

Próxima ao jornalismo, a crônica é recurso conhecido especialmente no esporte. Autores renomados recorreram a ela no século XX para falar sobre futebol no Brasil. Entre eles, estão Nelson Rodrigues e Armando Nogueira, para ficarmos apenas em dois exemplos.

Para Jorge de Sá (2008), trata-se de um gênero jornalístico, mas que soma a ele elementos da literatura. Cita, ainda, algumas fronteiras próximas com o conto, mesmo que com demarcações próprias de cada um deles.

Ao citar a função poética exercida por grandes reportagens, explica que a crônica, diante da liberdade do cronista, pode trazer uma aparente superficialidade. "A aparência de simplicidade, portanto, não quer dizer desconhecimento das artimanhas artísticas" (SÁ, 2008, p. 10), pontua.

Ao citar outro cronista importante da história do Brasil, Rubem Braga, o autor pontua que a verdade da crônica é o instante. Ou seja: "a pressa de viver desenvolve no cronista uma sensibilidade especial, que o predispõe a captar com maior intensidade os sinais da vida que diariamente deixamos escapar" (SÁ, 2008, p.12).

Para ele, "a crônica pois, é um arco-íris de plumas fragmentando a luz para torná-la mais tonalizante" (SÁ, 2008, p. 14).

A exemplo de Jorge de Sá, Raúl Antelo também cita João do Rio, histórico cronista do Rio de Janeiro. O trabalho está em um livro intitulado *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Os artigos reunidos no volume foram apresentados em 1988 em um seminário sobre a crônica no auditório da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Ao apresentar o conjunto de textos, o organizador Antônio Cândido frisa que a crônica não é um gênero maior:

Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhes dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor (CANDIDO, 1992, p. 13).

Um dos citados, como vimos, é João do Rio. Ele trabalhou em jornais no início do século XX, e é considerado um dos pioneiros da crônica-reportagem. Uma de suas obras mais conhecidas chama-se *As religiões no Rio*, na qual aborda cultos africanos, com análises de cunho antropológico e sociológico.

De acordo com ele, existe na obra a decisão de captar a verdade da ficção.

A crônica de João do Rio pode, portanto, ser entendida como exigência de autonomia estética, que se manifesta no relativo desinteresse pela crônica enquanto função historiográfica oficial e na conceituação do texto como forma artística independente (CANDIDO, 1992, p. 159).

Reside aí, justamente, a contradição. Essa intenção traduz uma espécie de novo conceito de legitimação: o de um arbítrio, daí em diante reconhecido como objetivamente necessário.

5.4. Jornalismo e memória

Para Benetti (2010), é função do jornalismo registrar a memória de seu tempo. O jornalista é, portanto, um agente da construção da memória. Como explorador do passado, "tem a potencialidade de buscar, ou seja, de identificar, em meio à complexa rede de lembranças sociais e individuais, um ponto de partida para a recordação. Isso o define como um sujeito capaz de identificar acontecimentos notáveis" (BENETTI e FREITAS, 2015, p. 178). Para Benetti e Freitas (2015, p. 168), "Tanto o jornalismo quanto a história operam na construção da memória, essa rede difusa e sempre aberta de informações constituída por documentos e lembranças".

Nesse sentido Cornu (1994) afirma que:

Tenta compreendê-lo e explicá-lo. Move-se por definição no provisório e, mesmo sem que o procure, pode acontecer que sua informação tenha por efeito influir no curso dos acontecimentos. A tarefa do historiador é estabelecer, conservar e interpretar um passado que resta aberto a novas apreensões, mas que está por definição estabilizado quanto à produção de factos e acontecimentos. Em cada geração, a leitura da história pode por isso transformar-se em função dos interesses do momento, das hipóteses de investigação, mas não a própria história" (CORNU, 1994, p. 331-332 apud Benetti e Freitas, 2015, p. 168).

A narrativa torna-se, assim, o meio utilizado para o resgate dos acontecimentos transcorridos. O discurso jornalístico, por sua vez, assume seu compromisso com a verdade. A relação entre as duas partes - memória e jornalismo - se apresenta como uma responsabilidade de duas ordens. O compromisso com o real aponta para a verossimilhança, enquanto o compromisso histórico irá conduzir e guiar as questões de memória coletiva.

Para Resende (2007, p. 82), ao analisar o discurso jornalístico é importante "entender que "um discurso não é feito de frases, mas de frases enunciadas, ou, resumidamente, de enunciados" e que a enunciação que daí advém "inclui um locutor que enuncia, um alocutário a quem ele se dirige, um tempo e um lugar, um discurso que precede e que se segue; enfim, um contexto de enunciação", como sugere Todorov (1980, p. 47) [...] Tratar o discurso como sendo feito de enunciados significa pensá-lo como ato de fala, o

que implica considerar o contexto de enunciação e, assim, entender toda e qualquer prática discursiva” (RESENDE, 2007, p. 89).

Para o autor:

A narratividade [no jornalismo] – e aí vale pensar a discursividade em seu sentido ampliado – busca conhecer as falas, inclusive nas duas dissonâncias, com suas respectivas personagens, naquilo que elas também apresentam de contraditório. Ela busca reconhecer, além de tudo, o contexto em que os fatos se dão, sempre no intuito de redimensionar os acontecimentos. Na perspectiva de uma análise narrativa, por exemplo, podemos perceber o quanto as verdades também se revelam nos interditos e nos espaços aparentemente menores (Resende, 2002b).

Benetti e Freitas (2015, p. 168) lembram que “o processo de rememoração é seletivo e apresenta recortes ou lapsos de tempo, uma vez que não se consegue mostrar tudo que ocorreu sem intervalos. Desse modo, as partes podem orientar a compreensão do todo e, conseqüentemente, ampliar os campos interpretativos – atravessando os limites da realidade e repousando na invenção. Os indivíduos se lembram de ações rotineiras, de experiências coletivas e daquilo que foi aprendido e vivenciado em uma situação particular [...]. No entanto, o emaranhado mnemônico trava uma luta inquietante contra o esquecimento, considerando o caráter efêmero do tempo e a aceleração da história.

Nesse sentido, essa pesquisa busca resgatar memórias, conhecendo seus limites, por meio da combinação das diferentes técnicas. Assim, traremos e aplicaremos conceitos do jornalismo, da história oral e do registro de memória, além dos recursos literários na construção textual do livro-reportagem.

5.5. História, memória e cidade

O evento que aqui nos dispomos a narrar está situado, além de em um espaço de tempo, em um local físico. Compreender a cidade de Porto Alegre é compreender o que aquilo representa socialmente para uma população, um grupo, no final da década de 1970.

Porto Alegre não é apenas o cenário, mas é parte da história. A sua existência e a sua concepção, a história que carrega, interfere diretamente na formação daquilo que vem adiante.

Max Weber, em um texto clássico intitulado "Conceito e categoria de cidade", a define como lugar do mercado e da administração pública, detentora de relativa autonomia política. Em um conceito mais subjetivo, Monteiro (2006) define a cidade como parte de uma realidade plural e polifônica. Isso porque, nela, diferentes sujeitos e grupos sociais se apossam desse espaço. Cada experiência é única, produzindo uma memória que explica a dinâmica, inclusive, da forma como esses indivíduos se constroem nesse espaço. A partir daí, constroem a cidade como "tecido, trama, rede de relações sociais, econômicas, políticas, culturais e simbólicas" (MONTEIRO, 2006, p. 21).

Para Ricouer,

A história, para nós, homens, é virtualmente contínua e descontínua, contínua como único sentido em marcha, descontínua como constelação de pessoas. E assim vem decompor-se, na ascensão filosófica da história ao nível da consciência, sua acionalidade virtual e sua historicidade virtual. Facilmente se mostraria que esse desdobramento afeta não somente nossa representação do tempo, cuja estrutura se revela antinômica no nível de afloramento à consciência filosófica da história, mas também a da verdade (RICOUER, p. 42, 1968)

História e memória operam nas margens e, também, nos lugares de silenciamento. Nas lacunas e nos excessos. É preciso transformar isso em material de trabalho para uma compreensão abrangente do período, da trajetória, do recorte no tempo por meio da produção que se busca.

A história da memória aborda a historiografia como uma produção consciente e intencional de uma memória social, pois problematiza a [...] organização dos sujeitos, espaços e tempos que são dignos de serem rememorados, bem como os meios de organização através dos quais as lembranças são transmitidas e recriadas" (MONTEIRO, 2006, p. 29).

Assim, pode-se perceber que a escrita da cidade carrega, com ela, uma memória individual. Ao reunir-se em torno dos diferentes sujeitos, é possível estabelecer uma memória coletiva e, por consequência a construção dessa memória.

6. HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO PARA REGISTRAR MEMÓRIA JUNTO À PESQUISA DOCUMENTAL

6.1. História oral: aspectos teóricos

Para o proposto inicialmente neste projeto, pretendíamos realizar uma incursão em métodos como a história oral e a pesquisa documental para construir o livro-reportagem, combinando recursos e estratégias tomadas dos estilos textuais literário e jornalístico. No entanto, por conta do tempo exíguo, e pela necessidade inicial de passar o projeto pelo comitê de ética para isso, optamos por entregar à banca a primeira versão ainda sem a realização das entrevistas, apenas com o material obtido na pesquisa documental. Caso o projeto avance para eventuais publicações, a partir daí realizaremos as entrevistas com as pessoas aqui citadas. No entanto, diante da necessidade da exposição dos conceitos, decidimos por manter os aspectos teóricos na versão final da dissertação.

Dentro da proposta qualitativa, a história oral foi considerada como a melhor alternativa para coletar informações e memórias das fontes pessoais, por ser "um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas" (MEIHY, 1998, p. 17, grifo do autor), que é capaz de "ouvir e registrar as vozes dos sujeitos (...) e inseri-los dentro dela [da história oral]" (ALVES, 2016, p. 3). Para Portelli (2001), a história oral é uma forma específica de discurso, de modo que é possível entender que a sua complexidade a torna um gênero composto, no qual ao mesmo tempo é um gênero de narrativa e um discurso histórico.

O objetivo da história oral, segundo Thompson (1998), é devolver a história para as pessoas, em suas próprias palavras. Assim, "(...) ao lhes dar um passado, [a história oral] ajudaas também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas" (THOMPSON, 1998, p. 337).

Ao considerar isso, conseguimos definir alguns aspectos estruturais de apresentação da narrativa que constituirá o livro-reportagem. Conforme Walter Benjamin: "A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores

são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos" (BENJAMIN, 1994, p. 198).

David Lodge afirma que, graças à manipulação temporal, a história evita apresentações como uma sucessão de acontecimentos, permitindo, assim, fazer ligações de causalidade entre acontecimentos distantes: "A mudança do foco narrativo para um acontecimento passado é capaz de mudar nossa interpretação de um evento que acontece muito mais tarde na cronologia da história, mas que, como leitores do texto, já conhecemos" (LODGE, 2020, p. 99).

Ao se aprofundar no conceito de história oral, Alberto Lins Caldas (1999) também se debruça sobre outros debates, importantes para serem apresentados com memória e história. Diante das imensas possibilidades trazidas pela liberdade da Escrita Criativa, o tema do título do Campeonato Brasileiro de 1979 do Inter poderia ser abordado de diferentes formas.

Uma opção seria a construção de uma peça ficcional, a exemplo do que é feito pelo autor Michel Laub, no livro "*O Segundo Tempo*". Nesse texto, Laub utiliza como pano de fundo o chamado Gre-Nal do Século, realizado em fevereiro de 1989, pela semifinal do Campeonato Brasileiro de 1988, para criar uma peça ficcional, com seus personagens interagindo e afetados diretamente por um evento real. Trazemos esse exemplo, largamente utilizado pela literatura, para ilustrar como isso pode ocorrer na temática do esporte.

Já neste trabalho, optamos por uma espécie de rigor técnico, balizado pela pesquisa de documentação histórica. A escolha implica, portanto, em amparo nos conceitos trazidos e aqui apresentados. Dessa forma, o embate entre ficção e não-ficção se apresenta porque:

Dobramos e desdobramos o nosso passado nas dimensões do presente com palavras e maneiras de ordenar esses textos interiores como numa espécie de texto de ficção, texto no qual se integram, indistintamente, em sua armação virtual e dialética, a vivência, a imaginação, o desejo, as estratégias narrativas juntamente com dinâmicos e estáticos cruzados cruzamentos seletivos, de palavras, temas, imagens, ideias, sonhos ou significados, em que partes inteiras da vida, do permitido e do proibido, do vergonhoso e do indizível, do aceitável, do honroso e do desonroso, do falso e do verdadeiro, do significante e do insignificante, interpenetram-se numa única realidade (...) (CALDAS, 1999, p. 59).

Ainda diante desse embate, sobre a forma de apreensão do depoimento vindo da história oral, é preciso entender que falar sobre alguma coisa acaba criando uma espécie de “falar sobre”, justamente por conta da falibilidade da memória:

A Realidade, a nossa realidade forjada no e pelo campo vivo do capital, como se houvesse um olho de deus que dissesse tudo num resumo textual, é tão ficcional quanto qualquer outro tipo de realidade considerada assim por outra sociedade humana. Falar do real é sempre um falar sobre, com todas as implicações disso, com todas as insuficiências e grandezas disso, nunca um falar o real, como se toda e qualquer objetividade não fosse uma determinação, uma escolha e uma vivência cultural do que se considera objeto e objetivo (CALDAS, 1999, p. 65, grifos do autor)

Diante da especificidade do assunto a ser trabalhado, julgamos que a melhor opção teórica para esse trabalho é a história oral temática: “dado seu caráter específico, a história oral temática tem características bem diferentes da história oral de vida. Detalhes da história pessoal do narrador interessam apenas na medida em que se revelam aspectos úteis à informação temática central” (MEIHY, 1998, p. 51).

Meihy também afirma que a entrevista de história oral temática exige uma preparação prévia por parte de quem irá conduzi-la, por conta das especificidades abordadas. Assim, a escolha dos colaboradores torna-se fundamental. Ele também aponta que trata-se da “solução que mais se aproxima das expectativas acadêmicas [...] o cerne desse ramo” (MEIHY, 2007, p.38).

Por fim, os aspectos técnicos, ou seja, onde esses conteúdos serão registrados e armazenados para uso futuro, no momento da decupagem e utilização, assumem fundamental importância. Meihy (2007) apresenta como uma série de processos a serem pensados, que envolvem uma série de fatores, tais como: a escolha do grupo de pessoas a serem entrevistadas; a condução das gravações; o tempo, as transcrições e a autorização da utilização do conteúdo, entre outros.

As formas de captação também variam, passando desde o gravador até vídeo e computador. Também é importante estabelecer a utilidade da entrevista, já que deve-se recorrer a ela apenas quando se busca algo específico, que não seja possível de encontrar em outras fontes. Em suma,

"todo trabalho de história oral traduz uma vontade de esclarecimento de situações objetivas ou subjetivas" (MEIHY, 1998, p. 42). No caso desta pesquisa, a entrevista será utilizada para evocar memórias que ampliam ou extrapolam as citações extraídas de jornais da época.

7. A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA

Uma das técnicas que seriam utilizadas para a construção deste trabalho e obtenção dos registros de história oral seria a entrevista em profundidade com nomes importantes da conquista de 1979 do Inter. Dentre eles, Paulo Roberto Falcão, Batista, Mauro Galvão, Valdomiro, Chico Spina, Jair, Valdir Lima e Benítez. Também planejávamos entrevistar jogadores que enfrentaram o Inter naquela campanha, especialmente em jogos importantes, como o clássico Gre-Nal vencido pelo Inter, e a semifinal e final da competição, diante de Palmeiras e Vasco, respectivamente. Entre eles, estão Beto Fuscão (Palmeiras), Emerson Leão, Roberto Dinamite e Gaúcho (Vasco), Baltazar e Éder Aleixo (Grêmio). Além de atletas, outros nomes emergiram de uma pesquisa mais detalhada a respeito dos eventos relacionados com a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e a ditadura civil-militar. Entre eles, dirigentes e cartolas do futebol e da entidade, além de militares e burocratas da CBD. Por fim, outros personagens que podem vir a serem entrevistados são pesquisadores e sociólogos, como Maurício Murad, Roberto Assaf e Marcos Guterman, ou jornalistas e profissionais de imprensa que trabalharam e cobriram o Inter no período ou escreveram sobre, como Ruy Carlos Ostermann e Kenny Braga.

Em relação à narrativa proposta no livro reportagem fruto dessa pesquisa, optamos por organizar a narrativa com a abertura pelas finais da competição, com a prévia da segunda partida da final do Campeonato Brasileiro de 1979, entre Inter e Vasco, no dia 23 de dezembro, no Beira-Rio. A partir daí, apresentar os fatos em ordem de crescimento de tensão da narrativa, passando desde o começo de ano difícil da equipe até chegar ao título. Apresentamos o trabalho divididos em nove capítulos, que narram momentos distintos da campanha do Inter ao longo da temporada.

O primeiro capítulo, intitulado "A cidade e a memória", coloca o leitor na Porto Alegre de dezembro de 1979. E o convida a um passeio pelo centro da cidade, resgatando memórias e percorrendo as ruas ao longo dos anos à medida em que o narrador vai avançando, até chegar ao Beira-Rio. Lá, ele é colocado dentro do estádio, no dia do segundo jogo da final do Brasileirão, entre Inter x Vasco, até seu pontapé inicial.

O segundo capítulo, intitulado "Pontapé inicial atribulado", começa no mês de janeiro e vai até meados de agosto. Apresenta desde a pré-temporada do Inter, disputada em Mar del Plata, passando pela sequência de erros na condução do projeto, até chegar ao Campeonato Gaúcho, em março. Mostra, ainda, as duas trocas de treinadores antes da chegada daquele que viria a conduzir o time ao título, Ênio Andrade.

O terceiro capítulo, intitulado "A Arena vai mal e os times no Nacional", apresenta o contexto político da época. Tanto da ditadura civil-militar brasileira, que já caminhava para uma reabertura lenta, até os preâmbulos do futebol brasileiro e sua má organização na época. Mostra o início da transição da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) para a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) como órgão responsável por organizar o esporte no país, e os fatores que levaram ao inchaço em número de participantes do Campeonato Brasileiro de 1979.

O quarto capítulo, intitulado "Mudanças no aquecimento", apresenta as trocas feitas já às vésperas do início da competição. Diante dos maus resultados e das lesões em sequência, a diretoria opta por trocas na comissão técnica e nos departamentos físico e médico. Além disso, realiza contratações importantes e mudanças na equipe.

O quinto capítulo, intitulado "Clássico em dois atos", mostra dois Gre-Nais em recortes de tempo diferentes. Começamos pelo primeiro tempo do clássico do Brasileirão, em outubro. Nesse meio tempo, volto para o disputado, semanas antes, ainda pelo Gauchão, para só então apresentar o segundo tempo, com gol da vitória do Inter marcado no fim da partida. Abro outra janela no tempo para trazer o contexto do Grêmio naquela semana que, diferente do Inter, teve um jogo no qual se desgastou fisicamente, sendo determinante para o resultado final.

O sexto capítulo, intitulado "Dor e glória", apresenta a primeira fase da competição. A narração é conduzida a partir da lesão de Bira, contratado para ser referência no ataque, logo no início da competição, ainda na estreia do jogador. E ela é retomada justamente em uma das melhores atuações do time na fase inicial, que tem a volta de Bira com direito a gol marcado.

No sétimo capítulo, intitulado "Duas fases, muitas histórias", estão algumas das histórias marcantes das segunda e terceira fase. Também há uma passagem que relembra enfrentamentos históricos entre Inter e Cruzeiro na década de 1970. Por conta dos vários jogos, optamos por não falar sobre cada um deles isoladamente, escolhendo apenas os mais importantes. Inicialmente, a segunda e terceira fases estavam previstas para serem contadas em capítulos separados. No entanto, por termos apenas dois jogos na terceira fase, e uma vitória por W.O., consideramos que a narrativa perderia em fluidez caso fosse separada, podendo tornar-se um pouco prolixa.

O oitavo capítulo, intitulado "Falcão" mostra dois dos jogos mais difíceis do Inter na competição, as semifinais do Campeonato Brasileiro de 1979, contra o Palmeiras. Conduz o leitor por um passeio pelas ruas de São Paulo, até chegar ao estádio do jogo. Também tem como mote o duelo Mococa ou Falcão, que ilustrou as páginas dos jornais à época, com dois dos principais craques dos times. Vantagem, claro, para Falcão, maestro da classificação para a decisão.

O nono e último capítulo, intitulado "Dias sem fim" apresenta as duas partidas finais do Brasileirão. Ela começa justamente no segundo gol do jogo no Maracanã, vencido pelo Inter por 2 a 0, que abre o caminho do título. A partir de então, apresenta o herói improvável da decisão, Chico Spina, até voltar ao ponto de partida da narrativa, o segundo jogo da final, no Beira-Rio. Por fim, a vitória, o título, a festa e a taça. Inter campeão brasileiro de 1979.

Como parte da pesquisa documental, foi realizada pesquisa exploratória documental nos arquivos do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, nos jornais Zero Hora e Correio do Povo do ano de 1979. A partir dessa exploratória, obtivemos algumas constatações, entre elas a de que o time do Inter começou mal a temporada, ficando em terceiro lugar no Campeonato Gaúcho e mudando de treinador mais de uma vez até chegar ao nome de Ênio Andrade. Isto também aparece nas obras de Kenny Braga e Paulo Roberto

Falcão. Por conta dos volumes de edições de jornais 19 encontrados nesse acervo, decidimos por ampliar o período de pesquisa e coleta de material também para o terceiro semestre. Ao realizar essa pesquisa, também constatamos que as edições dos jornais Zero Hora contribuíram mais para a realização da pesquisa documental.

No momento seguinte, ampliamos o raio de ação da coleta de materiais de acervo para a Biblioteca do Inter, localizada no Ginásio Gigantinho. Nele, pudemos obter mais registros em jornais e revistas, como especiais publicados em datas comemorativas, como o centenário do Inter em 2009, e revistas Placar do ano de 1979. Lançada em março de 1970 pela Editora Abril, a Placar permaneceu por décadas como referência em publicação editorial no segmento de Esportes e, destacadamente, no futebol.

No acervo do clube também tivemos contato com a obra do ator, produtor e colunista José Victor Castiel. Em livro lançado em 2021, especialmente para a Colorado Box, um clube de assinaturas em que o torcedor do Inter recebe mensalmente um kit com diversos produtos em casa, Castiel reconstrói a memória do título brasileiro de 1979. Seu texto, intitulado "Invicto 1979 - O time imbatível", faz parte da bibliografia básica desta pesquisa.

A pesquisa documental não deve, jamais, ser estudada separada das vivências, dos registros de fala ou mesmo da vida dos personagens envolvidos. "Os documentos são tão subjetivos quanto o presente, devem ser entendidos dentro do seu próprio processo de criação textual" (CALDAS, 1999, p. 77).

Além disso, foram utilizados outros conteúdos midiáticos, como podcasts. Nesse sentido, vale destacar o episódio 164 do "Meu time de botão, da Central 3 Podcasts", destinado ao Inter de 1979 e o podcast "Direto ao Ponto", do jornal Correio do Povo, produziu uma série em três episódios, intitulada "40 anos do Tri invicto do Inter", veiculada quando o tricampeonato brasileiro do Inter completou 40 anos e que se utilizou de áudios da época, narrações da Rádio Guaíba e novas entrevistas inéditas com os personagens da conquista.

Também foram utilizadas entrevistas disponíveis no Youtube, como a do programa de entrevistas Roda Viva, da TV Cultura, que produziu uma série de episódios com personalidades relacionadas ao futebol antes da Copa de 2010.

Um dos entrevistados foi Paulo Roberto Falcão, ídolo do Inter e da Seleção Brasileira. Entre os assuntos abordados, a memória de alguns acontecimentos da década de 70 e 80, quando jogou no Inter e na Roma, e a sua ausência na Copa do Mundo de 1978, época em que era um dos principais jogadores do país com a camisa colorada.

Para apoiar a pesquisa documental, também foram consultadas obras relacionadas ao Sport Club Internacional, com destaque para "Sangue, suor e talento: o segredo colorado", de Luis Augusto Fischer, "Meu Coração é vermelho", de Ruy Carlos Ostermann, "O time que nunca perdeu", de Paulo Roberto Falcão, "Inter, Orgulho do Brasil", de Kenny Braga e "Internacional - Autobiografia de uma paixão", de Luis Fernando Veríssimo. Alguns autores têm utilizado elementos da literatura na crônica esportiva, recentemente, e também podem acrescentar. Entre eles, "Inter hoje e sempre", dos jornalistas Douglas Ceconello e Daniel Cassol, em que trazem a história do Inter contada a cada dia do ano.

8. A NARRATIVA

Apresentamos o livro reportagem em duas partes. Abaixo, a proposta de sumário, conforme a temática. Os capítulos foram construídos com base no resgate de reportagens de jornais, podcasts e livros que tratam do campeonato de 1979. O histórico, bem como as falas trazidas nesses capítulos, foram extraídos desses referidos materiais.

8.1 Proposta de sumário

Planeja-se que o livro-reportagem fruto deste projeto seja construído de modo a ser dividido em 9 capítulos, conforme a proposta de sumário abaixo:

1. Pré-jogo das finais
2. Temporada até agosto (início ruim, erros na pré-temporada, lesões, Gauchão)
3. Contexto político da época
4. Mudanças no mês de setembro (troca de técnico, mudanças no departamento médico e de futebol, contratações)

5. Gre-Nais (final do Gauchão e jogo da primeira fase, em outubro)
6. Primeira fase
7. Segunda e terceira fase
8. Semifinais
9. Finais e comemoração do título

9. A MEMÓRIA DA CONQUISTA DO TÍTULO BRASILEIRO PELO INTER EM 1979: O LIVRO REPORTAGEM

9.1. A cidade e a memória

Aqui se chorava. Aqui, por fim, se voltava a chorar. Chorava-se discretamente ou sem reserva, abertamente. Aqui corriam as lágrimas e tudo lavavam. Aqui chovia, aqui caía o orvalho. Como comportas que se abrem, em diques que se rompem em caso de inundação. Como é o nome deste rio que sai todos os anos de seu leito sem que o governo faça alguma coisa para evitá-lo?

Quando se deseja um milagre, é preciso saber esperar.

A essência daquilo que forma uma cidade, que a caracteriza como um espaço único no mundo, não se modifica com o tempo. Ao mesmo tempo, existe de modos diferentes para quem está ou não nela. A cidade de quem passa sem nela entrar é uma; é outra para quem nela é "aprisionado" e não sai mais dali. A cidade é uma para quem nela chega pela primeira vez, e é outra para quem a abandona para nunca mais voltar.

Sentado no meio-fio, antes de iniciar a caminhada rumo ao seu destino naquela tarde, poderia ser possível imaginar tudo que vivera até ali; ou como o destino fez com que ali parasse. Numa agora distante juventude, pela manhã. As pessoas caminhavam rápido em direção àquele mercado. As mulheres tinham dentes bonitos e se olhavam nos olhos. Num palco, ainda à vista dos olhos no fim daquela espécie de praça, dois soldados tocavam clarim. E não se sabia muito bem o que esperar da vida.

Avistava o prédio amarelo e sua grande concentração de janelas, com corredores largos pelos quais passaram as mais variadas mercadorias ao longo de seus mais de 100 anos. Para a partir dali, pulsar e direcionar suas

ruas, como se fosse o coração da cidade a pulsar a vida pelas artérias. Até quase escassear, onde a cidade rareia, em vielas mal iluminadas.

Às vezes, o vento soprava naquela direção, vindo do rio, e debruçava sobre a estrutura uma música, como se fossem bumbos ou trompetas. Em outras, o destino também é ingrato, despejando sobre a estrutura que resistiu ao tempo o crepitar de morteiros com a intensidade que ilumina uma festa; o alarido como o de uma metralhadora, como a explosão de um paiol de pólvora no céu amarelado, como se os incêndios que o atingiram ao longo dessa história fossem semelhantes àqueles ateados em guerras civis.

O último incêndio era recente. Havia ocorrido meses antes, em julho de 1979. Iniciado na banca 34, atingiu pelo menos 20 estabelecimentos do prédio. O Jornal Folha da Tarde noticiou: "Incêndio no Mercado. Prejuízo de milhões". A causa teria sido um curto-circuito e, não fosse pela agilidade do Corpo de Bombeiros de Porto Alegre, o prédio teria sido completamente destruído.

- As chamas consumiram quase toda a ala sudeste e foram combatidas com seis carros-bomba, dois carros-pipa e uma Magirus pequena - estampou o jornal.

Mas, há poucos dias, o prédio também fora lembrado por motivos alegres. Ainda agora, em dezembro, tombado pelo Patrimônio Histórico e Cultural de Porto Alegre.

E não sofreu só com o fogo. Na enchente de maio de 1941, o Mercado foi fortemente atingido. A maior inundação já registrada em Porto Alegre fez com que o volume de água chegasse a pelo menos um metro de altura dentro do estabelecimento. Um dos portões ainda carrega essa marca.

Uma cidade também é feita de suas cicatrizes.

Não vemos a cidade no passado ou no futuro. Nem antes de chegarmos nem após sairmos. Ela só existe, ao menos para nós, enquanto nela estamos.

Uma cidade são muitas cidades, seja em que momento do tempo estivermos. Se no final dos anos 1800, enquanto os comerciantes e interessados nos produtos chegam ao Mercado Público em carroças puxadas por cavalos, enquanto o calçamento irregular de pedra da rua dos Andradas

começa a ser substituído por paralelepídeos de granito; ou se no fim dos anos 60, já com muitos carros estacionados ao seu redor, e os bondes amarelos passando apressados para lá e para cá, em uma cidade a caminho irrefreável da modernização.

A construção do Mercado Público data do fim do século XIX. O que faz dele um dos mais antigos de Porto Alegre. Nas suas origens, ainda viu os últimos escravos trabalharem ali. Nos tabuleiros, se vendiam ervas e comidas. Nas imediações, realizavam, quando em tempo hábil, seus rituais de candomblé.

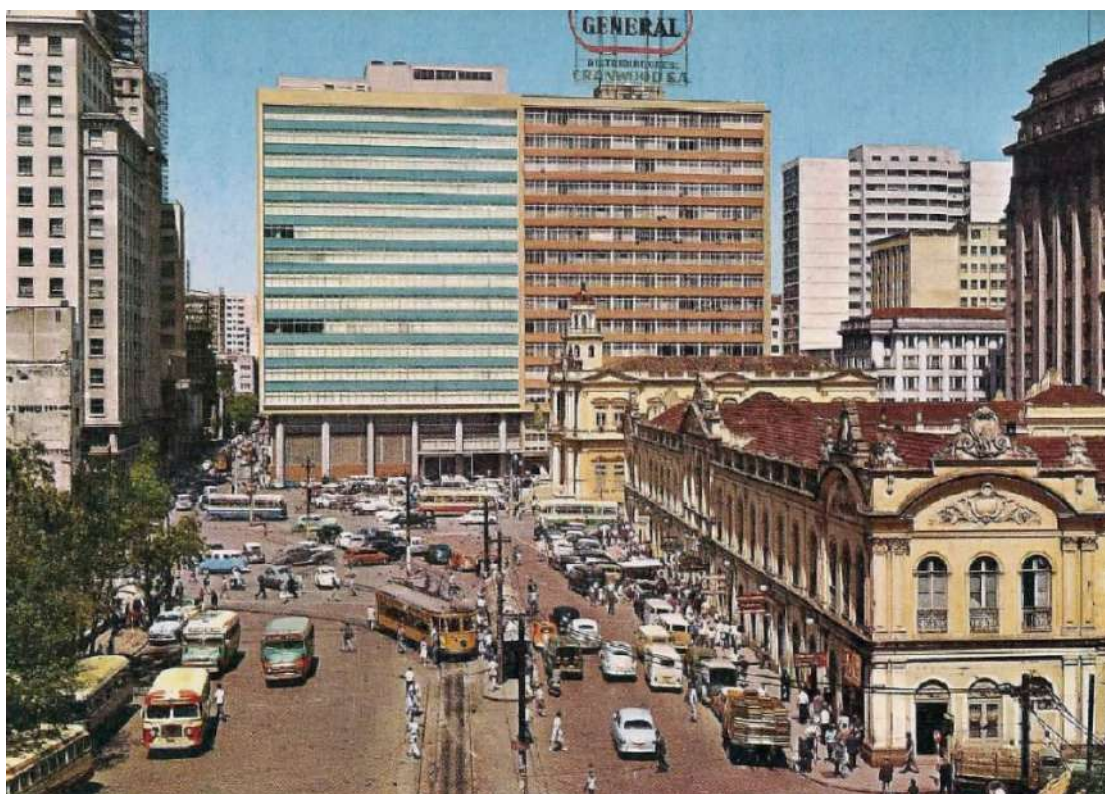


FIGURA 1: Mercado Público, à direita, nos anos 60

Nos dias atuais, subindo rua em direção ao Centro da cidade, já se encontrava outra Porto Alegre. Que se urbanizava rapidamente após a criação do Plano Diretor de 1959 - o primeiro do Brasil. Começava a deixar para trás, também, alguns de seus logradouros mais famosos: o beco dos Marinheiros, a rua da Prisão Militar, as ruas do Pântano e a conhecida rua do Arvoredo.

Já em marcha, na única direção possível naquela tarde, se chega à Rua dos Andradas. Ou, ao menos, é o que diz a placa, daquela Rua da Praia sem

uma praia. Em posição estratégica, próxima ao Guaíba, mostrou desde sempre sua vocação comercial. Não apenas por isso, era como o coração da cidade. Mas também por ser ponto de encontro de diferentes grupos da cidade. Ali, sempre se reuniram esportistas, intelectuais, estudantes, jovens e velhos, com a Praça da Alfândega como espécie de base para as mais variadas confabulações.

A abertura da avenida Borges de Medeiros - por onde sobe o cortejo à medida que as horas avançam naquela tarde - acontece no final da década de 20, ainda nas primeiras reformas urbanas da cidade. Nessas imediações surgem, já no início da década de 30, os primeiros edifícios da Capital.

Já na administração do intendente Otávio Rocha, veio a necessidade de criar uma solução para os problemas de circulação em uma cidade em marcha para a expansão geográfica. O objetivo era criar uma ligação entre o Centro Histórico e o bairro Menino Deus. Em 1928, após uma das mais importantes intervenções urbanísticas da história da cidade, que culminou com a expansão do vão, iniciou a criação do viaduto. O objetivo era facilitar a passagem da rua Duque de Caxias. O projeto foi desenvolvido por Manoel Barbosa Assumpção Itaquí e Duílio Bernardi, com esculturas de Alfred Adloff. O viaduto, com ares e inspirações europeias, foi concluído em 1932. Não por acaso, a obra leva o nome do próprio Otávio Rocha, responsável por uma das grandes obras arquitetônicas da história da cidade.

Era por baixo de seus longos corredores, margeados e sombreados por suas largas colunas, que a multidão seguia. Uns em silêncio, outros mais agitados. Mas com o mesmo objetivo em comum.



FIGURA 2: *Construção do viaduto Otávio Rocha*

Ao avançar, sempre pela Borges de Medeiros, o mergulho no prolongamento da avenida Praia de Belas. Sua origem remontava aos anos 50, quando a região passou por um aterramento. Isso possibilitou a construção dos primeiros prédios modernistas, como os Tribunais.

Mas seu povoamento tem origem um pouco mais antiga. Em meados do século XIX, a região era povoada por chácaras e sítios. Em 1869, a construção de um cais de pedra deu origem à Ponte de Pedra. Só em novembro de 1961 que uma lei municipal assegurou seu nome como Avenida Praia de Belas.

Ainda assim, a cidade carecia de áreas verdes. Como que para solucionar esse problema, surge o Parque Marinha do Brasil - que é, também, o último ponto da caminhada antes de chegar ao destino. Agora, a aglomeração cresce. O burburinho vira barulho, que ganha ares de cantoria até, finalmente, se aproximar com os sons que são ouvidos dentro dos gigantes de concreto em tardes de futebol.

A cidade cinza ganhava uma área verde, com vista privilegiada para o Guaíba. O projeto dos arquitetos Ivan Mizoguchi e Rogério Malinsky é inaugurado praticamente um ano antes, em 9 de dezembro de 1978. Quem por

ali estivesse à época, jamais poderia imaginar o que se viveria a minutos dali, separados por curtos quilômetros, passos, silêncios e vozes.

Seguindo pela avenida, deixando o verde do bosque para trás, as cores que passavam a predominar já eram o vermelho e branco. Lá longe, já era possível avistar o gigante de concreto.

Gigante mesmo, porque leva esse nome desde que está presente na memória e no coração dos torcedores que, a cada dia de jogo, para lá se dirigem. Naquela tarde de fins de dezembro, não poderia ser diferente. Só havia um destino. Só havia um lugar para se estar.

Mas a história dele havia começado muitos anos antes. E sob outro terreno. Porque, em 1958, aquele lugar era tomado pelas águas. Com o serviço de uma draga, vinda do Panamá, que já havia emprestado suas forças para abertura do famoso canal. A ferramenta já estava na cidade "a trabalho", quando auxiliou no aterramento das obras do Jockey Club de Porto Alegre. O responsável também seria o mesmo: José Pinheiro Borda, que futuramente estaria imortalizado no nome do estádio. Isso porque faleceu em 1965, antes mesmo de a obra com a qual tanto colaborou ficar pronta.

A década de 60, aliás, é um marco para a construção e ampliação da cidade. Foi nesse período que surgiram o Auditório Araújo Viana e o Elevado da Conceição, no centro da cidade, dois marcos arquitetônicos de Porto Alegre.

No crepúsculo da década, em 1969, o Beira-Rio finalmente seria inaugurado. Grêmio, Peñarol, do Uruguai, e até o Benfica atravessou o oceano vindo de Portugal para a festa. As seleções de Brasil, Peru e Hungria também foram convidadas para o evento. No primeiro jogo da história do estádio, vitória colorada sobre os portugueses por 2 a 1 diante de quase 100 mil pessoas, em jogo que contou com a presença do ídolo e craque Eusébio.

Dez anos depois, a mágica estava para acontecer de novo. Porque, no fim das contas, não importa quantas vezes ela venha a acontecer através da história. Se quatro ou cinco anos atrás, se só a geração anterior pôde presenciar de dentro do estádio, ali, há mais de 20 anos. É preciso que se veja

acontecer diante dos nossos olhos. A história só é como é se cruzar também com a nossa história.

O início dos anos 70 marca o encerramento da cultura urbana como ligação das experiências sociais das elites nos cafés, bares e restaurantes da cidade. A área central é reurbanizada, com calçadas para pedestres nas ruas do Centro. Ao mesmo tempo, intervenções nos espaços públicos centrais garantiam a manutenção da memória coletiva do cidadão sobre Porto Alegre.

Em uma crônica publicada no jornal Correio do Povo, em 1971, o jornalista Alberto André fala sobre a relação entre essas obras e a nova experiência do espaço urbano com a memória de outros tempos da cidade. Nela, afirma que o último bonde que andou por Porto Alegre carregou com ele a velha paisagem da cidade.

A tarde quente daquele domingo também marcava a proximidade com o Natal. Corre-corre nas ruas. A busca por passagens para sair da cidade. As filas cada vez maiores. A corrida aos distribuidores de bebidas e a falta de chope para as festas de fim de ano. A cidade fica desumana, em uma época que deveria representar justamente o contrário. A cidade está tonta.

Na página central da matéria especial do jornal Zero Hora sobre o fim de ano, a chamada alarmante. "Uma má notícia: já está faltando chope". Os taxistas, por outro lado, comemoravam. Motoristas aproveitavam o movimento para faturar mais e mais com o fluxo acentuado.

Mas não era isso que importava para a multidão.

No microfone da Gaúcha, o ex-técnico da Seleção Brasileira e comentarista esportivo, nascido no Rio Grande do Sul, João Saldanha, fez o alerta. E traçou um paralelo com a bebida em falta nas ruas da Capital, com a

população ávida para aplacar o calor com goles vigorosos. Poderia o Vasco botar “água no chope” do Inter. Era preciso muito, depois do que havia acontecido no Rio de Janeiro dias antes. No entanto, ninguém parecia acreditar muito naquilo.

O clima era de que a hora da festa estava chegando. E ninguém poderia deixar de estar lá quando isso acontecesse.

Do pátio do estádio e, depois, rampa acima até a boca do túnel que dá acesso às arquibancadas quentes de concreto, era como se tudo acontecesse de modo automático, como se o corpo fosse levado até ali carregado por algo sobrenatural. Sem qualquer controle.

As filas se formavam desde o início da manhã, nos portões de acesso ao estádio. As filas para as arquibancadas superiores ultrapassavam os limites do ginásio Gigantinho. Os portões só seriam liberados depois de longa espera abaixo do calor escaldante que fazia em Porto Alegre desde o amanhecer.

A comemoração já havia começado antes mesmo de os torcedores entrarem no estádio.

E logo se está em meio à massa, disforme, única. Os mais de 50 mil presentes eram um só. Se fosse possível buscar uma lógica, uma explicação racional para estar ali, será que encontraríamos?

Sempre exposto muito mais ao risco de perder, às frustrações que o jogo impõe às vidas daqueles que o acompanham, desde sempre; do que da possibilidade de ganhar, de sair dali campeão.

Em meio àquela enorme festa que a multidão ensandecida fazia no estádio minutos antes de os times subirem à campo, nada disso importava. Bandeiras vermelhas tremulavam nos mastros agitados habilmente por mãos ávidas pela comemoração, já engatilhada e ensaiada dias antes. Parecia ser mera formalidade, mas ainda assim era preciso vencer a última etapa.

De repente, a loucura toma conta do estádio. O recebimento do time com a entrada em campo. Mais papel picado, e as bandeiras voltam a ser tremuladas, agora com mais força.

Para, minutos depois do delírio, subitamente, tudo voltar a ficar em suspenso no ar. O tempo congela no espaço. E é como se o silêncio se tornasse audível. A partir daquele instante, só se ouve o trilar do apito.

O chute, o primeiro toque nela.



FIGURA 3: *Multidão se aglomera no entorno do Beira-Rio antes do início da partida*

Quem lá estava, não esquece. O relógio marcava 16 horas e 45 minutos. 23 de dezembro de um domingo ensolarado do ano de 1979.

E a bola rola no estádio Beira-Rio, para o segundo jogo da final do Campeonato Brasileiro, entre Inter e Vasco.

9.2 Pontapé inicial atribulado

A jornada costuma trazer muito mais sofrimento. Ocasionalmente, surgem os momentos de alegria transcendental. Não é como se isso fosse acabar algum dia. Para meninos e meninas que começam essa caminhada, a gostar desse esporte maldito, é assim que funciona.

Está ali o tempo inteiro, à espreita. Como uma paixão fulminante que começa nos tempos da escola. Como mais tarde nos apaixonamos pelas mulheres: de repente, inexplicavelmente, sem aviso, sem pensar no sofrimento e nos transtornos que ele possa nos trazer.

É, quase sempre, uma questão de tempo. E o tempo pode ser relativo. Aqui, estamos em janeiro, muito mais perto do sofrimento do que dos raros momentos de alegria transcendental.

Estamos em janeiro de 1979, e o Inter entraria em campo no Beira-Rio pela primeira vez em 43 dias. O último jogo havia sido a final do Gauchão do ano anterior, vencido por 2 a 1, com gols de Valdomiro. Eder havia anotado para o Tricolor.

Era um jogo festivo, para a tradicional entrega das faixas. O Inter enfrentaria a Seleção de novos da Tchecoslováquia, que havia chegado dias antes, no sábado, em Porto Alegre. Acostumados com o clima do inverno europeu, reclamaram do forte calor na capital gaúcha. Hospedaram-se no Hotel Plaza e, por conta da temperatura, não marcaram nenhum tipo de treinamento. Apenas passearam pela cidade.

Certamente, o fator foi determinante para a derrota por 4 a 0 na noite de segunda-feira. Depois da festa, os tchecos foram vítimas do bom futebol apresentado pelo Inter, capitaneado por Falcão, Batista, Adilson e Valdomiro.

Mas o brilho daquela noite ficou por conta de Luis Fernando. Mostrando muita vontade, o atacante, que era dúvida para a partida (Chico Spina chegou a ser cotado para começar), anotou três gols. Se nos primeiros 15 minutos os goleiros assistiram a partida, a situação se modificou no perto do intervalo. Em contra-ataque rápido depois de um escanteio, Luis Fernando marcou o

primeiro. Na etapa final, anotou mais duas vezes. Falcão deu números finais ao confronto, já decidido.

Os jogadores, então, viram Claudio Duarte rodar a equipe. O time ainda era muito diferente daquele que viria a terminar a temporada. Além do próprio Luis Fernando, nomes como Tonho, Bob, Tabajara, Emerson e Lucio atuaram contra a Tchecoslováquia. De qualquer forma, a primeira impressão era de uma temporada promissora.

O sol nascia cedo e alaranjado sobre o oceano, naqueles inícios de dia, em Mar del Plata. Fazia calor no verão, na Pérola do Atlântico. O mês de janeiro era sempre o mais quente, com os termômetros chegando na casa dos 26 graus.

Como toda a Argentina, era uma cidade apaixonada por futebol. Meses antes, estava em polvorosa. A Copa do Mundo de 1978, em meio à ditadura de Videla, havia passado por ali.

No Estádio José María Minella, nome dado em homenagem ao ex-jogador nascido na cidade e ídolo do Gimnasia y Esgrima, de La Plata, e do River Plate, na primeira metade do século XX, grandes jogos foram disputados. Mais precisamente, seis partidas. Logo no primeiro duelo litorâneo, um jogo de duas das mais tradicionais seleções europeias: a França venceu a Itália por 2 a 0, em jogo válido pelo grupo A. Itália e França voltaram a jogar na cidade, com ambas as equipes vencendo a Hungria pelo placar de 3 a 1.

O Brasil jogou em Mar del Plata por três vezes no Mundial. Para pouco mais de 32 mil pessoas, empatou em 1 a 1 com a Suécia pelo grupo C. Depois, ficou no 0 a 0 com a Espanha, e só venceria na cidade na despedida - da Seleção e de Mar del Plata na Copa - quando bateu a Áustria por 1 a 0, com gol de Roberto Dinamite, ídolo do Vasco.

Era em uma cidade ainda de ressaca pelo Mundial que o Inter faria sua pré-temporada, longe de Porto Alegre. Após a partida contra a Tchecoslováquia, na tarde de terça-feira, 30 de janeiro, o Inter embarcaria para a Argentina, para o torneio de verão de Mar del Plata. A delegação seguiu com 18 jogadores, com previsão inicial para enfrentar outra seleção da

Tchecoslováquia, que excursionava pela América Latina; o Racing, de Avellaneda; o River Plate e o Boca Juniors, campeão mundial em 1977 (o torneio não foi disputado em 1978 e, portanto, o time de Buenos Aires ainda detinha o título).

Foi justamente no torneio que os primeiros erros de planejamento e os problemas da temporada começaram a aparecer. E não foi nem por conta dos resultados negativos.



FIGURA 3: Inter enfrenta o Boca Juniors no torneio de Verão de Mar del Plata. Foto: CP Memória

O trabalho de preparação, que deveria servir para ajudar o time, na verdade acabou atrapalhando. Seja por conta da viagem ou do desgaste em partidas de alto nível de intensidade contra os estrangeiros, o time sofreu. Após o Brasileirão, Falcão avaliou a disputa como um percalço.

- Acredito que o principal erro foi o campeonato na Argentina, quando não estávamos preparados para enfrentar equipes fortes. Não fomos mal, mas prejudicou muitos jogadores que não conseguiram se recuperar para um Campeonato Gaúcho tão desgastante, com jogos quartas e domingos. Além disso, tivemos muitas lesões e os mais experientes não estavam em campo para acalmar os mais novos - afirmou.

Na estreia, derrota para a Tchecoslováquia por 1 a 0. Depois, empate com o Racing em 1 a 1. Após essa partida, o meia Jair foi desligado da delegação. O argumento era de que o jogador havia cometido um ato de indisciplina, e voltou a Porto Alegre.

Contra o River Plate, jogo movimentado, e um empate em 3 a 3. O problema na partida foi a lesão de Batista - algo que viria a se repetir por toda a temporada. No último jogo, nova derrota, agora para o Boca Juniors.

Assim, o Inter embarcou de volta para Porto Alegre sem vitórias. E já cercado de desconfianças quanto ao desempenho no restante da temporada.

A estreia do Inter na tentativa de defender o título gaúcho conquistado em 1978 seria contra o Esportivo, de Bento Gonçalves, no dia 8 de março, uma quinta-feira. Mas os prognósticos não eram dos mais animadores, dado o retrospecto recente.

Quatro dias antes, no domingo, o Inter estava do outro lado do Estado. Mais precisamente, na fronteira Oeste, em Uruguaiana. O último teste antes do início do Estadual seria um amistoso contra o Ferro Carril. Em um campo pequeno, acanhado, e em uma tarde de muito calor.

E a vitória no estádio Joel de Lima e Silva até veio. O Inter fez 2 a 0, mas repetiu um problema que vinha desde janeiro e que acompanharia o time ao longo de todo o Estadual, até meados de setembro: perder muitas oportunidades de gol.

Tanto é que, depois de desperdiçar chances incríveis nos primeiros 45 minutos, os gols só saíram na etapa final. Luis Fernando e Peri decidiram a partida.

O jogador já havia sido decisivo dias antes, também na fronteira. Contra o São Borja, também entrou na etapa final, e marcou. O jogador chegava às vésperas da estreia no Estadual com sete gols marcados na temporada. No entanto, quem o acompanhava de perto nessas partidas, assegurava: perdeu mais do dobro do que aqueles que marcou.

Dias depois, o setor ofensivo seria colocado a prova diante do bom time do Esportivo. Do meio pra frente, o técnico Claudio Duarte colocou em campo Jair, Valdomiro, Chico Spina e Peri.

Mas a torcida deixou o Beira-Rio decepcionada. O time se mostrou pouco organizado e chegou a estar perdendo para o Esportivo. Após um primeiro tempo ruim, Neia marcou na etapa final. A resposta veio minutos depois, em um lance duvidoso: pênalti polêmico marcado para o Inter, que Valdomiro converteu e definiu o placar em 1 a 1.

Horas antes da partida, um caso extremo de outro problema que viria a perseguir o Inter ao longo de toda a temporada: as lesões. Às 16h45min, Batista estava dando entrada no Hospital Moinhos de Vento, onde seria operado por volta das 8h da manhã seguinte, para correção de uma hérnia na perna esquerda. Ele estava acompanhado de sua mãe, dona Belmira da Silva, e de uma amiga. Em um tempo em que as interações eram mais genuínas entre torcedores e jogadores, duas torcedoras que estavam em frente ao elevador do hospital reconheceram o atleta:

- Olha, é o Batista, aquele que joga no Inter. Será que o que ele tem é grave? - disse uma das jovens.



FIGURA 4: Batista, horas antes de passar por cirurgia. Fonte: Jornal Zero Hora

O próprio jogador se apressou e negou. Pegou o elevador e foi até o quarto. Para passar o tempo, desfez a única mala que levou ao hospital, conversou com a mãe, e esperou. A espera, de fato, seria longa. Depois da operação, a expectativa era de que Batista, um dos jogadores mais importantes para o esquema do Inter, ficasse fora por cerca de 40 dias.

Mais uma vez sem ele, o Inter entrou em campo para outro desafio no Estadual, 10 dias depois. Agora, no entanto, o resultado foi positivo. E a torcida deixou o Beira-Rio animada dessa vez, especialmente com aquilo que viu no segundo tempo. O Inter fez 4 a 0 no Gaúcho, de Passo Fundo. Ainda assim, não era como se a torcida estivesse empolgada. Tanto que compareceu em pouco número ao Beira-Rio. Pouco mais de 14 mil torcedores estiveram presentes no estádio naquele domingo.

O jogo, no entanto, marcava a volta dos titulares. E, também por conta disso, o resultado foi positivo. Valdomiro marcou duas vezes, no seu 11º aniversário como jogador do clube. Os outros dois foram marcados pelo estreante Mário.

Mas isso não foi conquistado sem sofrimento. A retranca do Gaúcho funcionou e, no intervalo, a partida terminou empatada em 0 a 0. Diante do mau futebol apresentado, o público do Beira-Rio não hesitou em vaiar a equipe na saída de campo.

O cenário só começou a se modificar no início da partida. Logo a 1 minuto, Valdomiro recebeu grande passe de Caçapava e foi às redes. Depois disso, o Inter amassou o adversário para construir sua goleada de 4 a 0.



FIGURA 5: Inter deu esperança ao torcedor no início do Gauchão. Foto: Jornal Zero Hora

Mas a partida também foi marcada por um problema extra-campo. No jornal Zero Hora de segunda, a manchete dizia: "Inter x Gaúcho pode ser anulado (segundo a CBD)".

De acordo com a matéria, o Inter poderia, inclusive, perder os pontos da partida. Isso porque Mário teria atuado sem condições legais de jogo, de acordo com a entidade responsável pelo futebol brasileiro. A Federação Gaúcha de Futebol negou a informação, e garantiu que o atleta tinha contrato registrado desde a sexta-feira anterior ao jogo.

À época, o artigo 72 do Código Brasileiro Disciplinar estabelecia que qualquer clube que incluísse um jogador irregular em uma partida perderia os pontos ganhos. Além disso, precisaria arcar com uma multa de 10 mil cruzeiros. Caso houvesse o entendimento de que a Federação tivesse responsabilidade no caso, ela também seria punida.

A FGF, no entanto, negou qualquer tipo de problema. O presidente Rubens Hofmeister fez questão de explicar a situação:

- No dia 12, um funcionário da Federação levou o pedido de transferência ao Rio, e entregou no dia 13. No dia 15, o próprio presidente do Inter, Marcelo Feijó, viajou com o contrato, e com um ofício da Federação solicitando o registro. No mesmo dia nós recebemos a devolução aqui em Porto Alegre, e no sábado informamos ao Inter que a situação de Mário estava legalizada. Agora, essas notícias me deixam surpreso, pois desconheço

qualquer coisa a respeito - afirmou, citando ainda uma possível briga entre paulistas e cariocas, alegando que o Palmeiras queria o jogador de volta.

As declarações do vice-presidente do Inter, Gilberto Medeiros, também davam conta de que o clube não sabia de eventuais irregularidades:

- A Federação liberou o contrato de Mário na sexta-feira, e é só isso que eu sei. Acho que não há problema, realmente - frisou.

Em meio aos imbróglios legais, o Inter seguia patinando dentro de campo. No dia 25, o Inter voltou a jogar no Interior, agora contra o 14 de Julho, em Passo Fundo. Mesmo com sete dos 11 jogadores considerados titulares, a equipe de Claudio Duarte não conseguiu render aquilo que se esperava. Cedeu contra-ataques demais ao rival, e ficou apenas no empate em 0 a 0.



FIGURA 6: Inter tropeça e deixa ponto no Interior. Fonte: Jornal Zero Hora

Com o resultado, o Inter caiu para a terceira colocação no Campeonato Estadual. Ficou a dois pontos do Grêmio e um atrás do Juventude.

O Inter passaria a oscilar durante todo o mês de abril e, até o fim do Estadual, mesmo conquistando pontos e, eventualmente deixando essa colocação, viria a terminar o Campeonato Gaúcho exatamente na terceira colocação, atrás de outro time da Serra: o Esportivo de Bento Gonçalves.

No primeiro turno do Estadual, o Inter até terminou com 14 vitórias e quatro empates. Mas o algoz da temporada até aquele momento viria da Zona Sul do Estado. Foi a equipe responsável pela única derrota na primeira fase. E o resultado seria determinante na saída do primeiro dos três treinadores que o Inter teria na temporada. Antes, no entanto, é preciso entender como ele chegou lá.

Cláudio Duarte era egresso das categorias de base do Inter. Entre seus treinadores importantes, esteve Marco Eugênio, que foi fundamental na carreira de outro jogador que viria a integrar o time de 1979, o volante Batista.

Ainda em 1971, Cláudio Duarte já era titular da lateral-direita do Inter. Esteve no time bicampeão brasileiro em 1975 e 1976, na condição de dono da posição. Incontestável.

No entanto, em 1977, com apenas 26 anos, começaram a aparecer as lesões. Primeiro no fêmur e, mais tarde, as mais graves. O problema no joelho foi determinante para o encurtamento de uma vitoriosa, porém breve, carreira.

Assim, passou a integrar a comissão técnica. Tornou-se interino após a saída de outro grande ídolo: Carlos Gainette Filho, ex-goleiro na transição dos Eucaliptos para o Beira-Rio.

Diante da necessidade de um técnico permanente, a diretoria do Inter optou por efetivá-lo no cargo. Para seu auxiliar, chamou Otacílio Gonçalves da Silva Júnior, o Chapinha.

Foi da nova comissão técnica a ideia de colocar, em 1978, um time considerado mais agressivo. Disse para Falcão:

- Vou botar em campo os melhores, e vocês que deem um jeito de se ajudarem.

Assim, Caçapava, Jair, Batista, Falcão e Jair passaram a atuar lado a lado, em um dos times mais talentosos do país àquela altura. Assim, não foi difícil para o Inter dominar o Campeonato Gaúcho de 1978 e conquistá-lo de maneira absoluta.

No segundo turno do Estadual, nova derrota para o São Paulo de Rio Grande. Isso influenciou de forma determinante para que Cláudio Duarte deixasse o comando técnico.

Depois, já com Chapinha como técnico interino, novo empate em clássico Gre-Nal. O resultado garantiu ao Grêmio ponto extra no início do octogonal final.

Futuramente, em entrevista ao Correio do Povo, Cláudio Duarte falaria sobre a saída.

- Eu me retirei. Tive um probleminha pessoal que me fez sair. Foi em um domingo ao meio dia e tínhamos um Gre-Nal à tarde. No domingo, concentrado para o jogo, chamei o presidente e o vice para dizer que estava fora - revelou.

Quem assumiu foi Zé Duarte, técnico paulista com passagens pelo interior daquele estado. Mas a situação não se modificou. O Inter voltaria a perder para o São Paulo comandado por Ernesto Guedes, a terceira no Estadual. E perderia pela primeira vez na temporada para o rival Grêmio, justamente na estreia do novo comandante. Assim, o Grêmio abriu cinco pontos de vantagem e, antes da metade do octogonal final, já era o virtual campeão. No retorno, o time desandou de vez.

Em meados de agosto, já na reta final do Estadual, a situação parecia irreversível. Naquele campeonato, de fato, era. Mas tudo indicava que o restante da temporada estava comprometido. Parecia um navio rumo à tempestade, fadado a naufragar nas águas de setembro, com o Brasileirão prestes a começar.

9.3. A Arena vai mal e os times no Nacional

Há um episódio em particular bastante ilustrativo sobre a bagunça do futebol brasileiro na década de 70. Imagine que você é um estrangeiro, que desembarca no país vindo em um avião da Varig em meio ao campeonato nacional, e se depara com coisas extremamente difíceis de entender.

O Náutico Capibaribe, de Pernambuco, precisava jogar no Piauí. A situação parece simples de se resolver: você pega um avião de Recife e, horas depois, está lá. Acontece que a Confederação Brasileira de Desportos, não tinha feito reservas para o destino. E havia um motivo para isso, já que não havia sequer tabela prevendo o confronto com antecedência.

Não havia lugares no avião. Mas o Náutico precisava chegar lá. Era preciso atravessar a Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Procuraram-se as conexões, sem sucesso.

A companhia aérea apresentou uma solução. Primeiro, um avião do Recife a Salvador. Depois, para Brasília, com conexão de uma hora, para São Luís, no Maranhão. Outra hora, para enfim rumar ao Piauí. E assim foi o Náutico, na sua logística, fazendo a conexão Recife-Salvador-Brasília-São Luís-Teresina.

Ainda em setembro, antes do início da disputa, alguns clubes resolveram se unir, acusando Confederação Brasileira de Desportos e as federações de fazer "politicagem" contra o futebol brasileiro. Em matéria de página inteira no caderno de Esportes de Zero Hora, o enviado especial Cláudio Dienstmann publicou matéria sob o título de "Carta do Rio denuncia traição aos clubes".

Nove clubes brasileiros assinavam o documento: Flamengo, Vasco, Botafogo, Fluminense, Internacional, Grêmio, Corinthians, Atlético-MG e Cruzeiro. Os presidentes das equipes se reuniram no Hotel Nacional, no Rio de Janeiro, para divulgação do relatório.

Entre as reclamações dos clubes, estava a de que o futebol era tratado no país com base em uma "política suicida", orientada pela CBD e pelas

federações, sem fazer o devido investimento nos clubes, que arcavam com todas as despesas, e com menos retorno do que o devido.

Afirmavam, ainda, que a competição foi "agigantada" por fatores estranhos, além de se tornar "inviável". Havia a solicitação para redução drástica de clubes da Primeira Divisão. E abria uma solicitação para mudança de data do campeonato nacional, passando a ser de janeiro a julho. Em 1979, o Campeonato Gaúcho foi realizado de março a setembro.

O documento foi lido pelo então presidente do Flamengo, Márcio Braga. Na ocasião, apresentou-se como um defensor da extinção das federações estaduais - outro item proposto no documento. Que não poupou palavras ao presidente da Federação Gaúcha, Rubens Hofmeister.

- As federações nem deveriam existir. E o pior ainda é quando elas têm presidentes pouco inteligentes como esse no Rio Grande do Sul. - disparou.

Hélio Dourado, presidente do Grêmio, foi outro que esteve presente no encontro. No dia anterior, assistiu à vitória do Botafogo por 2 a 1 sobre o América, pelo Campeonato Carioca. E opinou sobre a fórmula do Campeonato Brasileiro de 1979:

- Nós ainda não tivemos muito tempo para estudar o nacional, mas já vimos que ele ainda tem alguns problemas. Os paulistas, por exemplo, não vão entrar com suas seis melhores equipes na fase semifinal. - afirmou.

Isso porque o regulamento era bastante específico quanto à terceira fase do Campeonato Brasileiro de 79. Além dos 14 classificados da etapa anterior, juntavam-se a eles Guarani e Palmeiras, respectivamente campeão e vice do nacional de 1978. O que garantia a eles, ainda, descanso maior após o fim dos desgastantes estaduais, na comparação contra aqueles que já iniciavam o certame imediatamente.

Diante da situação delicada, o presidente do Vasco, Agartino Gomes, também presente na reunião, chegou a sugerir que os cariocas abandonassem a disputa antes mesmo do início. Mas nem todos deram a mesma atenção ao encontro. Palmeiras e São Paulo apenas mandaram telegramas de solidariedade, e o Santos sequer se manifestou.

As indefinições afastaram quatro dos clubes paulistas da competição. Corinthians, São Paulo, Portuguesa e Santos decidiram pelo boicote. A discordância também tinha a ver com o calendário. Os rivais viam benefício

direto a Palmeiras e Guarani e, portanto exigiam igual tratamento, ou seja, entrar nas fases mais agudas do torneio.

A previsão para a temporada era de que um torneio Rio-São Paulo seria realizado. No entanto, o torneio foi cancelado.

Os clubes também decidiram por priorizar o Campeonato Paulista. Em uma verdadeira "bola de neve" empurrada pelos dirigentes do futebol brasileiro à época, com um calendário atropelando o outro por anos em sequência, já era hábito que um campeonato invadisse o ano seguinte.

O Campeonato Paulista de 1978 só acabou no fim de junho de 79. Três dias depois, começou o estadual daquele ano. Para disputarem o Brasileirão, os quatro clubes precisariam disputar os dois campeonatos de uma vez, com jogos às terças, quintas e domingos. No entanto, a decisão para evitar o desgaste e a rusga já instaurada com a CBD pesaram para o abandono do nacional.

Em suma, os clubes buscavam a criação de uma confederação exclusiva para o futebol. Assim, também em 1979, surgiu a Confederação Brasileira de Futebol. A entidade é criada em maio de 1979 e, portanto, antes da realização do campeonato nacional.

Para a realização destas modificações, era necessário que o almirante Heleno Nunes deixasse a presidência da CBD. Algo que era totalmente contrário à sua vontade, sob temor de perder influência, já que aproveitava-se da fraqueza política de outros esportes filiados à entidade.

À época, o almirante já não apresentava bom quadro de saúde. "Cansado e doente", deixou de comparecer a reuniões importantes com presidentes de federações, em setembro.

Em suas raras incursões à sede da CBD, estava sempre acompanhado de perto por um segurança da Marinha. Heleno passou dias internado em uma Unidade de Terapia Intensiva e chegou a precisar da utilização de cadeira de rodas.

Mesmo debilitado, começou a perder o apoio das federações ao declarar que eram os próprios presidentes das entidades os responsáveis pela confusão

no Campeonato Brasileiro. E também atacou Hofmeister. Além disso, citou o presidente do Flamengo como possível postulante à cadeira de presidente da CBF, criada meses antes.

E chegou a dizer que poderia cancelar o Campeonato Brasileiro de 1979. Além disso, admitiu a possibilidade de seguir no comando, agora na CBF.

Ao perceber que a entidade de fato seria implantada, Heleno Nunes lançou sua candidatura à presidência. Seu rival era o então presidente do Conselho Nacional do Desporto, o empresário Giulite Coutinho, amigo do presidente João Figueiredo.

Em um gesto para demonstrar seu poder de influência, o governo Figueiredo resolveu utilizar de artifícios para interferir nas eleições. Candidatos que haviam decidido não votar em Coutinho deveriam ser impedidos de viajar a o Rio de Janeiro. Em compensação, presidentes cujas federações assumissem voto no candidato do presidente teriam as condições de transporte facilitadas.

Assim, a primeira eleição da história da CBF foi realizada em dezembro de 1979. Vitória de Giulite Coutinho sobre Heleno Nunes, com palcar de 16 votos a 10.

Antes de ser eleito, à época ainda presidente do CND, Coutinho foi questionado pelo repórter Marcelo Rezende, da Revista Placar, sobre o tamanho do campeonato. Respondeu que o número de 94 participantes era uma loucura. De acordo com ele, o processo de interiorização da CBF teve méritos, mas às custas da saúde financeira dos grandes clubes.

Essa insatisfação dos clubes acabou por afetar desportivamente o Inter já dentro do Campeonato Brasileiro. No quadrangular da terceira fase, Inter, Goiás, Cruzeiro e Atlético-MG estavam no mesmo grupo. Apenas o melhor colocado avançaria às semifinais.

Cada equipe teria direito a jogar pelo menos uma partida dentro de seus domínios. O Atlético-MG se preparava para receber o Goiás, no Mineirão, após empate em 0 a 0 com o Cruzeiro no estádio Magalhães Pinto, considerado campo neutro.

No entanto, o presidente da CBD, almirante Heleno Nunes, remarcou a partida para o Serra Dourada. O motivo seria a proximidade com o presidente da Federação Goiana. A situação gerou revolta na cúpula atleticana, que impediu seus jogadores de atuarem. A rebelião foi encabeçada pelo então presidente do clube, Valmir Pereira da Silva.

Em entrevista à rádio mineira Itatiaia, e reproduzida nas páginas da Revista Placar, o presidente da CBD afirmou que a reclamação do Atlético-MG era esdrúxula:

- O Goiás teve mais pontos que o Atlético na fase anterior: fez 11 pontos, contra 10 do Atlético. Não vejo razão para o Atlético chiar - disparou.

O Galo chegou a entrar com um pedido na Justiça para a paralisação do Campeonato. Uma liminar foi concedida pelo juiz Celso Felício Panza, da 20ª Vara Cível do Rio. O texto determinava a realização do jogo contra o Goiás no Mineirão. No entanto, isso acabou não acontecendo. Ainda que, de acordo com a própria publicação, o já eliminado time goiano se dispusesse a ir ao Mineirão enfrentar o adversário.

O Inter, no entanto, nada tinha a ver com isso. Brigado com a CBD, o Atlético-MG não viajou para enfrentar Goiás e Inter. A decisão foi de W.O. para as duas equipes, com placar de 1 a 0. Assim, o Galo foi o último colocado da chave.

A decisão, inclusive, submeteu o Inter a uma situação considerada "ridícula" inclusive por Paulo Roberto Falcão. O time precisou fardar, entrar em campo no Beira-Rio e ficar esperando por 20 minutos, juntamente com o árbitro Wilson Carlos dos Santos.

João Saldanha era uma das tantas vozes críticas à organização e ao funcionamento do Campeonato Brasileiro de 1979. Gaúcho, comunista declarado, ex-técnico do Botafogo e técnico da Seleção Brasileira responsável pela campanha invicta na classificação para a Copa de 1970 (sendo substituído por Zagallo após as Eliminatórias), era colunista da Revista Placar à época do nacional.

Em uma coluna escrita após o fim da competição, intitulada "1979: ano nacional da balbúrdia", Saldanha descreveu a temporada como a "pior da história do futebol brasileiro". Afirmou, ainda, que os clubes terminaram com déficits financeiros e esportivos.

Crítico ferrenho da política nacional no contexto da ditadura civil-militar, não se furtou a afirmar que o futebol refletia a crise geral do país. Citou o crescimento da inflação e o afastamento do público dos estádios por questões financeiras.

"Todos sabem que o governo brasileiro, principalmente de 1964 para cá, nunca foi muito popular", escreveu.

A ditadura instaurada em 1964 não passou imune a um baque na economia global no início de 1979. Com a Revolução Islâmica liderada pelo aiatolá Khomeini no Irã, veio a paralisação da produção de petróleo no país.

Autor de cinco volumes sobre a história da ditadura civil-militar no Brasil, Elio Gaspari detalha, na última parte de sua obra, a realidade do Brasil no fim dos anos 70. Em "A Ditadura Acabada", Gaspari que o preço do barril de petróleo à época saltou quase 20 dólares.

Mas não era exatamente uma novidade para o mundo. Em 1973, membros da Organização dos Países Árabes Exportadores de Petróleo organizaram um embargo. O protesto era direcionado a nações apoiadoras de Israel durante a Guerra do Yom Kippur - especialmente por parte dos Estados Unidos.

Agora, no entanto, a crise não derivava de desavenças por conflitos antigos de diversos países. Era produzido por um fator imprevisto, e de um único personagem: no caso, Khomeini.

Antes disso, a situação do Brasil tampouco era favorável economicamente. Em 1978, a dívida do país aumentara de pouco mais de 12 bilhões para 43,5 bilhões de dólares.

A anistia, em agosto de 1979, trouxe de volta ao país líderes importantes da esquerda. Além de Leonel Brizola, políticos como Miguel Arraes e Luiz Carlos Prestes retornavam.

O Brasil de Figueiredo também era outro no aspecto cultural. O livro de d. Helder Câmara, "Mil razões para viver", esteve por 24 semanas na lista dos mais vendidos. Já "O que é isso companheiro?", com as memórias do jornalista Fernando Gabeira, permaneceu por 61 semanas, e virou sucesso editorial da década.

Em sua coluna, Saldanha também fez questão de criticar o aumento de clubes no Campeonato Nacional desde 1974. "Uma ditadura, e o povo não estava a favor. Mas o governo investiu mais ainda no futebol. Ferozmente - e o resultado dessa ferocidade está aí", escreveu. E lembrou o impopular slogan da ditadura: "Se a Arena vai mal, um clube no Nacional".

E resumiu assim a experiência da competição:

- Esta balbúrdia se prolongou. As verbas estavam sempre crescendo e os clubes afundando. As federações, que ganham porcentagens sobre o lucro, claro que encheram os cofres. Os jogadores, de jogo em jogo, se arrebetando. Os grandes clubes servindo de trampolim aos politíqueiros. [...] O gosto do poder de mando. As verbas da Loteria são atraentes. E tome clube e mais clube no Nacional. O deste ano, com 94 participantes, nos deu mais um título de campeões do mundo: o do prejuízo no futebol.

Em meio a essa indefinição quanto ao andamento do campeonato, o Inter ainda passava por outro processo, desta vez interno. A eleição para a presidência do clube no biênio seguinte se aproximava de forma inadiável, mesmo que a prioridade e os olhos dos torcedores estivessem voltados para o que acontecia dentro do campo, na briga pela taça.

De um lado, a oposição lançava o nome de José Asmuz. Antes da incursão que o tornaria um conhecido dirigente do futebol gaúcho no clube em que amou, Asmuz era conhecido por outra prática esportiva.

Nos anos 50 e 60, foi piloto das chamadas "carreteras", cupês Ford ou Chevrolet modificados com motores V8 de Corvette ou Thunderbird. A volante

da "carretera" Ford número 32, deixava os rivais para trás em competições disputadas em circuitos de rua na Zona Sul de Porto Alegre e em provas entre a Capital e Tramandaí.

Em 1963, foi campeão gaúcho de automobilismo. À época, um de seus principais rivais foi Catarino Andreatta, considerado um dos maiores pilotos da história do Rio Grande do Sul.

Antes de sua aposentadoria das pistas, chegou a fazer dupla em competições de Chevrolet Opala com Pedro Carneiro Pereira. Além de automobilista, Carneiro Pereira era radialista e locutor oficial da Rádio Guaíba. Ele morreu em 1973, aos 35 anos, na quarta etapa do Campeonato Gaúcho de Turismo, após acidente no Autódromo de Tarumã.

Ainda no automobilismo, Asmuz chegou a ser citado como ídolo por outro campeão: o bicampeão de Fórmula 1 em 1972-1974, Emerson Fittipaldi. Em entrevista recente ao programa 300 por Hora, da Rádio Guaíba, Fittipaldi relembrou a tradição do Rio Grande do Sul no automobilismo e contou uma história curiosa.

- A minha primeira experiência que eu tive no automobilismo foi em Interlagos, na "carretera" do Asmuz. Eu tinha 11 anos de idade. Meu pai pediu pra ele me levar e ele me levou. Fui no tanque de gasolina, em um treino - resumiu.

Já os conselheiros que apoiavam a situação praticamente exigiam que Marcelo Feijó se candidatasse à reeleição. Entre os motivos, a inexistência de um nome forte para disputar com Asmuz. Apenas na quarta-feira, 12 de dezembro, justamente o dia que expirava o prazo para inscrição de chapas, a situação lançou seus nomes.

Estava mantido, portanto, o nome de Marcelo Feijó como candidato à reeleição. O 1º vice-presidente seria Adair Schiavon, e o 2º José Galant. Precisando de 25 assinaturas no Conselho, a chapa logo obteve 33 nomes de apoio.

Ao mesmo tempo em que não havia tempo para o lançamento de uma campanha para a reeleição, a campanha acontecia diante dos olhos dos

colorados, dos gaúchos e dos brasileiros. O Inter apresentava um bom futebol e se credenciava de vez ao título brasileiro.

O timing para o pleito, no entanto, não poderia ser pior. A eleição estava marcada para a segunda-feira, 17 de dezembro, antes das partidas contra o Vasco pela decisão do título.

E o relógio apontava perto de 22h40min quando o resultado foi conhecido no Gigantinho. Representando a oposição, José Asmuz foi eleito presidente do Inter para o biênio 1980/1981. Ele fez 198 votos dos 266 totais, contra 68 votos de Marcelo Feijó.

Asmuz evitou falar em promessas, mas garantiu que iria manter o que já havia sido feito de correto.

- Não venderei os astros do elenco, vou contratar outros. Vou renovar o contrato do Falcão sem problemas. Podem me cobrar - assegurou.

Diante da importância da vitória esportiva em detrimento do triunfo eleitoral, Asmuz evitou falar em outras decisões com o objetivo de não "tumultuar" o ambiente do clube. E disse que só anunciaria outras definições após as finais.

- Só depois disso. Aí, iremos definir o nome do vice-presidente, se iremos manter o atual treinador, tudo com muita calma. Nosso pensamento, agora, é o título nacional. Podem ter certeza disso. Somos colorados.

A postura de Marcelo Feijó foi de resignação diante da derrota. Garantiu, apenas, que cuidaria dos interesses do time no Rio de Janeiro. Por isso, sequer compareceu às eleições. O único a ir ao local da votação foi o segundo vice, José Galant. Ele demonstrou insatisfação com a manutenção do pleito em meio à decisão do campeonato.

- Ora, eu concordo com tudo o que o Marcelo argumentou. Para mim, seria muito mais importante cuidar dos interesses do time neste momento em que estamos tentando conquistar um título inédito para o clube - comentou.

As palavras mais duras vieram do vice de futebol, Frederico Arnaldo Ballvé. Garantiu que tudo continuaria igual para os atletas, e que a derrota era esperada. Mas que a eleição poderia esperar um pouco.

- Ora, o Asmuz trabalhou dois anos para ser presidente. O Marcelo, dois dias. Eu o parabeno, está certo, mas não seriam seis ou sete dias que mudariam o rumo dos acontecimentos - revoltou-se.

No ano seguinte, Asmuz entraria para a história do Inter como o primeiro presidente a levar o clube a uma final de Libertadores. Na decisão de 1980, no entanto, ficou com o vice-campeonato, perdendo o título para o Nacional de Montevideú.

Voltaria a ser presidente do Inter entre 1990 e 1993. A conquista da única Copa do Brasil vencida pelo Inter, em 1992 sobre o Fluminense, também foi sob seu comando.

Asmuz morreu em 1º de agosto de 2016, vítima de uma parada cardíaca, aos 88 anos. Meses antes, visitou o Beira-Rio pela última vez. Reviu amigos e relembrou conquistas, como a do primeiro título brasileiro, em 1975. E declarou-se ao clube do coração:

- Aqui é a minha casa. Isso aqui é uma paixão, uma religião.

9.4 Mudanças no aquecimento

- Permitam-me que vos afirme que para este encontro venho desde meu longo exílio, com o coração cheio de saudades, mas limpo de ódios. Não me considero um ressentido, e nem trago quaisquer pretensões. O que me cumpre, tão rapidamente quanto possível, é assimilar as novas realidades para poder ser útil à nossa causa.

Com essas palavras firmes, aquele homem grisalho, mas ainda com bastante cabelo, discursava para cerca de quatro mil pessoas. Microfones a postos, com repórteres atentos em seu entorno para captar as primeiras palavras do ex-governador Leonel Brizola em solo brasileiro diante do túmulo de Getúlio Vargas, em São Borja, no final da manhã de 7 de setembro de 1979.

A pista da Granja São Vicente já estava lotada desde as sete da manhã, com um grande número de pessoas e carros, aumentando à medida em que as horas passavam. Pousaram aviões com políticos de outros estados, chegavam ao local ônibus de excursões, com faixas de saudação que tomavam conta do local. Um homem pilchado, chapéu típico de gaúcho, resumiu o sentimento:

- Não vejo o homem todo este tempo. Nada me segura agora. Vou apertar a mão dele.

Às 11h10min, o avião saído de Foz de Iguaçu finalmente tocou a pista de grama. As hélices ainda sequer haviam parado totalmente quando todo o esquema de segurança montado para a recepção do líder trabalhista mostrou-se inútil. Houve uma invasão na área destinada ao pouso. Fotógrafos e cinegrafistas subiram na garupa do piquete de cavalarianos em marcha rumo ao cemitério, para, em vão, tentar registrar algumas imagens.



FIGURA 7: Brizola chega ao Brasil após exílio de 15 anos Fonte: Jornal Zero Hora

Terminado o discurso, o povo cercou Brizola. Carregado pela multidão e com a bandeira tricolor em preto, branco e vermelho e com as letras garrafais do PTB ao centro em punho, mastro erguido e com o pano a tremular ao vento, Brizola estava feliz. Os hinos nacional e da legalidade eram entoados por todos, saudando sua chegada. Brizola estava em casa. Depois de 15 anos, chegava ao fim o mais longo exílio de um político brasileiro no crepúsculo da ditadura civil-militar.

Em meio a esse cenário político atribulado, já com um aceno de leve em direção a uma reabertura democrática que ainda levaria anos para chegar, que o Inter tentava a sua própria reorganização para os últimos três meses de atividades do clube em 1979. Antes mesmo do fim do Campeonato Gaúcho, com o colorado já fora da disputa pelo título, as atenções voltavam-se para o início da disputa do Campeonato Brasileiro.

Em 10 de setembro, a Confederação Brasileira de Desportos, a CBD, detalhou a tabela das primeiras rodadas. A disputa do certame iniciaria em 16 de setembro. A estreia da dupla Gre-Nal estava marcada para a semana seguinte, no dia 23. Ambos enfrentariam rivais paranaenses: o Grêmio receberia o Coritiba no Olímpico, e o Inter visitaria o Atlético-PR, em Curitiba.

O imbróglio político entre CBD e paulistas e cariocas prosseguia. Já neste momento, a Confederação pressionava e estabelecia um prazo “de cinco a dez dias” para que os estados de São Paulo e Rio de Janeiro indicassem seus representantes, cujas entradas na competição estavam previstas para as fases seguintes do campeonato.

As desavenças políticas, que tinham reflexo direto na organização do certame, causaram desconforto e até uma demissão na CBD antes mesmo do início das disputas. O diretor jurídico da entidade, Carlos Osório de Almeida, colocou seu cargo à disposição. Era a segunda vez no ano que isso acontecia – mas, em setembro, ocorreu de forma definitiva.

O pedido de desligamento ocorreu após uma reunião tensa de três horas, que aprovou a fórmula da competição. Comandada pela diretoria da CBD, presidida pelo almirante Heleno Nunes, o encontro selou a saída de Osório, que preferiu não dar detalhes sobre a decisão. Já André Richer, diretor de futebol da entidade, afirmou “não acreditar” em uma reação dos clubes e, menos ainda, em uma espécie de “insatisfação”, ao levar em conta fatores como o problema de calendário e o prazo apertado para a disputa da competição.

Em uma reunião ocorrida dias antes, em 6 de setembro, no Hotel Glória, no Rio de Janeiro, cujo acesso à imprensa foi negado pela CBD, Osório já tinha deixado marcada sua posição firme em relação ao que ocorria às vésperas do Brasileirão de 1979. No encontro, um dos assessores de Heleno Nunes, o gaúcho Ildo Nejar, tentou conduzi-lo para o encontro, puxando-o pelo braço. A resposta foi imediata e enfática:

- Não participo de reuniões com cartas marcadas. Nem de palhaçadas.

Constrangido no quarto andar da Sala do Tribunal do Edifício João Havelange, então preparada com cinco cadeiras para a mesa diretora e 50 para a imprensa, com os jornalistas separados por um grosso cordão de isolamento, o paulista José Ermírio de Moraes Filho, vice-presidente da CBD, informou que a "maioria" dos presidentes de federações havia vetado o acesso da imprensa.

Assim, a reunião ocorreu às portas fechadas, com a participação de 18 das 22 federações. Sergipe, Alagoas e Piauí não conseguiram passagens aéreas por conta do feriado de 7 de setembro. Faltou também o representante

de Santa Catarina, José Elias Giuliari, que viajou aos Estados Unidos para tratamento médico, esquecendo de designar um substituto.

Heleno Nunes presidia a CBD desde 1975, e sua gestão foi marcada por atenção estratégica ao Campeonato Brasileiro. No último ano da gestão de João Havelange – que depois viria a ser presidente da Fifa, entidade máxima do futebol – a competição contava com 40 clubes. A extinção das demais divisões provocou realinhamentos das equipes, e a fórmula de disputa passou a ser alterada constantemente.



FIGURA 8: Major Heleno Nunes, presidente da CBD Fonte: Jornal Zero Hora

Em 1975, por conta da falta de tempo hábil, a reestruturação não variou em relação ao número de times – foram 42. A partir do ano seguinte, a questão política entrou em campo e atingiu em cheio o regulamento. Foram 54 clubes na disputa, passando para 62, em 1977; para 74, em 1978; até chegarmos aos 94 clubes do Campeonato de 1979.

O aparato legal para essas alterações estava em uma lei aprovada pelo governo militar do Brasil. Meses após a saída de João Havelange do cargo, o Congresso nacional sancionou a lei 6.251, de 8 de outubro de 1975, que estabeleceu novos dispositivos regulatórios para a atividade desportiva, fortalecendo a CBD. A centralização adotou o voto unitário das federações e confederações, restringindo a participação dos clubes nas esferas decisórias,

já que o poder de voto cabia às entidades. Os clubes, assim, perdiam sua representatividade política.

Em meio às definições a nível nacional, o departamento de futebol do Inter começava a se preparar para a disputa, ainda antes do fim do Estadual. Responsável pelo departamento de futebol, Ballvé declarou que o treinador Zé Duarte seria mantido – algo que não viria a se confirmar. Também garantia que haveria “ida ao mercado”. O colorado buscava reposições: um lateral-direito, um zagueiro central, um ponta-direita e um centroavante. Também haveria dispensas.

Outro problema era o departamento médico. Ao longo de toda a temporada, o Inter sofreu com as lesões. Reinaldo Salomão e Humberto da Costa e Silva, responsáveis pelo setor, eram questionados constantemente sobre uma melhor preparação.

A volta de Gilberto Tim na preparação física também era discutida. Membro da comissão técnica nos dois títulos brasileiros anteriores do Inter, em 1975 e 1976, Tim havia sido demitido em 1977. A alegação para a saída, na ocasião, foi o trabalho de peso realizado por ele junto aos atletas. Os jogadores estariam apresentando seguidas lesões no joelho.

Edi, um massagista das categorias inferiores, em quem alguns jogadores profissionais confiavam mais do que nos próprios médicos do clube saiu em defesa dos trabalhos de Tim. O massagista estava há mais de 20 anos no Inter e seguia morando no velho Estádio dos Eucaliptos, mesmo após a construção do Beira-Rio.

- É difícil dizer que problema de joelho acontece por causa disso ou daquilo especificamente. Eu acho, por questão de experiência, que jogador 'cambota' sempre tem problema de menisco ou ligamento. Às vezes, uma entrada mais dura do adversário pode arrebentar o cara. É muito relativo.

Dias antes do início da disputa, a demissão de Salomão era considerada. Falcão, no entanto, saiu em sua defesa, ao questionar a demissão:

- Sinceramente, não sei como encarar esses fatos. Acho que só pode ser falatório de alguém mesquinho. Sou amigo do Salomão, mas isso nunca interferiu no nosso trabalho. Nunca fui protegido ou pedi proteção.

O argumento era de que, por ser amigo dos jogadores, havia uma espécie de "proteção". O preparador, por outro lado, evitava falar sobre a sua demissão. Dizia-se, sobretudo, chateado sobre os comentários em relação à sua amizade com os atletas.

- Nunca vi, em lugar nenhum, dizer que a amizade fosse prejudicial. Tenho certeza que fiz um bom trabalho no Inter. Perdemos e as mudanças são inevitáveis, mas saio tranquilo.

Jogador importante do elenco, Valdomiro seria mais uma baixa. Em 11 de setembro, ao jornal Zero Hora, o assessor do Departamento Médico do Inter, João Horácio da Costa Borges, confirmou que ele seria desfalque até o fim do ano.

O ponta foi operado de uma trombose femural, com entupimento de uma veia. Ainda no dia 10, ele deixou o Hospital Moinhos de Vento e foi para casa, onde iniciou o repouso, sem previsão sequer para volta aos treinos.

- Então, primeiro é preciso desentupir para depois reiniciar todo o trabalho de recuperação do condicionamento físico. Neste ano ele não joga mais. Deverá ficar parado, em tratamento médico.

O jogador, no entanto, tentava se mostrar otimista:

- Se tudo der certo, quero ver se em novembro volto a jogar. Eu falei com o doutor que está me tratando e ele disse que na semana que vem vai comigo ao Beira-Rio. Quero ver se posso dar umas corridas.

Outro problema, neste caso, era a questão contratual. O vínculo de Valdomiro com o Inter encerrava em 31 de dezembro. O desejo do jogador era de permanecer.

- O passe é meu e tenho interesse em ficar aqui. Mas quero saber se eles também me querem. Se não, tenho que tratar de procurar outro time. Acho que tem bastante time por aí precisando de ponteiro.

Na temporada de 1979, apenas seis jogadores do elenco profissional do Inter não estiveram em algum momento no Departamento Médico. Três deles eram os goleiros Benítez, Gasperin e Bagatini. Um havia chegado em julho, o lateral-esquerdo Cláudio Mineiro; outro, em agosto, Mário Sérgio, e Jair. O único que escapou ileso de qualquer problema durante os nove meses do ano foi Jair.

Quatro outros precisaram passar por cirurgias no joelho. Lúcio, Valdomiro, Larry e André Luís. Este último, aliás, não conseguiu voltar a jogar imediatamente e precisou passar por uma cirurgia corretiva na Inglaterra.

Apesar das dúvidas que pairavam na “enfermaria” colorada, o médico Humberto Costa e Silva garantia não haver problema nenhum:

- Na troca de chefia do Departamento Médico e de futebol, os novos responsáveis precisaram de algum tempo para se situarem no problema. Apenas isso.



FIGURA 9: Departamento Médico do Inter estava lotado em setembro Fonte: Jornal Zero Hora

Às portas do estacionamento do Departamento Médico do Inter, no entanto, André Luís se lamentava. No auge de seus 19 anos, não podia entrar em campo por causa de uma lesão no joelho. Edi, por sua vez, preferia atribuir as questões de lesão ao sobrenatural:

– É, a fase está braba mesmo. Alguém deve ter deixado de pagar alguma promessa - comentava, entre risos, para logo depois voltar a falar sério: – nesses 20 anos que estou aqui nunca vi tanto azar junto. Muita coisa tem explicação. O que se pode dizer? – deixava no ar a pergunta, sem resposta, para as entidades do futebol.

Com a necessidade de recuperar o time fisicamente, o bicampeão Gilberto Tim desembarcou em Porto Alegre em 17 de setembro, após um acordo na Justiça com sua causa trabalhista, após a saída atribulada, para ser

o novo preparador físico. Professor do Colégio Farroupilha, era, ao mesmo tempo, sério, humilde e intransigente. Amigo de todos os funcionários, estimado por dirigentes e querido pelos torcedores. Tim chegou confiante:

- O time está passando por uma má fase, mas, tenho certeza, irá encontrar soluções para sair disso num prazo bem curto de tempo.

As mudanças não se resumiram ao Departamento Médico. Na noite de 4 de setembro, uma reunião foi fundamental para alinhar uma chegada que determinaria o curso do futebol do Inter no segundo semestre de 1979.

Mas, para entender o tamanho da responsabilidade que o então presidente Marcelo Feijó carregava ao tentar recolocar o clube nos rumos, pressionado diante da perda do Estadual, é preciso voltar no tempo. Para outra Porto Alegre, que, à época, tinha pouco mais de 275 mil habitantes. Mais precisamente, aos anos 40. Em 1945, seu pai, Afonso Paulo Feijó, era um dos mandatários do clube, durante o período de hegemonia do “Rolo Compressor”.

Naquele ano, marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial, com a rendição dos alemães em maio e a volta dos “pracinhas” que lutaram na Itália em julho, o futebol do “Rolo Compressor” já estava consolidado. O time era pentacampeão estadual e pentacampeão citadino, campeonato que reunia os times de Porto Alegre (Inter, Grêmio, Força e Luz, Cruzeiro, Renner, São José e Nacional).

O que não significa que ainda não houvesse marcas a atingir e façanhas a conquistar sob a batuta de Feijó, o pai. Conquistou o Citadino com sobras e muita antecedência, e foi campeão estadual ao bater o Pelotas duas vezes nas finais, por 4 a 2 na Zona Sul e por 3 a 1 em Porto Alegre, com dois gols de Tesourinha diante de 8,5 mil torcedores no antigo Estádio dos Eucaliptos.

Em meio a uma folga no Citadino, o Inter viajou ao Rio de Janeiro, para enfrentar o Flamengo no Estádio da Gávea, em 30 de junho, para o que seria apenas o terceiro encontro entre os dois clubes até então na história. Em um jogo emocionante diante do tricampeão carioca, empate em 2 a 2 com atuação superior do colorado, segundo a crítica especializada da época.

A exibição rendeu elogios, inclusive, do flamenguista fanático Ary Barroso que, em meio a sua dedicação à música, trabalhava na crônica esportiva do Rio de Janeiro, onde morava desde os anos 20.

- Ave, Internacional foste, não resta dúvida, o embaixador do moderno futebol dos Pampas, que cumpriu a alta missão de revelar ao Brasil o estado de progresso de aperfeiçoamento do nosso futebol praticado fora do Rio e de São Paulo com igual carinho e idênticos propósitos.

Para fazer jus às palavras rebuscadas de Barroso, a recepção da delegação do Inter na volta a Porto Alegre foi igualmente grandiosa. Milhares de torcedores, com seus chapéus e trajes de gala, já que as melhores roupas eram destinadas aos dias de futebol, saudaram a delegação, desde o antigo Aeródromo São João até a rua da Praia. Ali, os jogadores foram cercados e receberam tratamento de celebridades, algo incomum para a época, em mais um dos grandes momentos do Inter dos anos 40.

De volta a 1979. Feijó, o filho, ao lado de Gilberto Medeiros, que também participava das decisões à época, mas estava sendo contestado pela má campanha até então, e que viria a ser presidente no biênio 1986/1987, foram atrás de outro nome conhecido da torcida. Queriam o ex-presidente Frederico Arnaldo Ballvé, campeão brasileiro em 1976, à frente do cargo do Departamento de Futebol.

Reuniram-se, junto a Humberto Rimoli, membro influente do departamento de futebol, na loja de Artur Dalegrave (que também viria a presidir o clube, em 1982/1983), onde conselheiros do Inter se encontravam à tardinha. Em um primeiro momento, a reação de Balvé foi categórica:

- Estão perdendo seu tempo.

No entanto, em meio a goles de uísque, a decisão foi repensada. Balvé voltou atrás e aceitou o cargo, de forma categórica o suficiente para o caderno de Esportes do jornal Zero Hora de 6 de setembro cravar: "Ballvé será o novo diretor de futebol". Para a reportagem, a própria esposa dele, Dulce Ballvé, confirmou a informação, ainda à noite:

- É isso aí mesmo. O Frederico foi a uma reunião particular, mas teve tempo de me comunicar o que houve. Ele está de volta ao futebol. Vai começar tudo de novo...

"Começar tudo de novo" porque o trabalho seria, de fato, árduo. Como só assumiria o trabalho depois do Gauchão, acompanhou os repetidos insucessos do Inter na reta final do Estadual de posição privilegiada. Dentro de campo, no gramado do Beira-Rio, uma constante ao longo dos últimos meses se repetia.

Depois de abrir o placar com Jair logo aos dois minutos de jogo, em um chute forte em cobrança de falta na qual o goleiro Nolsen dispensou barreira, parecia que o Inter construiria uma vitória sobre a sensação do campeonato, o Esportivo de Bento Gonçalves, treinado por Valdir Espinosa. Mas não foi o que aconteceu: a equipe da Serra jogou melhor e pressionou durante boa parte do confronto, com o placar assegurado apenas graças ao goleiro Benítez. Apesar de só ser vazado aos 42 da etapa final, com gol de Rubens de cabeça, as fragilidades defensivas do time ficaram evidentes. E a torcida presente no estádio não poupou os jogadores: após o apito final, vaias para um time que fez pouco para ganhar e quase perdeu.

Após a partida, Ballvé afirmou a necessidade de iniciar um trabalho de reestruturação. Garantiu, ainda, que o departamento de futebol iria realizar contratações, mas não citou em quais posições para, segundo ele, não "desprestigiar" os jogadores do elenco. E que essa reformulação não iria se restringir ao grupo de jogadores:

- Primeiro preciso saber o que será possível salvar do incêndio. Estou afastado do clube e preciso tomar conhecimento de tudo que está acontecendo.



FIGURA 10: Ballvé assiste a treino do inter Fonte: Jornal Zero Hora

Encerrado o Gauchão, um dia depois, em 21 de setembro, um dos reforços mais importantes da campanha desembarcou em Porto Alegre em trajes chamativos: de calça rosa, camisa cinza e casaco branco, ostentando seu poderoso cabelo black power, o centroavante Bira veio de Belém do Pará, referendado por outro craque, Dario. O tricampeão paraense pelo Remo estava na mira do Grêmio. Amigo de Dadá Maravilha, como era conhecido, Ballvé teria questionado:

- Então o homem é bom mesmo, Dario?

- Bom é apelido. Muito bom e assino embaixo. Aliás, é bom também que o levem logo daqui...

- Por quê?

- Porque ele faz mais gols do que eu e, por isso, o rei Dadá foi rebaixado a príncipe. Ele pegou meu trono e é duro e decepcionante entregar o ouro na minha idade... Se ele for, não há mais dúvidas: reviverá o Rei Dadá!

Coube ao próprio Ballvé a negociação direta com Manoel Ribeiro, presidente do Remo, para a transferência. Ribeiro conseguiu o valor que queria para a negociação: 5 milhões de cruzeiros pelo artilheiro do Estadual daquele ano no Pará, com 32 gols.



FIGURA 11: Bira é o novo reforço do Inter Fonte: Jornal Zero Hora

E confirmou a conversa com Dario, citando outros nomes de peso que elogiaram o recém-chegado a Porto Alegre:

- O Coutinho, o Evaristo de Macedo também elogiaram muito o seu futebol. E o Dario, este sim, merece todo o meu respeito. Ele me telefonou, garantindo que estaríamos contratando um dos maiores goleadores do futebol brasileiro.

O jogador, por sua vez, não escondeu a felicidade em vestir a camisa do bicampeão brasileiro:

- Ora, todo mundo conhece o Inter, sua força. Vou atuar ao lado de grandes jogadores, do Falcão, do Batista... Mas acerto com a direção e vou para o campo marcar meus gols.

O jovem nascido em Macapá, que pouco sabia do Rio Grande do Sul, seria mais um centroavante da “Era Beira-Rio”, desde que o estádio fora inaugurado, em 1969. Desde então, comandaram o ataque nomes como o ídolo Claudiomiro, Sergio Lima, Flavio, Ramon, o próprio Dario, Luisinho com sua passagem meteórica e fracassada, até os recentes Adilson e Mario.

Os novos companheiros definiam, entre sérios e brincalhões:

– É a garantia do bicho extra – declarou Batista.

– Ele tem o faro do gol – analisou precisamente Mario Sergio.

Já Claudio Mineiro preferiu a camaradagem do vestiário:

– Gente boa, uma nova opção para a gente.

Enquanto o próprio resumiu:

– Sou apenas o Bira.

Ao desembarcar, garantia não ser de "pipocar", a não ser quando se tratava do clima gelado de Porto Alegre nos momentos mais críticos do inverno:

– Mas chega a zero graus mesmo? Bem diferente do calorzinho que tem lá em Belém. – E assim o centroavante chegou a Porto Alegre, com promessa para estrear justamente no calor de Recife, contra o Santa Cruz, já pela segunda rodada do Campeonato Brasileiro.

Era preciso mais. A troca no comando técnico, que Ballvé afirmou que não aconteceria ao dar respaldo ao trabalho de Zé Duarte dias antes, se impôs diante da necessidade de buscar resultados mais consistentes – algo não obtido pela comissão anterior.

O colunista de Zero Hora, Ruy Carlos Ostermann enumerou as ideias de Ballvé dias antes. No terceiro dos 10 itens citados, ponderava: “ainda não conversou com Zé Duarte. Mas, dificilmente, troca de técnico. A não ser que Zé Duarte não esteja entusiasmado com o que vem pela frente”.

No entanto, no fundo, o comandante já se preparava para uma eventual saída:

– Realmente, não sei se vou ficar. Eu gostaria de ficar e treinar o Inter no ano que vem, disputar o campeonato regional bem preparado, fazer um trabalho de base. Mas não sei se fico. Em futebol tudo é possível. Aprendi isso em mais de 20 anos de trabalho.

Isso porque os resultados não eram animadores. Em 16 de setembro, o Inter não saiu de um 0 a 0 contra um Juventude em crise no Beira-Rio e voltou a ter seu mau futebol muito vaiado pela torcida. Em contrapartida, o Esportivo segurou um 0 a 0 contra o Grêmio na Montanha dos Vinhedos e caminhava firme rumo ao vice-campeonato, impondo ao Inter um terceiro lugar, considerado vexatório para os planos da temporada.

Na terça-feira, 18, os principais jornais de Porto Alegre traziam em suas manchetes: “Ênio Andrade é o novo técnico do Inter”. Na tarde de segunda-feira, ainda remoendo o resultado negativo diante do Juventude, Ballvé se reuniu com o novo comandante, que já havia sido sondado pelo Inter

em 1974. A negociação foi rápida e, à noite, ainda um pouco relutante, Ênio confirmou:

– Sou o novo treinador do Inter.

Coube ao presidente Marcelo Feijó o ônus da decisão: comunicar a Zé Duarte que ele já não era mais treinador do Inter. Abatido, o ex-comandante foi ao Beira-Rio despedir-se dos jogadores antes de viajar a Campinas. Isentou-se da culpa pela má campanha, afirmou ter pedido reforços e declarou ter sentido que não permaneceria:

- Dava para ver nos olhos do Ballvé que eu ficaria pouco tempo no Inter.

À noite, já do Hotel Everest, revezou-se em entrevistas para diversos veículos e resumiu o sentimento:

- Eu vim como Jesus Cristo para salvar o Inter. E morri crucificado!

Ênio Andrade chegava ao Inter para reeditar uma parceria que rendeu glórias no Paraná, ao lado do preparador físico Gilberto Tim. Dias antes de desembarcar em Porto Alegre, o Coritiba treinado por ele conquistou o Estadual de 1979, ao vencer o Colorado por 2 a 0 na final.

Na manhã do dia 18, o treinador de 50 anos, sendo 34 deles vividos no futebol e 17 como treinador, estava tranquilo. Em sua casa, no bairro Passo D'Areia, concedeu entrevista ao jornal Zero Hora, para o qual afirmou que sua concepção de equipe ideal era, antes de qualquer coisa, "valente".

– O meu time tem coragem para se expor, para atacar, correr riscos e vencer. Não pode ser um time medroso, tem que atacar e procurar sempre a vitória.



FIGURA 12: Ênio Andrade é o novo técnico do Inter Fonte: Jornal Zero Hora

Com essa ideia em mente, pronta para ser implantada no Inter, a última peça da engrenagem da equipe montada por Ballvé viajou a Curitiba à tarde. Ele pretendia receber parte dos salários e prêmios que o time paranaense lhe devia.

Também voltou a tempo de um último compromisso antes de pôr a mão na massa de fato para os trabalhos dos últimos três meses. Na noite de 20 de setembro, acomodou-se em uma das tribunas de honra do Estádio Olímpico, separado apenas por alguns metros do presidente João Figueiredo, que também estava em Porto Alegre para assistir a mais um clássico Gre-Nal, que nada valia para o Inter, mas que marcava uma grande festa para a torcida do Grêmio presente no Estádio Olímpico. Era o encerramento do Gauchão, conquistado pelo Grêmio, e o último jogo do Estadual antes da estreia colorada, prevista para dali a apenas três dias, no Campeonato Brasileiro de 1979.

9.5 Clássico em dois atos

A garoa fina que caía do lado de fora impedia o sol de brilhar a pleno e iluminar as águas do Guaíba naquele fim de tarde do domingo, 7 de outubro. Dentro do vestiário, depois de 45 minutos de um jogo truncado, certamente se não passava pela cabeça do técnico Ênio Andrade, que fazia seu primeiro Gre-Nal desde a chegada em Porto Alegre, ao menos na dos jogadores, que a sina parecia se repetir.

Era a quinta vez que Grêmio e Inter se encontravam para um clássico e, em todas as outras oportunidades até então na temporada, a equipe vermelha saía de campo sem a vitória. Chegavam até ali com semelhança nas campanhas: o Grêmio com sete pontos conquistados e o Inter com cinco, em uma época em que cada vitória valia dois e não três pontos como hoje. O Grêmio chegava, portanto, com um jogo a mais.



FIGURA 13: Gre-Nal do Brasileirão de 1979, em outubro Fonte: Jornal Zero Hora

À meia luz das lâmpadas foscas que iluminavam a peça, os jogadores tentam ouvir as instruções do comandante para o segundo tempo, em meio ao barulho ao fundo feito nas arquibancadas acima, pelos cerca de 30 mil

presentes no estádio. Essa multidão esperava que, no gramado do Beira-Rio, o Inter conseguisse exercer a marcação pela pressão tão trabalhada por Ênio Andrade desde a sua chegada, aproveitando-se ainda de dias a mais de descanso, que o Grêmio não teve, após uma viagem longa para o Mato Grosso do Sul, em que enfrentou o Operário.

Entretanto, não foi bem assim que a partida se apresentou na etapa inicial. A melhor oportunidade havia sido justamente dos tricolores. Aos 44 minutos, em contra-ataque em velocidade puxado por Tarciso, Baltazar recebeu, driblou Mauro Galvão e chutou de canhota, da entrada da área. Ela passou perto do ângulo superior esquerdo defendido por Benítez.

No vestiário, por sua vez, Ênio Andrade também lidava com seus próprios fantasmas. No comando do Grêmio, anos antes, em 1975, disputou sete Gre-Nais. Só havia vencido um. Depois da saída no ano seguinte, seguiu para Recife, onde treinou o Santa Cruz e o Sport. Passou por Caxias, com uma rápida passagem no comando do Juventude, e foi campeão paranaense com o Coritiba. Enfrentava, naquele 7 de outubro, o primeiro grande teste.

Na cabeça dos jogadores, ainda que ninguém ousasse dizer isso em voz alta, a pergunta certamente aparecia, embaçada como a neblina que caía às margens do Guaíba: será que, mais uma vez, o Inter seria coadjuvante da festa alheia, com o maior rival como protagonista, agora dentro de sua própria casa?

O clássico Gre-Nal da noite de quinta-feira, 20 de setembro, seria mera formalidade. Apenas protocolo a ser cumprido no encerramento do campeonato gaúcho. Isso porque menos de duas semanas antes, o Grêmio atropelou o Brasil de Pelotas por 3 a 0, no Olímpico, e assegurou matematicamente o título de campeão estadual de 1979. Ancheta, André e Éder anotaram os gols em um Olímpico com mais de 41 mil pessoas prontas para ver o Tricolor comemorar a conquista estadual.

Naquela mesma tarde, mas distante 120 quilômetros do Estádio Olímpico, em meio a um cenário melancólico do Estádio Centenário quase vazio, com pouco mais de 4 mil pessoas, como que para demarcar o abismo entre as duas equipes, o Inter vivia situação completamente diferente. O Inter

perdia outra partida, agora por 1 a 0 para o Caxias, com gol de Zezinho, e caía para o terceiro lugar, de onde não mais sairia até o fim da competição.

Assim, a última das 437 partidas daquele campeonato, que terminaria com 889 gols, 116 expulsões e 87 pênaltis assinalados, com o primeiro gol marcado por Tarciso, em 7 de março, contra o Novo Hamburgo na abertura do certame, teve Jair como artilheiro, com 25 gols, e chegava ao fim depois de incríveis 197 dias de disputa, só tinha um objetivo: coroar o campeão Grêmio como legítimo detentor do troféu diante de impressionantes 89% de aproveitamento.

Das arquibancadas, as quase 43 mil pessoas presentes no Olímpico assistiram a um GreNal brigado, muito perto da violência. Jurandir e Claudio Mineiro trocaram cotoveladas, Jair agrediu Vitor Hugo, e Ancheta chutava Washington a cada dividida. No fim, sobrou apenas para Mario Sergio: o árbitro Airton Bernardoni, perdido no aspecto disciplinar, só tomou atitude aos 40 do segundo tempo, quando expulsou Mario Sergio e Jurandir por uma troca de agressões. Ao fim do jogo, o colorado reclamou:

– Posso até admitir os pontapés, mas socos e cotovelações, não. Estou com a boca cortada e a perna muito inchada.

Pelo lado do Inter, Falcão quase foi ausência. Às vésperas do clássico, o volante estava confiante para ir a campo, apesar de, na segunda-feira, radiografias terem constatado a presença de um corpo estranho no ferimento do pé direito do jogador, após uma sutura feita por conta do jogo entre Brasil e Argentina, um mês antes. Os médicos optaram por um tratamento à base de anti-inflamatórios e, na base do sacrifício, ele foi para o jogo.



FIGURA 14: Inter treina antes do Gre-Nal Fonte: Jornal Zero Hora

Com o placar zerado ao intervalo, mais celebrações pelo lado Tricolor. Ao lado do governador Amaral de Souza, o presidente João Figueiredo foi recepcionado no Salão Nobre do Olímpico. O presidente Hélio Dourado colocou na lapela do presidente um alfinete com o distintivo do clube. Ele recebeu ainda uma faixa alusiva ao título gaúcho de 1979. Antes de voltar para o seu local e assistir ao segundo tempo, Figueiredo garantiu que não iria interferir na reformulação do futebol brasileiro, com a criação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em substituição à CBD por "não entender de futebol".



FIGURA 15: Figueiredo no Olímpico, no Gre-Nal do Gauchão. Fonte: Jornal Zero Hora

Das tribunas do Olímpico, camuflado entre os gremistas e com bem menos badalação na comparação ao militar, o técnico Ênio Andrade acompanhou na etapa final uma espécie de prenúncio do que aconteceria dias depois –até viu Leandro entrar livre pelo meio e chutar sem deixar a bola cair,

abrindo o placar para o Tricolor. Mas, aos 34 minutos, a bola rebateu na zaga do Grêmio e Jair, de bicicleta, empatou e diminuiu o prejuízo. Ao fim do jogo, entre análise e profecia, disparou:

– Fiquei satisfeito com o futebol que apresentamos, especialmente a partir dos 25 minutos do segundo tempo, quando até poderíamos ter conseguido a vitória sem que houvesse injustiça.

Passado o clima de tensão e feitos os devidos ajustes no vestiário, a equipe de Ênio Andrade pisou mais decidida no gramado molhado do Beira-Rio. Depois dos 45 minutos iniciais, o Inter voltou diferente. Sentiu que o Grêmio não era tudo aquilo e que, em um GreNal mais "jogado", o time com mais qualidade poderia sair com a vitória.

Mais inteiro fisicamente, começou a pressionar o Grêmio e a empilhar chances de gol. Os 30 mil torcedores do Inter presentes no Beira-Rio passaram a incentivar mais a equipe e Jair, com atuação melhor agora do que na etapa inicial, ajudava Falcão na criação das jogadas. Claudio Mineiro já conseguia apoiar pelo lado esquerdo sem se preocupar com a chegada de Tarciso ao ataque por suas costas. Aos 37, Adilson invadiu a área, tentou driblar Manga e se chocou com o goleiro. O árbitro José Faville Neto mandou o jogo seguir, para protesto dos colorados. Era mais um sinal claro da melhora do Inter e de que, ainda que tardiamente, o gol agônico poderia sair.

O Grêmio, por sua vez, cansou. E não foi nem apenas pela viagem longa enfrentada dias antes até Campo Grande, com direito a problema no avião da Vasp, que, após sair de São Paulo, precisou retornar ao aeroporto de Congonhas por "motivos de interesse da companhia". Chegou a se falar, inclusive, em vazamento de gasolina por perda da tampa de um dos tanques, mas nada ficou confirmado.

O Grêmio seguiu viagem e, mesmo antes de chegar ao Hotel Concord, enfrentava um público cada vez mais irritados. No número 577 da Revista Veja

de 23 de setembro, o goleiro Manga teria ofendido o Operário. Entre as declarações atribuídas a ele, teria chamado o Operário de "timezinho sem-vergonha". O jogador do Tricolor se defendeu das acusações:

– Não sei qual foi o jornalista que fez essa matéria. A pessoa não aparece. O cara não é jornalista, quer destruir o Manguinha. Deus é grande e sabe que eu não disse nada.

A torcida local, no entanto, não dava trégua. Portavam faixas com dizeres como "Manga titular do asilo" e "Manga, você é mais feio que bater em mãe".

O departamento de futebol do Grêmio tratou de pôr panos quentes no assunto e, no fim, venceu o Operário com facilidade por 3 a 0, com gols de Baltazar, Eder e Tarciso. Mas não sem um desgaste na comparação com o Inter, que teve semana cheia para trabalhar desde a vitória sobre o Figueirense por 1 a 0, ainda em 30 de setembro.

O destino do jogo começou a mudar quando o árbitro assinalou uma falta na intermediária de ataque do Inter, pelo lado esquerdo. O cronômetro já marcava quase 43 minutos e, se a bola não encontrasse o fundo da rede naquele lance, dificilmente o 0 a 0 sairia do placar.

No caderno de esportes de Zero Hora de sexta-feira, 5 de outubro, o aviso, em caixa alta, no topo da página, em quatro linhas:

FALTAS PODEM DAR VITÓRIA AO INTER.

A página inteira funcionava como um prenúncio. Nela, estava estampado o elogio de Jair, o bater de faltas oficial do time, ao goleiro adversário:

- O Manguinha é muito bom. Mas se puder colocar a bola lá na gaveta, acho que nem o Manguinha consegue pegar.



FIGURA 16: Jair, com uniforme da seleção brasileira Fonte: Jornal Zero Hora

Falcão ajeitou a bola na marca assinalada por Faville Neto e Jair se postou ao lado do companheiro. Então com 26 anos, Jair encontrava-se no auge de sua forma física naquele ano. Assim como Batista, havia participado de alguns jogos no primeiro título brasileiro, em 1975, e não havia conseguido se firmar como titular em 1976, no ano do bicampeonato. Agora, no entanto, parecia ter chegado a sua vez. E não estava disposto a deixá-la passar.

– Jair vai cobrar a falta. Mario Sérgio fica próximo da bola, o Falcão também, mas Jair deve cobrar essa falta...

Ênio Andrade havia insistido, ao longo de toda a semana, para que a dupla treinasse a cobrança ensaiada. A decisão desagradara a Jair, que não gostava que outro jogador rolasse a bola para ele bater. Bom cobrador que era, confiante do seu chute, preferia finalizar direto, com a barreira como referência.



FIGURA 17: Ênio Andrade orienta jogadores Fonte: Jornal Zero Hora

- Inquieto o Manga. Atenção, quarenta e três, faltam dois...

O treinamento foi repetido à exaustão durante a semana. A dupla marcou a passada. Quando um avançava na direção da bola, o outro partia junto. Lado a lado. E assim executaram o lance. De pé direito, Falcão empurrou a bola para o meio, com os atônitos cinco tricolores da barreira apenas olhando. Manga deu dois passos para o centro do gol e, quando tentou voltar, na direção oposta, nada mais pôde fazer. A bola saiu dos pés de Jair com muita violência, pegando efeito e percorrendo trajetória em curva para fora:

- Partiu para a bola Falcão, encostou para Jair, veio de longe, uma bomba. Gol! Gooooooooooooooooool do Internacional! Jair! Se havia alguém que merecesse o gol, era o Inter! O Inter tava lá, o juiz não havia dado um pênalti, havia anulado um gol, o Inter fez 1 a 0 no último minuto, Belmonte!

- Jair, agarrado por todos os jogadores do Internacional. Fala, Jair!

- Esse gol é pra torcida!

- Uma falta muito bem cobrada pela equipe do Internacional. Falcão correu, deu o toquezinho! Jair, de fora da área, sensacional, pegou na veia! Manga nada pôde fazer! Inter 1 a 0, Jair!

Assim a Rádio Guaíba transmitiu aos seus ouvintes, nas vozes dos narradores Armindo Antônio Ranzolin e na reportagem de João Carlos Belmonte para os torcedores que, com seus radinhos no Beira-Rio ou para aqueles espalhados por Porto Alegre e pelo Rio Grande do Sul, acompanhavam pelas ondas do AM, o gol da vitória.

A bola ainda tocou na "bochecha" da rede antes de morrer no fundo do gol, para festa da torcida no Beira-Rio. Já não havia tempo para mais nada: nos minutos finais, o Inter confirmaria o 1 a 0 sobre o Grêmio, encerrando a escrita de não vencer o rival na temporada.

Autor da assistência, o meia Falcão apresentou no clássico Gre-Nal do Beira-Rio o futebol que o levou à Seleção Brasileira por repetidas vezes e, injustamente, o deixou de fora da Copa do Mundo de 1978, esquecido por Cláudio Coutinho. Fez o que quis com o pequeno Jurandir, ajudando seus companheiros que iniciaram mal o clássico. Foi o centro da organização do time, além de executar com perfeição o toque da jogada ensaiada que deu a vitória ao Inter. As finalizações erradas, especialmente com a perna esquerda, desperdiçando chances de gol, não apagaram a atuação que valeu uma nota 8 do Jornal Zero Hora, considerado pelo veículo como o melhor em campo na partida. E ainda foi humilde ao explicar o gol, fruto da jogada ensaiada:

– Foi na hora que combinamos.

A vitória foi construída com a contribuição de guris que, outrora, foram deixados de lado pelo Grêmio. Em 1977, por falta de apoio e pouco interesse do departamento de futebol, Mauro Galvão trocou de clube. Agora, o jovem de apenas 17 anos e de baixa estatura para zagueiro, apenas 1,78, explicava porque deixou o clube:

– Não jogo por camiseta. Jogo por profissão. Faço tudo para retribuir o apoio que recebo. Não houve acerto entre nós e preferi buscar um lugar onde tivesse apoio. Isso é normal, acontece em qualquer clube. Mas estou satisfeito com a mudança.

A atuação de Mauro Galvão recebeu nota 7 do jornal Zero Hora depois da partida, que classificou seu desempenho com apenas "uma falha", no lance em que Tarciso passou por ele e parou no goleiro Benítez. "Bem tecnicamente e se impondo com categoria", teve também seu teste definitivo para consolidar

a presença entre os titulares da campanha, afastando os boatos surgidos na semana anterior, de que poderia voltar ao time juvenil:

– Se tiver que voltar, volto. Não há problema. Eu gosto de jogar. Sei que estou no time porque os outros zagueiros estão lesionados. Se eu puder ficar e colaborar, melhor. De qualquer forma, continuo tranquilo. E agora, mais satisfeito.

Após o gol de Jair, o centro-médio Toinho caiu de joelhos no gramado, fazendo um gesto, erguendo os braços para os céus. Parecia agradecer. Ou, ainda, desabafar uma mágoa guardada. Ex-jogador das categorias de base do Tricolor, preferiu não entrar muito em detalhes.

– Agora eu só posso agradecer pela situação que desfruto no Inter. Estou ótimo aqui. Tão bem que nem quero lembrar as pessoas que me prejudicaram no Grêmio.

Depois de um ano e meio de clube, havia sido dispensado do time infanto-juvenil. Voltou para Santa Catarina e, por meio de Oberdan, amigo e jogador histórico do clube da Azenha, acabaria por desembarcar no Inter.

O autor do gol também comemorou a bola na rede. E falou em “recuperação total” para o time a partir dali:

- Para mim este gol representa toda a união dos jogadores aqui do Inter, a dedicação de todos em busca da vitória e de uma recuperação. Nós merecíamos ganhar. Massacramos o Grêmio no segundo tempo. E este gol é como o resultado de todo o trabalho desenvolvido durante a semana e da reação que o Inter começa a mostrar depois de ter perdido o Campeonato Gaúcho. Por isto também toda aquela minha vibração junto a torcida.

Após o jogo, sentado em sua sala dentro do vestiário do Beira-Rio, Ênio Andrade estava tranquilo após a vitória no Gre-Nal. Respondia às perguntas dos repórteres enrolado em uma toalha, preparando-se para o banho e cercado por inúmeros torcedores presentes nos vestiários.

- Dominamos a grande maioria da partida. No segundo tempo, levamos vantagem sempre. Fomos donos absolutos do jogo - desabafou.

Recebendo os tradicionais tapinhas nas costas dos dirigentes, sabia que o trabalho ficava ainda mais valorizado. Era a terceira vitória em quatro jogos no Campeonato Brasileiro de 1979. Passou com louvor pela primeira grande prova de fogo, pronto para os testes que viriam a seguir.

9.6 Dor e glória

O relógio do árbitro cearense Leandro Serpa já avançava para além dos 37 minutos da etapa final no estádio do Arruda, em Recife. O Inter empatava em 1 a 1 contra o Santa Cruz, diante de pouco mais de 20 mil pernambucanos, em jogo válido pela segunda rodada do Campeonato Brasileiro. Foi neste momento que o centroavante Bira, vindo do Remo e estreando naquela noite de quarta-feira com a camisa colorada, dividiu com Paranhos, que tentava marcá-lo desde o início da partida, sem muito sucesso. No lance, acabou caindo por cima do próprio braço. Com muitas dores, não conseguiu ficar em campo e precisou ser substituído por Adilson.

Sem muito sucesso porque, ainda no primeiro tempo, aos 19 minutos, foi o próprio Bira quem abriu o placar. Cláudio Mineiro fez boa jogada, tabelou com Mario Sergio e foi até a linha de fundo. O lateral cruzou forte para a área, e o goleiro Joel Mendes se atrapalhou, soltando a bola. Atento, Bira pegou o rebote, chutou de pé esquerdo e estufou a rede dos pernambucanos.

Bira jogou bem em sua primeira partida. Entrou em campo com a camisa para fora do calção, e deu muitas entrevistas, inclusive para rádios pernambucanas. Além do gol, que havia prometido ao amigo Dario, ex-jogador do Inter, teve outras chances de marcar. Desperdiçou pelo menos outras três oportunidades antes de deixar o campo por conta da lesão.

O Santa Cruz chegou ao empate ainda no primeiro tempo. Givanildo, Carlos Alberto e o ponteiro Joãozinho infernizavam a defesa colorada. Aos 30 minutos, Zé do Carmo perdeu grande chance, cara a cara com Benítez, ao se aproveitar de falha dos defensores Mauro Pastor e Mauro Galvão. Após três conclusões, os donos da casa marcaram aos 36. Joãozinho fez jogada individual, partindo da intermediária. Na saída de Benítez, chutou no canto direito, e viu a bola tocar na trave antes de entrar.

Mas até em momentos difíceis é preciso contar com a sorte. Ou a estrela do treinador Ênio Andrade. Foi o próprio Adilson que, três minutos depois, apareceu para recolocar o Inter em vantagem e dar números finais à partida. Três minutos depois de pisar no gramado, viu Jair chutar a bola no poste. Ela voltou para ele, que insistiu na finalização. Desta vez, chutou em cima do goleiro, que deu mais um rebote. Ela se apresentou para Adilson, que

entrava na área para deslocar Joel Mendes e assegurar ao Inter a primeira vitória no Brasileirão.

A preocupação começou a aparecer no vestiário, encerrada a partida. No meio do entusiasmo pelo triunfo, Bira se contorcia em dores e se preparava para tirar uma radiografia. No hotel, durante a janta dos jogadores, o centroavante apareceu com o braço enfaixado. A expressão, misto de espanto e decepção, estampada no rosto de Ballvé, dava o tom: tratava-se de algo mais sério.

As suspeitas foram confirmadas no dia seguinte, em Porto Alegre. Após o desembarque no aeroporto, por volta das 15h30min, Bira foi direto ao Beira-Rio, acompanhado de Batista, que também havia deixado o gramado do Arruda com dores. O volante sofreu uma distensão na virilha e virou desfalque.

O mesmo seria confirmado para o recém-contratado. Após consulta com o traumatologista do clube, Humberto Costa e Silva, foi para novo exame, desta vez no hospital Cristo Redentor. A imagem confirmou o temor, com fratura do rádio. A previsão de desfalque era de 30 dias.

O médico explicou que Bira estava muito nervoso na hora do exame:

- É natural para um jogador que nunca teve lesão grave - frisou.

Enquanto era examinado, com o antebraço apertado, soltou um urro de dor. A tentativa de esticar o braço era em vão. Contorceu o pescoço para trás enquanto uma jovem da equipe de enfermagem mantinha o local lesionado em posição para a radiografia.

Constatada a lesão, o desânimo dos companheiros e dos integrantes do departamento de futebol indicavam o tamanho da perda para a sequência do campeonato.

- Só faltava esta, uma fratura na estreia. Será escalado em breve. O que dizer sobre ele? Ora, nada a não ser que foi muito bem - afirmou Ballvé.

Falcão tinha a mesma opinião:

- Além de conferir os lances, mostrou que pode ser útil também na parte da criatividade. Ele deixou o Jair livre, na cara do goleiro.

- Temos uma nova opção de ataque, o lançamento longo. O Bira é rápido, tem facilidade e se desmarcar dos zagueiros. Tem presença ofensiva, mostrou que é bom - disse o agora também machucado Batista.

Mesmo diante da imensa falta de sorte, Bira não perdeu o bom-humor. Chegou a pedir desculpas aos colorados pela lesão, ainda que não fosse culpado pelo infortúnio:

- É, comecei bem. Mas também comecei mal. Fiz um gol na estreia e acabei me lesionando. Mas não há de ser nada. Volto em quatro semanas para alegrar essa torcida.

Após esse jogo, um misterioso pacote chegou ao Beira-Rio. Ninguém sabia o que era, mas estava endereçado a Arthur Dallegrave, dirigente do Inter à época e que viria a ser presidente no biênio 1982-1983. Vinha do Interior do Estado, e havia sido mandado por uma freira, cuja identidade permaneceria anônima. Era um crucifixo. A recomendação era de que o objeto fosse pendurado no vestiário, para acabar com a onda de azar que havia se instaurado, especialmente com as recorrentes lesões. Por via das dúvidas, a direção optou por acatar a decisão.

Isso porque a lesão de um artilheiro nato como Bira era mais um complicador diante de um problema do Inter desde o início da temporada: uma equipe com dificuldades de fazer gols. Dias antes, o Inter esteve em Curitiba, para enfrentar o Atlético-PR na sua estreia no Campeonato Brasileiro de 1979, na tarde de domingo, 23 de setembro.

Tratava-se de uma ocasião importante. Era a estreia do técnico Ênio Andrade, em seu primeiro jogo no comando do Inter. Tudo bem que, antes do jogo, o comandante não prometia milagres.

- Meu único treinamento foi uma conversa franca com os jogadores na hora do almoço - resumiu.

E foi por aí que encaminhou o time. Decidiu por Adilson na meia-direita e Chico na esquerda. Bira e Mario Sergio ainda ficariam de fora do confronto diante de pouco mais de 12 mil pessoas no Couto Pereira, estádio que Ênio conhecia tão bem desde os tempos de Curitiba.

Diante do rival Atlético, que Ênio enfrentou em cinco oportunidades em 1979, ao longo do Campeonato Paranaense, viu o Inter repetir erros, como estampou o caderno de Esportes da Zero Hora de segunda-feira, 24 de

setembro. As mudanças previstas pelo comandante ficaram apenas na teoria, e o Inter esbarrou na baixa produtividade de seu ataque em um 0 a 0 fraco na abertura da competição.

Até chegou a criar algumas das melhores chances. Nos primeiros 15 minutos, teve três oportunidades, mas não soube aproveitar. Parecia que a equipe não teria dificuldades para vencer, mas não foi o que se apresentou. Faltou, ao longo de todo o jogo, objetividade. Especialmente na etapa final, o ataque foi inexpressivo.

A mesma Zero Hora não deu mais do que uma nota 5 a todos os jogadores de ataque do Inter na partida. Jair, em sua estreia, pouco fez. O centroavante Mario foi descrito como esforçado, mas "atrapalhado na hora de concluir", perdendo gols e substituído por Borracha, que também teve contribuição discreta. Chico Spina começou bem, mas foi esquecido na partida. Os três últimos receberam uma nota 4.

Falcão foi um dos poucos destaques positivos da partida em um Inter que ainda buscava o melhor padrão de jogo. Foi ele o responsável pelas escassas tentativas de elaboração de jogadas, auxiliando também na marcação. No entanto, cansou e não conseguiu modificar radicalmente o nível do jogo. Como deu equilíbrio ao time, recebeu uma nota 7, avaliado como o melhor em campo.

Se por um lado o Inter esbarrou nos problemas do ataque no início da jornada no Brasileirão, por outro encontrou na solidez defensiva um ponto forte para conquistar os primeiros pontos. Nos primeiros seis jogos na competição, levou apenas um gol - justamente diante do Santa Cruz que, como vimos, não fez falta para sair com a vitória.

Dois dos responsáveis por essa defesa consistente eram os zagueiros "xarás", Mauro Pastor e Mauro Galvão. O primeiro deles, mais velho, tinha 26 anos quando desembarcou do interior de São Paulo, vindo da Ferroviária, para a disputa do segundo turno do Campeonato Gaúcho deste mesmo ano.

Os dois titulares eram Beliato e Larry, com André Luis como o reserva imediato. Assim, não restou outra alternativa a Ênio Andrade se não apostar nele e em outro novato, chamado Mauro Galvão.

O jovem de 17 anos, habilidoso demais para zagueiro, era alto, esguio, e começou como lateral nas categorias de base do Grêmio - onde viria a jogar

novamente muitos anos depois, já no fim da carreira, conquistando a Copa do Brasil de 2001. No livro "O time que nunca perdeu", no qual entrevista e recorda memórias dos ex-companheiros daquela campanha, o volante Paulo Roberto Falcão o descreve como "um afilhado" que tinha naquele grupo.

Falcão afirma que, diante das lesões dos companheiros de zaga, Ênio pediu a ele uma sugestão para resolver o problema. O volante chegou para uma conversa com Galvão, perguntando:

- Afinal, você é volante, lateral ou zagueiro?

Foi o próprio Falcão quem deu a resposta. Sugeriu que atuasse na zaga, algo aceito por Galvão. Anos depois, lembraria:

- Foi o título que abriu as portas da carreira para mim. Com 17 anos, no meio de grandes jogadores, aprendi muito, aprendi a ser profissional, a levar a sério os treinamentos, a me cuidar, a ser companheiro dentro e fora de campo.

Atuou em alto nível até o fim da carreira, com direito a passagens pela Seleção Brasileira, vestindo a amarelinha por 26 oportunidades, incluindo as Copas do Mundo de 1986 e 1990. Foi campeão nacional também pelo Vasco da Gama, onde conquistou uma Libertadores da América.

Pastor, cujo apelido se originou de uma confusão com a predileção dos pais por frequentarem a igreja, era calado, observador, e muito sério nos treinos e na concentração. A postura ajudou o defensor a participar de todos os 22 jogos da campanha invicta do Inter.

Para a partida contra o Sport, o técnico Ênio Andrade decidiu repetir a equipe que tinha vencido o Grêmio dias antes, em 6 de outubro. E assim o fez, mandando a campo Benitez; João Carlos, Mauro Pastor, Mauro Galvão e Cláudio Mineiro; Falcão, Jair e Toninho; Adilson, Mario Sergio e Chico Spina.

Em meio ao bom momento na competição, o Inter tentava angariar novos sócios. Com direito a prêmios para os melhores vendedores, o clube estava prestes a lançar uma segunda remessa de venda, de mais de 500 cadeiras. O resultado, no entanto, só seria conhecido mais adiante, já que em 1980 o clube teria novo presidente.

Para além das quatro linhas, o adversário da quinta rodada, o Sport, enfrentava problemas financeiros. E em nada lembrava o time campeão pernambucano em 1977 (com Ênio Andrade no comando, diga-se): contava com uma estrutura precária - o recreativo dois dias antes da partida contra o

Inter, que estava previsto para um campo atrás da Ilha do Retiro, não pôde ser realizado porque o gramado estava sendo tratado. Primeiro, tentou transferir a atividade para os Aflitos, mas o dono da casa, o Náutico, treinava. Precisou, finalmente, que o técnico Vail Mota levasse a atividade para o campo da firma Caio Norte, no bairro dos Prazeres, a 30 quilômetros da cidade.

Antes do confronto contra o Inter, o retrospecto dos pernambucanos na competição refletia esse mau momento: somava apenas um ponto, com um empate e duas derrotas em três partidas. Entre os resultados negativos, uma retumbante goleada de 4 a 0 sofrida para o Grêmio, em Porto Alegre, com direito a três gols de Baltazar.

A partida, em 11 de outubro, uma quinta-feira à noite, poderia marcar de vez a entrada do Inter em uma nova fase da competição. Com os jogadores mais confiantes, a equipe treinou na manhã de quarta-feira.

O colunista da Folha da Tarde, Ibsen Pinheiro, não tinha grandes ambições para a partida. No jornal da data da partida, escrevia que o empate seria "um grande resultado", ainda mais por se tratar de uma partida fora de casa. E pedia uma postura "cautelosa", atuando nos contra-golpes.

Quase nada disso aconteceu no campo, à noite. Superadas as dificuldades iniciais, o Inter se impôs, novamente precisando superar o gramado ruim do Arruda, e aplicou 3 a 0 no adversário. Adilson abriu o placar, de cabeça; Jair, em uma cobrança de falta tão potente que a bola chegou a passar por um buraco na rede, fez o segundo; e ele mesmo, de pênalti, deu números finais ao confronto.

A partida foi marcada por um fato curioso. Mesmo com a vitória encaminhada, faltando cerca de 15 minutos para o encerramento, Mario Sergio resolveu contrariar Ênio Andrade. O treinador havia determinado a substituição de Chico Spina, que ainda buscava afirmação no time titular, mesmo diante da ausência de Bira.

Aqui, a Revista Placar "carrega nas tintas": fala que o atacante, "chorando", teria se recusado a deixar o campo. Percebendo isso, Mario Sergio simula uma lesão e pede para ser ele a deixar o campo.

A Folha da Tarde ameniza. Garante que, perto dos 30 minutos, Popéia iniciou trabalho de aquecimento sob orientações de Gilberto Tim. Mario Sergio, de fato, se antecipou. E Chico Spina - que exatamente um minuto antes havia

sofrido o pênalti que resultou no gol derradeiro - ficou em campo até o fim. Mas não há qualquer registro de choro por parte do ponta.

Mario Sergio reconheceu que errou. Pediu desculpas ao treinador, mas voltou a afirmar a importância da presença do companheiro na partida.

- Sei que errei, pois fui contra uma decisão do treinador. Talvez ele me entenda, porque é como o grupo de jogadores do Inter, amigo e bastante sensível. O Chico Spina vinha esforçando-se ao máximo nessa partida e teve participação direta na vitória. Mereceu jogar os 90 minutos.

O resultado conquistado com a boa participação de Spina valeu, ainda, a liderança do grupo G ao Inter na primeira fase - algo que manteria ao fim desta etapa, já no início de novembro, ao empatar em 2 a 2 contra o Operário do Mato Grosso do Sul. O resultado seria suficiente para garantir a primeira posição, em uma partida na qual Ênio Andrade promoveu alterações especialmente do meio para a frente, modificando o time que havia atuado até então. Nomes como Popeia, Mario e Toninho apareceram entre os 11 titulares.

Antes disso, no entanto, ainda havia três compromissos pela primeira fase a cumprir. O primeiro deles era contra o Coritiba, justamente a ex-equipe de Ênio Andrade.

Era uma equipe que, sem seus artífices por trás, sofria na arrancada do Campeonato Brasileiro. Em três partidas, ainda não havia conseguido vencer: perdeu para o Grêmio por 4 a 1, ficou no 0 a 0 com o Santa Cruz em Recife e também empatou o clássico contra o Atlético-PR, em Curitiba, pelo placar de 1 a 1.

O próprio técnico do Coritiba, Elba de Pádua Lima, o Tim, reconhecia que a equipe atuava de maneira diferente da época de Ênio Andrade. Mas entendia que, também por isso, não representava um fator de vantagem ao Inter já que, mesmo conhecendo os jogadores, o esquema era outro.

- É um time que joga mais na base do 4-3-3, com os laterais apoiando bastante. Mas o Inter é uma das melhores equipes do Campeonato Nacional - reconheceu.

E essa superioridade, de fato, se traduziu no gramado do Couto Pereira. O Inter não tomou conhecimento do adversário e, diante de pouco mais de 15

mil paranaenses, atropelou naquela que foi, até o momento, a melhor atuação desde o início da competição.

O segundo placar consecutivo de 3 a 0 mostrava que o Inter começava a ganhar corpo na competição. Jair foi o melhor da partida, marcando duas vezes, aos 10 do primeiro tempo e aos 3 da segunda etapa. Já nos acréscimos, Adilson deu números finais ao confronto.

Jair, mais uma vez, foi o destaque do Inter. Chegou ao seu sexto gol na competição, anotando quase a totalidade dos nove registrados pelo Colorado até o momento. Além da contribuição ofensiva, o Folha da Tarde registrava o quão voluntarioso foi quando o Coritiba tinha a posse da bola, voltando para dar os combates no meio campo, auxiliando a marcação.

Mas nem tudo foi positivo no confronto. Em um campo completamente alagado pelas chuvas que caíram em Curitiba, a bola caiu em uma poça d'água, e Falcão apareceu para protegê-la, já no fim da partida. O zagueiro Duílio chegou por trás e deu um "bico", sem atingir o volante. Ainda assim, irritado, Falcão partiu para cima do adversário. O mineiro Maurílio José Santiago optou por expulsar os dois jogadores.

Mas não sem protestos do volante:

- Não sei qual o objetivo desse árbitro. Até parece que tenta tornar-se famoso me perseguindo - comentou, indignado, após a partida.

Ainda na estreia, contra o Atlético-PR, Maurílio já havia lhe apresentado cartão amarelo. No vestiário, Falcão seguiu reclamando:

-Tratou-se de uma injustiça aquele cartão. Critiquei, e reafirmo que ele não é um bom árbitro.

Falcão afirmou que não tentou revidar, apenas levantou-se nervoso e preocupado com a violência "desnecessária" dos adversários.

- Mas não foi uma atitude agressiva - reafirmou.

Diante da ausência certa na partida contra o América-RJ, no Beira-Rio, ficou aberta a concorrência por uma vaga no meio de campo. De um lado, Batista, jogador de Seleção Brasileira, com bagagem de Copa do Mundo (havia estado na Argentina em 1978) e afirmado, mas que vinha de recuperação de lesão. De outro, Valdir Lima que, apesar de estar em condições de fazer sua estreia pelo Inter, participara apenas de treinamentos nos 30 dias anteriores.

O que os dois tinham em comum era o desejo de entrar em campo diante do América para ajudar o Inter:

- Estou com vontade de jogar, é claro. Mas é difícil dizer se terei condições até domingo. A minha lesão é muito delicada e a volta deve ser feita lentamente para não forçar - admitiu Batista.

- Estou muito bem fisicamente. Posso correr tranquilamente os 90 minutos. Sinto bastante falta dos jogos, que são bastante importantes no condicionamento de um jogador. Só os treinos não bastam - declarou Valdir, contratado ao final do Gauchão junto ao São Paulo de Rio Grande, e já ciente de uma forte concorrência no meio-campo do Inter.

No fim, a escolha foi mesmo por Valdir Lima. E a decisão por um jogador em melhores condições físicas se provou acertada, já que era uma equipe que vinha embalada. Na semana anterior, havia vencido o Grêmio por 3 a 1, em pleno Estádio Olímpico. O resultado provocou, pela primeira vez no ano, a ira da torcida gremista. Inconformada com a derrota, protestou contra o afastamento temporário do técnico Orlando Fantoni por problemas de saúde (Ithon Fritzen assumiu interinamente) e de alguns jogadores, como Lúca e André.

A torcida, entendendo o bom momento do Inter na competição, compareceu em peso ao Beira-Rio. Mais de 33 mil torcedores lotaram o estádio na tarde de sábado. E viram o Inter ter trabalho diante de um adversário de bom toque de bola. Além de Falcão, Bira também ficou de fora. Os cariocas buscaram um empate em 1 a 1 e impediram a quarta vitória consecutiva no torneio.

Chico Spina foi lançado em velocidade na direita, invadiu a área e chutou forte. A bola ainda desviou em Russo antes de morrer no fundo do gol de Jurandir. Na etapa final, em cobrança de falta de longe, Léo Oliveira arriscou direto e pegou Benítez no contrapé, em uma falha do goleiro colorado. Ao fim da partida, o arqueiro evitou falar em erro de posicionamento: garantiu que a bola fez uma curva acentuada, enganando-o.

Valdir Lima, por sua vez, fez boa estreia. Deu dois chutes que quase entraram, passando perto do gol. No primeiro tempo, ajudou Toninho no combate de meio-de campo, conforme pedido de Ênio Andrade. Se arriscou ao ataque e fez lançamentos, apresentando um futebol simples e objetivo.

- Não fiquei nervoso. Acho que nunca fiquei nervoso dentro de campo. Sou tranquilo por natureza. Procurei jogar meu futebol sem pensar que estava substituindo Falcão. Mesmo porque ele é insubstituível.

O resultado não era de todo ruim. Garantia a manutenção na liderança e boa condição para chegar em vantagem diante do próximo compromisso, também no Beira-Rio, contra o Rio Branco, do Espírito Santo.

O relógio do árbitro baiano Saul Mendes já avançava para além dos 7 minutos da etapa final no estádio Beira-Rio, em Porto Alegre. O Inter já vencia por 2 a 0 contra o Rio Branco, do Espírito Santo, diante de pouco mais de 19 mil gaúchos, em jogo válido pela oitava rodada do Campeonato Brasileiro. Foi neste momento que Chico Spina, sempre em velocidade pela direita, recebeu e partiu. Ele cruzou rasteiro para a pequena área, onde estava o centroavante Bira. No lance, ele só teve o trabalho de empurrar de canhota para voltar a marcar. Era a redenção de um jogador que estava voltando finalmente da lesão que o deixou mais de um mês parado, e estreando naquela tarde de domingo diante da torcida colorada.

A apresentação no retorno não poderia ter sido melhor. Quatro minutos depois, ele marcou mais um: Mario Sergio recebeu no limite da marcação de linha de fundo, agora pela esquerda e, sem deixar ela sair, cruzou com precisão para Jair escorar de cabeça e ver e Bira subir muito alto. Também de cabeça, encobriu o goleiro adversário, que se perdeu na passada diante da plasticidade do lance.

O gol de abertura do placar havia sido marcado por Falcão, o primeiro dele na competição. Visto em câmera lenta, era possível apreciar ainda mais a perfeição do chute. Após cobrança de escanteio, ela descreveu um arco e chegou na marca do semicírculo da grande área. O volante pegou de primeira, de perna direita, e a bola parou no canto esquerdo do goleiro dos visitantes.

Depois, de pênalti, Jair fez o segundo da partida, já nos acréscimos da etapa inicial. Baiano descontou e, também de cabeça, Falcão fez mais um e fechou o placar.

Mas, naquela tarde, nada seria mais importante que a volta de Bira aos gramados. Ele fez o possível para evitar choques com o braço direito, por não saber como se comportaria com a lesão. Mesmo sem total entrosamento depois do período sem atuar, Bira teve boa apresentação.

A torcida do Inter, por sua vez, finalmente pôde conhecer o atacante e seu faro de gol. Comprovaram de perto o senso de oportunismo diante do arqueiro adversário, e a decisão acertada em trazer o "Tigre do Norte", como gostava de chamá-lo o vice de futebol Ballvé.

- Reconheço que estava um pouco nervoso, preocupado em mostrar que sou goleador. Isso me prejudicou e perdi duas chances no início. Mas superei esse mau momento fazendo dois gols e colaborando com a vitória do Inter. Assim, consegui fazer o que esperava e acho que fiz uma boa apresentação. Estou contente - comemorou.

A coluna de Ibsen Pinheiro no jornal Folha da Tarde, após a partida, era otimista. Muito diferente da desconfiança instaurada no início da primeira fase. Estava escrito sob o título "Um jeito de time". O Inter precisaria disso - e muito mais - para seguir a boa campanha rumo às fases seguintes do Campeonato Brasileiro.

9.7 Duas fases, muitas histórias

Ainda era cedo. A bola recém havia rolado no Beira-Rio naquela tarde de domingo, 25 de novembro. O Inter tinha escanteio pela direita de ataque. O relógio marcava quatro minutos, e o placar 0 a 0 contra a Desportiva, de Vitória, no Espírito Santo. Quem apitava era Arnaldo Cezar Coelho.

A bola foi levantada na pequena área e lá, Bira cabeceou para abrir o placar. Na tentativa de cortar o cruzamento, antes de a bola morrer no fundo do gol, o zagueiro Zé Rios teve um choque de cabeça contra o próprio Bira.

E foi o defensor quem levou a pior no lance. Não houve comemoração. Em questão de segundos, os jogadores perceberam a gravidade da situação. Zé Rios caiu desmaiado, convulsionando. Seu corpo tremia e as mãos se contorciam em movimentos involuntários. O susto era grande. Jogadores chamavam o socorro, na beira do campo, e o estádio permanecia em silêncio.

Falcão chegou a afirmar:

- Pensei que ele ia morrer em campo.

O jogador saiu direto para o hospital, em Porto Alegre. Ali, ainda não se sabia, mas permaneceria por meses até a recuperação completa.

Naquele momento, no entanto, os jogadores não sabiam da gravidade da lesão e, portanto, seguiram jogando. A Desportiva com até certa tranquilidade, um tanto satisfeita com o resultado de 1 a 0 contra.

No intervalo, no entanto, a notícia ruim dada no vestiário. Naquele momento, Zé Rios já passava por cirurgia. De acordo com o técnico Alfredo Abraão, em relato ao jornal Zero Hora, muitos atletas pediram para que a equipe sequer voltasse ao segundo tempo.

Os jogadores ficaram, claramente, abalados. E isso se refletiu no resultado da partida. A preocupação era com o companheiro em primeiro lugar. Com o aspecto desportivo em segundo plano, a Desportiva foi presa fácil. No segundo tempo, levou mais dois gols de Bira e outro de Batista, fechando o placar em 4 a 0.

Na Zero Hora do dia seguinte, em caixa alta, o tamanho da preocupação: em uma maca, com soro e auxílio de um respirador, Zé Rios chegava ao hospital. E estampava: "Até amanhã, ainda corre risco de vida". O

jogador permaneceria no Centro de Terapia Intensiva do Hospital até a terça-feira. E dizia, ainda, que dificilmente ele voltaria a jogar futebol.

A esposa de Zé Rios, grávida, chegaria a Porto Alegre para ver o marido naquela tarde. Ela foi recebida pelo presidente do Inter, Marcelo Feijó, além de Valdomiro e a esposa, que se disponibilizaram a hospedá-la em um apartamento na Avenida Ipiranga. Uma campanha de arrecadação foi feita pela dupla Gre-Nal ára auxiliar o tratamento e o pós-saída do hospital.



FIGURA 18: A chegada de Zé Rios ao hospital. Fonte: Jornal Zero Hora

Meses depois, o jogador recebeu alta e voltou para Vitória. Ele nunca mais voltaria a jogar futebol.

Quase mil e quatrocentos quilômetros. Essa é a distância que separa Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, de Poços de Caldas, em Minas Gerais. Na cidade, o Inter enfrentaria a Caldense, pela terceira rodada da segunda fase.

A viagem dava o tom do futebol brasileiro no final dos anos 70. O Inter faria essa viagem de ônibus, rumo ao interior mineiro. Muito chão pela frente.

O Inter só chegaria ao local do jogo às 4 da manhã do dia do jogo, que seria realizado à noite. No livro "O time que nunca perdeu", o volante Falcão

descreve a viagem como "terrível". De acordo com ele, o calor era infernal na metade de novembro.

A atuação não poderia ter sido diferente: jogo ruim do Inter em Poços de Caldas. Mas, ainda assim, o time saiu na frente. João Carlos abriu o placar, mas Mirandina saiu do banco de reservas, empatou e deu números finais ao confronto.

Após o resultado, um repórter teria dito a Falcão:

- Esse teu time não vai chegar a lugar nenhum.

O jogador rebateu. Disse que o time seria campeão e, ainda, apostou um churrasco com o jornalista.

O resultado abria a sequência mais turbulenta do Inter ao longo do campeonato. Logo na arrancada da fase, em um grupo em que só os dois melhores avançavam, o time de Ênio Andrade emendaria três empates em sequência. Depois desse 1 a 1, foram dois 0 a 0: o primeiro em casa, surpreendente, diante da Anapolina, de Goiânia. Na ocasião, o placar valeu a perda da liderança da chave e colocou o time na obrigação de vencer o jogo seguinte, diante do Atlético-PR. No entanto, isso não aconteceu, e mais um 0 a 0 acendeu o sinal de alerta. A vitória só viria diante da Desportiva, no jogo da lesão de Zé Rios.

Foram três minutos avassaladores, para um time que chegava àquela partida em clima de revanche. O Inter já havia perdido três partidas para o São Paulo, de Rio Grande, no Campeonato Gaúcho.

Em um momento agudo da competição nacional, o Inter precisaria devolver aquele resultado. A resposta precisaria vir, obrigatoriamente. Só assim o Inter teria mais tranquilidade na terceira fase do Brasileirão.

Valdir Lima, que havia jogado no time de Rio Grande, ajudou a destrinchar a estratégia de Ernesto Guedes naquelas partidas. Era para que alguém grudasse em Falcão quando ele ultrapasse a linha do meio-campo. Assim, Ênio pediu para que ele jogasse perto dos zagueiros, ao lado de Bira. Mario Sergio, de outra grande atuação, recuou para confundir a marcação.

A estratégia começou a se provar acertada aos 37 minutos. Após levantamento da direita, a defesa do São Paulo colocou a mão na bola, tirando da cabeça de Falcão. O árbitro baiano Manoel Serapião Filho assinalou pênalti, convertido com categoria por Jair. Bola no canto direito, goleiro para o lado esquerdo, e Inter na frente.

Três minutos depois, a segunda bola na rede. De novo em jogada construída pela direita: após o cruzamento, buscando a marca do pênalti, Bira matou no peito, com muita categoria. Com a jogada em velocidade, conseguiu limpar a marcação do zagueiro já no domínio. Esperou ela cair e, de primeira, bateu colocado no canto esquerdo para fazer 2 a 0.

E o Inter estava disposto mesmo a construir sua vitória pelo lado direito, naquela tarde. Na etapa final, o centroavante Mário, que havia entrado no lugar de Bira, recebeu cruzamento do setor. Ele cabeceou forte, mas a bola tocou o pé da trave direita do goleiro Sérgio. Ela se apresentou nos pés de Mario Sergio que, com tranquilidade, só teve o trabalho de conduzi-la lentamente até cruzar a linha do gol.

Nem o gol de honra de João Carlos foi capaz de modificar o cenário. Placar final de 3 a 1, e a revanche contra o São Paulo de Rio Grande estava conquistada, justamente na hora em que mais se precisava dela.

Superados os três empates com a vitória por 4 a 0 sobre a Ferroviária, o Inter ainda venceria o xará de Limeira por 1 a 0, no interior de São Paulo. Classificação assegurada na liderança do grupo para a terceira fase, ao lado do Atlético-PR, que passou com um ponto a menos.

A estreia na terceira fase seria contra o Goiás. O time do centro-oeste havia se credenciado após passar em segundo lugar no grupo, atrás do Vasco. Fechavam a chave na etapa anterior o América Mineiro, o Ceará, o Operário de Várzea Grande, o Botafogo da Paraíba, o Central e o ASA, de Arapiraca.

Falcão, por pouco, não foi desfalque. O volante havia se machucado na partida anterior, contra a Inter de Limeira, no interior de São Paulo. Mas, na base do sacrifício, fez um esforço e entrou em campo mesmo com uma luxação na clavícula direita.

Com a ajuda de um descontado Falcão, o Inter até conquistaria a vitória para mais de 35 mil pessoas no Beira-Rio. Mas o jogo foi apertado, com placar de 1 a 0 e gol marcado no último lance do primeiro tempo.

Outros jogadores precisariam aparecer, com o craque do time em menos condições físicas. E quem resolveu foi Mario Sergio. Colocou a partida no bolso e, desde o início, foi o mais perigoso do Inter.

Logo no início da partida, após cobrança de lateral pela esquerda, Bira ganhou no tranco de Argel. Ao invadir a área, a bola escapou de seu domínio e se apresentou para Mario Sergio. Depois de um toque rápido, ele adiantou e bateu meio de bico. O chute passou raspando a trave do goleiro Amauri.

Depois, novo lance de perigo saindo de seus pés. Ele cobrou falta da direita, tirando o peso da bola. João Carlos cabeceou com efeito, a bola caiu e Amauri precisou dar um tapa nela para garantir que saísse em escanteio.

No lance do gol, Mario Sergio começa e termina a jogada. Ele se aproveita do erro no domínio da marcação do Goiás, rouba a bola e abre com precisão buscando Bira. Claudio Mineiro faz a ultrapassagem rumo à linha de fundo e, de primeira, cruza rasteiro, de canhota, buscando o miolo da pequena área. Praticamente na risca, Mário Sérgio se antecipa ao zagueiro, ao goleiro e dá um toque rápido.

Bola no fundo da rede. Mario Sergio, de braços levantados aos céus, corre em direção à torcida. Passa sobre as placas de publicidade. Os companheiros correm para abraçá-lo e erguê-lo. É o gol do alívio.

A partida também marca o momento em que Mario Sergio e a torcida do Inter selam definitivamente a paz na competição. A relação foi conturbada durante toda a temporada. Na fase anterior, Mario Sergio chegou a ser vaiado no Beira-Rio.

Inter 1, Goiás 0. Vitória conquistada no primeiro dos três objetivos que a equipe teria naquela fase.

1975.

Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Estádio Beira-Rio, 14 de dezembro. Campeonato Brasileiro. Final.

A partida seria disputada em jogo único. Como mais um reflexo da dificuldade de organização do futebol brasileiro da época, a cada ano a fórmula se modificava.

Assim, o Campeonato Brasileiro de 1975 foi disputado com 42 clubes e três fases prévias, com direito a uma repescagem. Na semifinal e final, jogos únicos.

No Maracanã lotado, o Inter fez 2 a 0 no Fluminense, com gols de Lula e Carpegiani, e se credenciou à decisão. O adversário seria o Cruzeiro, que também sofreu fora de casa. Saiu perdendo para o Santa Cruz em Pernambuco, e só conseguiu a classificação de forma direta no Estádio do Arruda aos 45 do segundo tempo, quando Palhinha marcou e deu números finais ao 3 a 2.

Após um primeiro tempo difícil na decisão, o cenário se modificou de vez para o Inter aos 11 minutos da etapa final. Valdomiro sofreu falta, e se criou a expectativa nos mais de 80 mil torcedores que lotavam o Beira-Rio.

A precisão do cruzamento vindo da direita foi tamanha, que parecia ter sido feito com as mãos. A bola ficou suspensa no ar, exatamente sobre a marca do pênalti. Lá, apareceu o zagueiro chileno Figueroa. O camisa 3 acertou a bola com a testa, sem chances de defesa, no canto direito da meta.

- Agora é o mar vermelho no Beira-Rio. Pode ser o gol do coroamento de uma campanha: Internacional um, Cruzeiro zero, aos 11 minutos de partida no segundo tempo - afirmou o narrador Armindo Antônio Ranzolin, logo após a bola parar no fundo das redes de Raul.

O gol teve, ainda, algo que o imortalizou no imaginário do torcedor. Por uma câmera em um ângulo de trás do gol, era possível ver Figueroa se projetando exatamente onde um feixe de luz do sol estava no gramado. Do pôr do sol do Guaíba, quando ele começava a se deitar no horizonte, saiu a imagem que coroou aquela campanha.



FIGURA 19: O gol iluminado de Figueroa. Fonte: YouTube/Reprodução

O Inter conquistava o seu primeiro título brasileiro. O gol de Figueroa entraria para a história como "o gol iluminado". Criava-se uma grande expectativa para a Libertadores do ano seguinte.

1976.

Belo Horizonte, Minas Gerais. Estádio do Mineirão, 7 de março. Copa Libertadores da América. Fase de grupos.

A partida marcava a estreia das duas equipes na competição continental. Mas, naquela noite, as 65 mil pessoas que lotaram o Mineirão viram mais. Presenciaram um dos grandes jogos da história do futebol brasileiro.

Logo aos 3 minutos, Joãozinho foi ao fundo, pela esquerda, e cruzou rasteiro. Palhinha se antecipou a Figueroa e fez 1 a 0. Aos 10, nova falha de Figueroa, e Palhinha marcou o segundo. Quatro minutos depois, o Inter descontou com Lula. O golaço, o mais bonito da partida, veio em um petardo de fora da área, indefensável. O ritmo era frenético: com 14 minutos, três gols marcados. Aos 21, Joãozinho recolocaria o Cruzeiro na frente, driblando Figueroa e chutando forte. Para fechar o primeiro tempo, Valdomiro fez aos 39, descontando outra vez para o Inter.

Disposto a empatar o jogo na etapa final, o Inter foi para cima. Aos 6, Zé Carlos marcou contra e a partida voltou a ficar empatada: 3 a 3. Parecia que a situação complicaria para o Cruzeiro aos 12, quando Palhinha acertou cotovelada, de novo em Figueroa, sempre ele, e foi expulso. Mas Joãozinho, aos 18, fez o 4 a 3. O Inter empataria pela última vez com Ramón, de cabeça. Um jogo dramático só poderia terminar com mais dose de drama. Aos 40, de novo Joãozinho como protagonista. Ele foi derrubado na área, e a arbitragem assinalou pênalti. Nelinho bateu. E converteu. Cruzeiro 5, Inter 4. Placar final.

Fim de um jogo eletrizante. A partida vencida por 5 a 4 pelo Cruzeiro entrou para a história como um dos maiores jogos da história do Mineirão.

O próprio Figueroa viria a reconhecer, posteriormente, que a partida foi uma das suas piores atuações ao longo da carreira. Em 2012, para uma matéria do jornal mineiro Superesportes, Figueroa admitiu:

- Individualmente, foi muito infeliz para mim. Errei vários lances capitais. Tudo o que eu procurava fazer não dava certo - desabafou, ao dizer que lembrava do estádio lotado.

Em um tempo em que só uma equipe de cada grupo avançava para a fase seguinte, vencer era ainda mais fundamental. O Inter perderia novamente para o Cruzeiro, no Beira-Rio, por 2 a 0. As duas derrotas para um rival direto inviabilizaram a classificação, e o Colorado deu adeus à competição ainda na primeira fase.



FIGURA 20: Em 1976, Cruzeiro venceu o Inter em jogo histórico na Libertadores

O Cruzeiro acabaria por tornar-se campeão daquela edição da competição continental. Em uma época em que não havia o critério do saldo de gols na decisão, precisou de três jogos. No primeiro, bateu o River Plate, da Argentina, por 4 a 1 no Mineirão. Perderia por 2 a 1 no Monumental de Nuñez, em Buenos Aires. No desempate, no Estádio Nacional de Santiago, no Chile, o histórico gol de falta. Joãozinho, aos 43 do segundo tempo, surpreendeu até mesmo o batedor oficial, Nelinho. O gol improvável definiu o 3 a 2 e assegurou a taça para os mineiros.

Chegamos a 1979 com uma rivalidade consolidada entre dois dos maiores clubes da década no futebol brasileiro. Em confrontos recentes importantes, portanto, o placar estava empatado em 1 a 1. Era a hora de tirar a igualdade do marcador.

Em 4 de dezembro, portanto, os mais de 58 mil torcedores que fossem ao Mineirão só poderiam esperar outro grande duelo. E de fato foi o que aconteceu. Mais uma vez, Inter e Cruzeiro entregaram um jogo para a história não apenas daquele campeonato, como da história do futebol brasileiro.

Treinado por Hilton Chaves, o Cruzeiro ainda tinha o grande batedor de faltas Nelinho. Eduardo era um ponta rápido e driblador, dos melhores do país. E havia, ainda, a preocupação se o lateral João Carlos daria conta de marcar o perigoso e insinuante Joãozinho.

João Carlos relutou para se tornar lateral. Era zagueiro de origem. Aos poucos, seus companheiros conseguiram demovê-lo da ideia, já que estava irredutível. Depois, deu-se conta que tinha físico e era ágil o suficiente. Titular absoluto daquela equipe, falava muito em campo e instruía os companheiros quando os adversários armavam o contra-ataque.

Naquele dia, o jogador seria determinante para frear o ímpeto ofensivo natural daquela equipe do Cruzeiro. Mas sua atuação não se resumiria a isso, já que ele também participaria das jogadas de ataque e até da construção dos gols.

Aos 27 minutos, João Carlos tabelou com Jair, que devolveu em grande toque por elevação. Ele dominou na direita, já perto da linha de fundo e, entre

dois marcadores, cruzou a meia altura para Falcão bater de perna direita, de primeira, para fazer 1 a 0 Inter.

Os mineiros empatariam justamente com Joãozinho. Ele limpou a marcação dentro da área e contou com desvio na defesa do Inter para encobrir o goleiro Benítez, um pouco adiantado. Apesar de estar encarregado da marcação, João Carlos não teve participação no lance.

Mas, ainda no primeiro tempo, o Inter voltaria a tomar a frente no placar. Falcão dominou, bateu e o goleiro defendeu, mas não segurou. Ele espalmou a bola para frente, e a bola sobrou para Bira. Na dividida, em um gol "chorado", a bola foi lentamente para o gol, com último toque de Zezinho.

O 3 a 1 sairia com um golaço, como que para confirmar a autoridade exercida pelo Inter no primeiro tempo. Após lançamento longo da defesa do Inter, Marquinhos tentou cortar, mas cabeceou para o chão. O defensor deu azar porque ela caiu justamente nos pés de Valdomiro. Com muita habilidade, ele limpou a marcação e ignorou o pedido de Bira no lado esquerdo. Fuzilou de pé esquerdo, Luís Antônio até tocou na bola, mas ainda assim ela tocou na bochecha da rede, para festa dos jogadores no gramado.

Avassalador em 45 minutos, o Inter chegava ao intervalo vencendo pelo placar de 3 a 1. Na etapa final, Alexandre até descontou, mas não havia tempo para mais nada. Era a segunda vitória do Inter em dois jogos da terceira fase do Brasileirão. Na hora aguda, o time mostrou seu valor diante de grandes adversários do futebol brasileiro.

Mais tarde, o próprio Falcão viria a reconhecer: foi a primeira grande ameaça à invencibilidade do time. Mas nem isso impediu a vitória com autoridade de um time que já dava muitos sinais de maturidade. Mais do que isso, de que poderia ser campeão.

Como já vimos, o Atlético-MG abriu mão da sequência do campeonato por conta das desavenças políticas e da decisão do mando de campo envolvendo o Goiás. Assim, com o W.O. garantido, as três vitórias em três jogos credenciavam o Inter como campeão da chave. Era a vaga na semifinal, e o tricampeonato um pouco mais próximo.

9.8 Falcão

- Atenção, foi dada a partida para o Grande Prêmio Turfe Gaúcho Setenta e Nove. Flying River, a centro da pista, vai tomando a ponta, mas Flavião ataca junto à cerca interna.

"Quatro animais disputam o primeiro, já houve o afunilamento e Flavião vai para a ponta livrando pescoço, paleta, meio corpo, já um corpo inteiro. Cá por fora vai avançando Good Senior, junto à cerca interna, com Superbom.

Flavião é o ponteiro, dois corpos para, na segunda colocação, Good Senior. A um corpo inteiro corre, pelo centro da pista, Superbom vindo tentar o primeiro. Em quarto corre Mutante, em quinto Flying River.

Baixam os cem finais. Flavião na ponta, dois para, na segunda colocação, Super bom, Mutante em terceiro e cruzam pelo disco. Em primeiro Flavião, a dois chega Superbom, a um e meio Mutante. Depois chegaram Good Senior, com Flying River Luminoso e, por último chega Calbor.

Foi a história desse terceiro páreo, o Grande Prêmio Turfe Gaúcho de Setenta e Nove, edição dos potrancos. Ganha Flavião, número um, apregoado como favorito na final. E ganha de forma incontestável."

Assim o locutor de turfe Vergara Marques contou a história do páreo principal do XI Prêmio Turfe Gaúcho, disputado no Jockey Club Cristal, na tarde de domingo, 16 de dezembro de 1979. Em 41 segundos, o jockey M. Moacir Silveira conduziu o alazão de dois anos, do Haras Boituva, em São Paulo, e treinado por Arno Altermann, à vitória.

E ele era o favorito, juntamente com Flying River. No sábado, havia vencido com folga o segundo terno, na eliminatória. A concorrência mais forte - ao menos dentro do que se imaginava - vinha justamente do páreo seguinte, onde estava Flying River. Na sexta-feira anterior ao início, a Zero Hora dedicava matéria de página inteira ao potro. Nela, os treinadores demonstravam confiança na vitória, mas já faziam o alerta, com Aquenedor dos Santos, bastante conhecido nas canchas retas do Estado:

- Acho que as forças do Turfe Gaúcho são Flavião, Make Dust e Good Seven. O resto é parêlo.

E foi o que aconteceu. Mesmo com Flying River despontando nos metros iniciais, não demorou muito para Flavião tomar a dianteira e dominar a prova. Abriu vantagem e, nos cem metros finais, apenas correu para manter a

ponta, sem ser forçado pelo seu jóquei, cruzando a linha de chegada com dois corpos de vantagem.

Quase sem luta, ficou com a vitória. Algo bem diferente era esperado naquela mesma tarde, separados por cerca de três quilômetros de distância, e um intervalo de pouco mais de duas horas. Por volta das 17h, a bola rolaria no Beira-Rio para a partida de volta da semifinal do Campeonato Brasileiro, entre Inter e Palmeiras.

A semana decisiva para o Inter havia começado tensa em Porto Alegre. Na madrugada de domingo para segunda, por volta das quatro horas, uma tragédia. Vigilantes, zeladores e papaleiros que trabalhavam no centro da cidade foram despertados por um estrondo que fez as vitrines e vidraças próximas à Galeria Maicon estremecerem. Um funcionário de uma das lojas das imediações olhou pela janela e viu, em meio a uma nuvem de poeira, os escombros do prédio da esquina da rua dos Andradas com a Vigário José Inácio, que estava sendo reformada para a abertura de mais uma filial de loja de roupas.

Houve um corre-corre e, em instantes, uma viatura do 9º patrulhamento da Brigada Militar apareceu no local. Um operário, muito nervoso, queria retornar ao prédio. Lá, estava seu colega, que não conseguira sair. No momento do acidente, os dois retiravam, com auxílio de marretas, o mármore que fazia a cobertura de uma coluna que sustentava a marquise. Com os repetidos golpes, a estrutura cedeu, despejando toda a parte da frente, com aproximadamente 10 toneladas de entulho, tijolos e pedras, sobre a dupla.

A chegada do Corpo de Bombeiros ao local de salvamento não pôde evitar a morte do outro homem. O local foi isolado pelas autoridades, e o corpo da vítima recolhido ao Instituto Médico Legal. Pela manhã, outro desabamento gerou mais pânico nas ruas do Centro. Felizmente, desta vez, nenhuma vítima foi registrada.

Como se não fosse suficiente o grande adversário, o Inter também precisaria superar um retrospecto negativo. As duas equipes haviam se enfrentado em outras três oportunidades em fases agudas de edições anteriores do campeonato nacional. Em todas elas, os paulistas levaram a vantagem, sendo duas semifinais e outras duas em um grupo final.

A primeira vez foi em maio de 1967, quando o campeonato nacional ainda se chamaça Taça Roberto Gomes Pedrosa, o Robertão. Em um quadrangular final, que contava ainda com Corinthians e Grêmio, a abertura seria contra o alviverde, em Porto Alegre. Mas no Olímpico, já que as obras do Beira-Rio ainda não estavam concluídas. O Inter saiu atrás e até chegou a buscar o empate, mas levou o gol nos minutos finais e perdeu por 2 a 1. O resultado seria determinante para o destino na competição, que terminou com o vice-campeonato, justamente atrás do Palmeiras.

No segundo encontro, em dezembro de 1972, a fórmula já era diferente, aproximando-se do formato de semifinal. Em jogo único, as duas equipes se enfrentavam no Pacaembu, com vantagem do empate para os paulistas. Tovar fez 1 a 0, no primeiro tempo, em um golaço após bonita jogada com passes altos no meio-campo. No entanto, um lance polêmico marcaria a classificação. Aos 24 minutos, o árbitro Arnaldo Cesar Coelho fez "vista grossa" para uma possível posição irregular de Ademir da Guia na origem da jogada. Assim, recebeu, avançou e chutou no pé da trave direita. No rebote, a bola sobrou para Nei empatar e garantir a classificação do Palmeiras. Na final, novamente jogava pelo empate e, com um anticlímax para os amantes do futebol, ficou com a taça após empate em 0 a 0 diante do Botafogo.

No campeonato seguinte, a chance do troco se apresentou na mesma fase, mais uma vez disputada em formato de grupos. Com a já conhecida bagunça do calendário do futebol brasileiro, as partidas válidas pelo certame de 1973 só aconteceriam em fevereiro de 1974. De novo, um único grupo e apenas três jogos para cada time. O Inter arrancou muito mal, levando 4 a 1 do São Paulo no Morumbi, enquanto no mesmo dia o Palmeiras vencia o Cruzeiro em pleno Mineirão por 1 a 0. O próximo duelo, portanto, decidiria a sorte na competição. Logo aos 5 minutos, Figueroa abriu o placar. A virada viria de forma dramática com dois gols em dois minutos, aos 33 e 34 da etapa final. Na

última rodada, mais um empate sem gols, agora contra o São Paulo, para sacramentar outra taça do alviverde.

O encontro mais recente ainda estava vivo na memória dos colorados: havia sido um ano antes. Mas, em 78, dois jogos, com o primeiro disputado em São Paulo. Muito cedo, o Inter se viu em desvantagem, com Toninho anotando aos 15. Ele voltaria a marcar no segundo tempo para decidir o marcador. No jogo seguinte, o Inter precisaria vencer por dois de diferença, mas a igualdade em 1 a 1, com gol de Chico Spina, que permaneceria para a campanha de 79, foi insuficiente, e a vaga ficou com os paulistas. Mas, dessa vez, o Palmeiras não teria a mesma sorte na decisão: esbarrou no Guarani de Campinas, grande time dos anos 70 com nomes como Zenon, Zé Carlos e Careca, que venceu as duas partidas e se tornou a primeira equipe do interior do Brasil a conquistar um título de Campeonato Brasileiro.

Do alto do Viaduto do Chá, cravado no Vale do Anhangabaú, podiam passar dois tipos de pessoas naquela tarde de quinta-feira. Independente disso, dali, avistariam as mesmas coisas ao se debruçarem no parapeito. Logo à direita, no primeiro plano, o prédio da Light, construído em 1926 e que inicialmente era sede de São Paulo Tramway, Light and Power Company, uma empresa canadense que atuava no Brasil na área de distribuição de energia elétrica. Seu nome original, de "batismo" era uma homenagem a Alexandre Mackenzie, mas aqueles que passavam por ali apressados, todos os dias, primeiro sequer sabiam disso e, mesmo que soubessem, não seriam capazes de adivinhar de quem se tratava.

Se direcionassem o olhar para baixo, na movimentada avenida, veriam os Fuscas das mais variadas cores: vermelhos, amarelos, azuis, em uma época em que o trânsito era muito menos monocromático e metálico. No alto dos prédios, os letreiros exibiam as marcas Pull Sport, famosa marca de roupas dos anos 60 e 70. O sucesso foi tanto que, em 1967, a revista norte-americana Time publicou uma matéria citando o progresso da economia brasileira, inclusive com uma foto do presidente militar, o general Artur da

Costa e Silva. Nela, o proprietário da marca, David Zeiger, foi apresentado como um "industrial exemplar".

Mais ao sul, com algum esforço, poderiam avistar os aviões da Varig e da Vasp que vinham dos mais variados destinos rumo ao aeroporto de Congonhas.

Mas fossem eles pessoas desavisadas, que não se importavam com futebol, ou fanáticos torcedores alviverdes que mais tarde pegariam seus ônibus rumo ao estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi, qualquer um deles poderia descer até a rua Líbero Badaró e, passando pelas bancas de revistas, lá encontrariam edições do jornal da Folha da Tarde daquela quinta-feira, 13 de dezembro. E ali encontrariam a seguinte pergunta, estampada quase como uma provocação: "Mococa ou Falcão?"

Apesar de, ao final do jogo de ida ficar claro que a comparação não cabia, Mococa havia conquistado ao menos o direito de estar na mesma frase. Não apenas ele, mas todo o time do Palmeiras se credenciava por razões óbvias, ocorridas dias antes, distante cerca de 400 quilômetros dali, a nordeste, no litoral.

- Não posso dar entrevista agora, irmão, estou tremendo de medo do Maracanã, né mesmo, Mococa? - disse Jorge Mendonça ao repórter que se aproximava.

- Até que para um bando de medrosos nos saímos direitinho com esse resultado, né mesmo, Mendonça? - respondeu Pires.

Mococa não deixou por menos, no mesmo ritmo de descontração:

- Olha como estou tremendo de medo no Maracanã. Tremendo de alegria. Você está tremendo, Pires?

Os três estavam diante do espelho do vestiário do maior estádio do mundo, onde a torcida do Flamengo havia acabado de colocar mais de 112 mil pessoas para a partida. O que viram, no entanto, foi um verdadeiro show do Trio Negro do Palmeiras. O jogo era válido pela terceira fase da competição nacional, e apenas o primeiro colocado de cada grupo avançava à etapa seguinte.

Jorge Mendonça abriu o placar no início do jogo, e Zico, de pênalti, chegou a empatar. Depois, no entanto, um passeio do Palmeiras: Carlos Alberto, Pedrinho e Mario anotaram, definindo o placar em 4 a 1 fora de casa. O resultado, além de calar o Maracanã, foi fundamental para a classificação do Palmeiras às semifinais do Brasileirão.

Jovem, com apenas 21 anos, Mococa disputou o Campeonato Paulista pelo Noroeste de Bauru, quando foi observado por Telê Santana. Foi o responsável por anular o Galinho de Quintino no Maracanã.

O preparador Gilberto Tim assistiu ao jogo. E garantiu ter visto um time pronto no aspecto físico.

- Está certinho, bem preparado - resumiu, antes de assegurar que os atletas colorados encontravam-se na mesma condição, apesar do cansaço natural em uma reta final de campeonato.

Mesmo diante das evidentes diferenças, não apenas de idade mas em relação ao que já haviam conquistado no futebol (Falcão possuía dois Campeonatos Brasileiros com o Inter, em 75 e 76), o questionamento estava posto, no alto das páginas do Folha da Tarde. Mesmo fazendo questão de frisar que "não se pode comparar os dois". Apresentava, ainda, o jogador do Palmeiras com características como "marcador, destruidor, rápido e agressivo". Cenário posto, era no gramado do Morumbi, naquela noite, que as coisas se resolveriam.

Treinado por Telê Santana, o confiante Palmeiras sofria com lesões. O centroavante César, por exemplo, sofreu uma forte pancada no tornozelo em um treinamento. Por conta disso, passou a fazer tratamento e era uma das dúvidas do treinador.

Mas, quando a bola rolou, empurrados por mais de 60 mil torcedores no Morumbi, o Palmeiras foi superior nos primeiros 10 minutos, criando pelo menos uma boa chance de gol. Carlos Alberto ficou livre, e Benítez defendeu. No rebote, Jorginho chutou e o goleiro do Inter voltou a fazer uma defesa difícil.

E seguiu dominando a partida até os 34 minutos. Mendonça cruzou da direita, e o goleiro voltou a sair, de soco na bola. Ela sobrou para Baroninho,

fora da área. O ponteiro bateu rasteiro, Benítez chegou a tocar na bola, mas a finalização forte foi morrer no fundo do gol, abrindo o placar.

No segundo tempo, a mudança no cenário. Logo aos 5 minutos, Jair arriscou de longe. A bola quicou no gramado, na frente de Gilmar, traindo o goleiro do Palmeiras, e a partida voltou a ficar empatada.

A situação de domínio já havia se invertido. Agora, era o Inter quem mantinha o controle do jogo, desperdiçando chances de gol.

No entanto, outros 5 minutos depois, o Palmeiras voltou a passar a frente no marcador. Pires mandou a bola para a área, e Jorge Mendonça tirou Mauro Galvão da jogada. Mas executou isso com muita categoria, dominando a bola no peito e deixando ela tocar no gramado. No movimento seguinte, chutou no canto direito de Benítez para anotar o 2 a 1. O momento não poderia ser melhor para o gol, já que os donos da casa haviam sentido o empate.

Foi nesse momento que Falcão abriu espaço para seu show em solo paulista. Aos 19 minutos, pelo lado direito, e diante de uma placa que sugeria aos espectadores que bebessem Coca-Cola, e em uma posição invertida com Valdomiro, Jair cruzou muito alto na direção da área. Lá estava o camisa 5 colorado para, de cabeça, levar a melhor diante do zagueiro Beto Fuscão, buscando o canto esquerdo do goleiro, que demorou para sair do chão. Quando partiu, já era tarde. Outra vez, a igualdade no marcador.

Mas o melhor estava guardado para o final. O relógio no canto direito dos televisores da época marcavam exatamente 25 minutos e 18 segundos quando o pé direito de Falcão chocou-se violentamente contra a bola, pouco adiante da marca do pênalti, à direita. Um foguete que ninguém conseguiu interceptar. Havia sobrado para ele depois de duas tentativas de dividida de cabeça dentro da área. Ninguém conseguiu arrematar na direção do gol. Sobrou para ele dar números finais ao duelo.

Falcão acabava de decidir um jogo histórico para o Inter. A partida mais difícil do campeonato tinha a assinatura do craque, o ídolo, que, muito em função desta atuação, viria a ser eleito meses depois o justo vencedor (pela segunda vez) da Bola de Ouro da revista Placar - periódico histórico do jornalismo esportivo brasileiro.

A escolha era feita pela média obtida nas votações de jornalistas que compõem a banca. O meia do Inter obteve a maior nota: 9.20. Sem poupar

elogios, definindo-o como capaz de "ditar o ritmo do time" e "arrumar tudo quando o barco ameaça afundar". Além dele, Mauro Galvão foi o outro jogador do Inter na lista da Bola de Prata.

No dia seguinte ao jogo, a crônica esportiva gaúcha se rendeu ao Inter. Ruy Carlos Ostermann, em sua coluna no jornal Zero Hora, chamou de "Uma grande noite" a vivida no Morumbi.

- Foi o tipo de vitória heroica, daqueles que não deixam a mínima dúvida sobre a capacidade de decisão de um time de futebol.

E fez questão de exaltar a qualidade do adversário Palmeiras, mesmo sendo incapaz de parar o Inter. Já Cid Pinheiro Cabral afirmou que o Palmeiras se "curvou ao vendaval do sul", em um jogo sensacional.

A mesma Zero Hora fez questão de afirmar que Falcão havia sido o melhor em campo no Morumbi. Ainda no gramado do Morumbi, o volante, cercado por repórteres paulistas, fez questão de frisar que nada estava ganho.

- Temos que nos conscientizar que não ganhamos a vaga. Ainda temos um jogo. E será difícil. Não pensem que o Palmeiras se entregou. É um time valente, perigoso e que sabe jogar. Por isso, precisamos manter a humildade e esperar o apoio de toda nossa torcida.

Batista também falou após a vitória. Bastante cansado, o centromédio explicou que a vitória começou a ser construída nos vestiários do Morumbi. O jogador declarou ter certeza de que, em caso de modificação da tática, o time poderia vencer.

- Não poderíamos continuar esperando o Palmeiras no nosso campo. No segundo tempo passamos a marcar a saída. Com isso, passamos a tocar a bola, marcar mais o meio de campo e as laterais. Procuramos evitar que eles jogassem e passamos a fazer o nosso jogo. Os gols saíram ao natural - afirmou.

O técnico Ênio Andrade fez a mesma leitura do jogo. Disse que a atuação no primeiro tempo teve falhas táticas claras. No intervalo, conversou demoradamente com os jogadores.

- Corrigimos os erros pelo lado direito do Palmeiras. O Cláudio Mineiro se posicionou. Assim conseguimos o empate. O Palmeiras fez outro e não desanimamos. Conseguimos virar o resultado. Foi um jogo sensacional - declarou, extasiado.

Assim, ainda havia trabalho a ser feito. E sem muito tempo para comemorar.

Mais uma vez, antes do jogo decisivo, outro momento de tensão em Porto Alegre. Agora, provocado pelas forças da natureza.

Na noite de quarta-feira, uma enxurrada atingiu Porto Alegre. Ruas alagaram, bueiros entupiram, sinaleiras pifaram e telefones ficaram mudos.

No cruzamento das avenidas Bento Gonçalves com a Aparício Borges, um bueiro entupiu com o excesso de água, rasgando o asfalto e fazendo saltar para a superfície algumas das coisas mais inesperadas que dali poderiam sair. Capim, papéis, terra preta, latas enferrujadas, uma bola de tênis e uma infinidade de outras porcarias.

Mais adiante do local, no bairro Partenon, um casal com três filhos teve a casa completamente inundada por volta da 1h da madrugada. Móveis e eletrodomésticos da casa foram danificados. Roupas, sofás, sapatos, livros: tudo fedia.

O bairro Medianeira foi o mais atingido. No local, o arrio Cascatinha chegou a transbordar. Na rua Alfredo Costa, o clima era de tristeza, com os moradores tentando, inutilmente, salvar móveis e mantimentos de cozinha.

De acordo com a Companhia Riograndense de Telecomunicações, mais de 1.600 telefones públicos ficaram mudos. Três equipes totalizando 80 homens atuaram no trabalho de restabelecimento do serviço.

Distante três quilômetros do Jockey Club Cristal, Joca não queria saber do Grande Prêmio de turfe. Se pudesse, faria questão inclusive de ignorar os barulhos que vinham do entorno do estádio, dos torcedores que se aproximavam para a partida daquela tarde de domingo, 16 de dezembro de 1979.

Só o que importavam eram as imagens que estavam à sua frente, no altar da capela do Beira-Rio. E não eram poucas, divididas em dois andares de

uma espécie de prateleira embutida na parede. Mais à frente, em uma mesa, várias velas. E ali estava o torcedor que não assiste ao jogo. Fica a rezar, sozinho, tentando ignorar o entorno. Fingindo estar mergulhado no mais absoluto silêncio.

Mas, caso optasse por ver a partida, talvez até sofresse menos do que às escuras. Porque, diante de quase 70 mil torcedores, o Inter controlou as ações. Podendo jogar pelo empate para ir à decisão, saiu na frente no início do segundo tempo após a igualdade na etapa inicial. Claudio Mineiro dominou na intermediária e chutou para a área. Adilson tocou de cabeça para Bira, que ajeitou a bola para finalização forte de Jair, no canto direito de Gilmar.

Foi o próprio Mococa quem empatou, dois minutos depois. Na meia-lua, Pedrinho fez uma espécie de corta-luz para enganar Batista, enquanto Jorge Mendonça impedia a entrada de Mauro. A bola sobrou para Mococa, que dominou e desviou de Benítez, com um chute fraco no canto esquerdo. Números finais do confronto insuficientes para impedir o avanço e a festa colorada no Beira-Rio.

O Inter estava na final do Campeonato Brasileiro. Se estivesse alinhado naquela tarde para o Grande Prêmio de turfe, o cavalo seria certamente considerado um azarão. Mas provou-se o contrário ao longo dos três meses de competição. Nadou de braçada. Ou melhor, colocou pelo menos um corpo diante dos rivais, e agora se credenciava para o último páreo, diante do Vasco.

- A humildade vai continuar. Não existe outra forma: futebol se ganha no campo, com esforço. Nada de salto alto. - destacou.

Em meio à loucura que se transformou o vestiário do Inter após o empate com o Palmeiras, o diretor Frederico Ballvé traduzia bem o espírito.

- A nossa confiança vem aumentando como uma bola de neve. Ela veio num crescendo, à medida que o nosso time superava as dificuldades. Com essa garotada fabulosa, ninguém nos tira o título. Ainda mais que o time que está invicto pode chegar ao caneco sem derrota, coisa que nem o grande Inter do Figueroa conseguiu - bradava.

Os jogadores também estavam confiantes. O jornal Zero Hora do início da semana não conseguia frear a empolgação. Em uma matéria sobre o ânimo para a decisão, declarava: "Todos respeitam o Vasco, mas acham que o título está quase ganho".

A classificação para a final também assegurava a vaga na Libertadores da América do ano seguinte. Falcão disse que o time notou que poderia chegar ao tri, mas falou em "muita luta" para obter esse resultado.

- Posso afirmar que fizemos 99, agora falta o 100. O Vasco é um adversário temível, mas a gente tem condições de chegar lá.

Outro jogador experiente do time, Batista, também dava força ao depoimento do companheiro, citando o "comprometimento tático" do time. Assim, acreditava em nova vitória.

- Falo por mim. Fiquei à frente dos zagueiros, tentando facilitar o trabalho. Um tem ajudado o outro e assim tudo fica mais fácil. Acredito, de verdade, que a gente pode passar pelo Vasco.

- Chefe, agora ninguém mais ganha de nós - era Valdomiro, dando um abraço apertado no técnico Ênio Andrade.

Ênio, no entanto, tentava demonstrar cautela e humildade.

- Conheço bem o trabalho do Oto Glória. Ele é do futebol competitivo, bem diferente daquela alegria inconstante que é marca registrada dos cariocas. Por isso, ele merece todo o respeito.

O treinador também projetava um esquema especial para marcar Falcão. Mas não parecia muito preocupado, chegando a ironizar a tentativa de segurar seu maior craque.

- Como vai ser desse modo, o Falcão terá plena liberdade de movimentação.

Apesar do clima de confiança dos companheiros, Falcão entendia que o jogo seria ainda mais complicado do que contra o Palmeiras.

- Eles têm um time guerreiro, como o nosso. E é jogo de decisão, né? Em uma partida final, há muito nervosismo e tudo pode acontecer. O clima emocional chega a ser violento. Mesmo assim estou confiante. Temos time para chegar lá. - afirmou, em entrevista à revista Placar.

Antes, portanto, seria preciso entrar em campo. E desafiar um rival à altura.

Intervalo de jogo no Maracanã. Antes de deixar o túnel, o técnico Oto Glória passa a mão pelos poucos cabelos e olha de canto de olho para o placar, ameaçador. Vasco 0 x 0 Operário, de Mato Grosso do Sul. Oto caminha em silêncio pelo corredor escuro, que leva ao vestiário. Solitário, pensa no que fazer para levar o Vasco às semifinais do Brasileirão.

Fim de jogo. Antes de deixar o túnel, Oto Glória passa o lenço na testa suada, a luz dos refletores incomoda seus olhos, que procuram registrar a alegria da torcida. No placar, Vasco 4, Operário 0.

O resultado seria determinante para avançar. Na terceira fase, apenas uma das quatro equipes de cada grupo avançava até a decisão. Os cariocas terminariam apenas um ponto na frente dos sul-matogrossenses e, portanto, o confronto direto teve impacto direto na classificação.

Oto Glória foi um dos grandes treinadores da história do futebol brasileiro. Dirigiu times como o Benfica, de Lisboa, Grêmio e Portuguesa. Esteve à frente, ainda, da seleção de Portugal que disputou a Copa do Mundo de 1966. Com Eusébio no comando de ataque, chegou a uma histórica terceira colocação, feito até hoje nunca repetido pelos portugueses em mundiais.

Naquele ano de 1979, exatamente na partida diante do Operário, leu o jogo corretamente e entendeu o que a equipe precisava. Tirou Paulinho, em má fase técnica, e colocou Dudu no meio-campo, liberando Roberto Dinamite para

o ataque. Assim, tornou sua equipe mais agressiva. E converteu um empate amargo em uma goleada arrasadora rumo às finais.

O Vasco chegava à decisão com o objetivo de repetir 1974, quando conquistou o Campeonato Brasileiro. A classificação para a final veio no mesmo domingo em que o Inter enfrentou o Palmeiras no Beira-Rio. No Maracanã, os cariocas jogavam pelo empate. Mas fizeram ainda mais: venceram por 2 a 1 o Coritiba em um jogo em que poderiam ter goleado. Perdeu muitos gols e deixou de fazer um placar ainda mais elástico.

O início de jogo foi avassalador. Logo no primeiro ataque, após excelente passe de Roberto Dinamite, entrou livre e deixou a defesa adversária só olhando. Os paranaenses reclamaram impedimento no lance, mas a arbitragem nada assinalou.

Mesmo com a pressão e domínio do Vasco, o Coritiba chegou ao empate. Aladim cruzou da esquerda e o zagueiro Gardel pulou mais do que os adversários para mandar para as redes, de cabeça. A defesa do Vasco voltava a sofrer gol pelo alto, algo que tirou a tranquilidade do time.

Ainda antes do intervalo, o Vasco voltou a passar à frente. A ordem da jogada do gol anterior se inverteu: Paulinho fez o lançamento para Dinamite, que venceu os zagueiros na corrida e tocou na saída de Mazaropi. O chute colocado, tranquilo, no canto direito, definiu o placar e a classificação dos cariocas à decisão.

O gol era, ainda, uma marca importante para Roberto Dinamite. Foi o tento de número 401 da carreira do artilheiro. A Zero Hora de segunda-feira já fazia o alerta para o perigo que o jogador poderia oferecer à defesa do Inter. Classificou o jogador como "o melhor em campo" na vitória sobre o Coritiba:

- Como jogador que desequilibra uma partida, o treinador Ênio Andrade tem que armar um esquema de marcação sobre ele, para não acontecer nenhuma surpresa nestes dois jogos que vão decidir o título. Jogador de nível de seleção, Roberto é um dos grandes goleadores do futebol brasileiro.

Mas, para vencer no Maracanã, o Inter precisaria superar também os desfalques. No dia 20 de dezembro, o jornal Zero Hora antecipava: "Falcão

fora". Mesmo após dois dias de repouso absoluto, o jogador não se recuperou a tempo. A decisão partiu do médico Humberto Costa e Silva, após duas horas de um exame completo. O objetivo era deixá-lo em condições para o jogo de domingo.

- Foi tudo decidido pelos médicos. Constataram que seria melhor não jogar esta primeira partida. Mesmo com imensa vontade de jogar, não daria de jeito nenhum. As dores estão um pouco fortes - declarou, inconformado.

O jornal confirmava a ausência de Falcão, mas cravava que Valdomiro estava garantido na partida. No treino do dia anterior, Ênio havia confirmado o jogador, "mesmo sem suas totais condições". Ainda assim, ele esperava entrar em campo.

- Espero jogar contra o Vasco porque é decisão, e eu não gosto de ficar fora. Acho que vai dar para aguentar porque contra o Cruzeiro e o Goiás entrei sem as mínimas condições e ainda consegui dar minha contribuição ao time.

Na parte final, foi poupado da atividade. Mesmo com toda a confiança, acabou - a exemplo de Falcão - fora da partida. Assim, o treinador mandou a campo um time sem pontas, com dois centroavantes: Mário e Bira. Primeiro, tentou despistar.

- Formação para opção, e nunca para iniciar, pois seria contra os meus princípios colocar um jogador fora da posição quando um jogador machuca. Durante a partida é diferente, pois tentamos mudar o rumo das coisas. E Mário, junto com Bira, com os ponteiros fechados no meio, é uma grande opção - afirmou o treinador.

O esquema havia sido treinado por Ênio em um coletivo de 40 minutos. Que terminou com vitória dos reservas por 5 a 1, com dois gols de Bira. Mário Sergio anotou para os titulares. Chico Spina já havia sido colocado na ponta-direita. E encerrou a atividade com Bira e Mário juntos no ataque titular.

E explicou a opção:

- Assim, o Mário vai mais atrás buscar o jogo e vem com a bola dominada fazer as jogadas de gol junto com o Bira, passando para o Jair para a direita.

O Boeing 707 da Varig realizou pouso tranquilo na pista do Aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, após sobrevoar as praias da Reserva, da Barra, do Leme, até contornar a Baía de Guanabara e chegar na pista da Ilha do Governador.

A concentração no Hotel, em Copacabana, foi tranquila. Torcedores se aglomeravam na porta, e só saíam dali para comer algo no Bar Cervantes, que ofertava um sanduíche de pernil de porco com abacaxi dos melhores. Para eles, a chegada ao estádio aconteceu ao natural.

No dia do jogo, o jornal Correio do Povo trazia a seguinte manchete: "Jogadores do Vasco já tiraram fotos como campeões". A atitude gerou reação na imprensa gaúcha:

- O time do Vasco pode ter cometido um erro inconscientemente, com possibilidades de influência negativa na decisão do título do Brasileirão - escreveu Antônio Goulart, em sua coluna no periódico.

Dirigentes e comissão técnica divergiam sobre a estratégia a ser adotada no Maracanã. Ballvé insistia em um time mais defensivo, para garantir um empate ou até mesmo uma derrota reversível no Beira-Rio.

Já Ênio Andrade mantinha a convicção em um esquema mais ofensivo, mantendo as funções e trocando apenas as peças que vinham atuando. Outro problema era de ordem física. Os jogadores teriam apenas três dias para recuperação, incluindo a viagem ao Rio de Janeiro.

Na segunda-feira, em uma reunião antes da viagem, fez valer a opinião da comissão técnica. O Inter seria agressivo da mesma forma no Rio de Janeiro. Definiu, assim, que Chico Spina e Valdir Lima seriam os substitutos.

Chico Spina nasceu em Porto Alegre, e era torcedor do Inter. Com o pai, frequentava o Estádio dos Eucaliptos. Às vezes, o avô comparecia. Ao decidir-se pela carreira de jogador, conseguiu vaga em uma peneira do Grêmio. Não teve sucesso e, em 1978, acabou emprestado ao Cruzeiro de Porto Alegre. Após quatro meses de bom futebol, foi contratado em definitivo pelo Inter.

Quando Oscar Scólfaro apitou no Maracanã, por volta das 21h10min, Chico Spina estava entre os dez jogadores de linha do Inter, ostentando a camisa vermelha de golas e mangas brancas, da mesma cor do calção.

Falcão permaneceu em Porto Alegre, com sua lesão na cápsula articular do joelho. Ficou fazendo tratamento, na concentração, com o objetivo de ficar pronto para o jogo de volta. Antes, porém, telefonou para Chico e Valdir, para incentivá-los.

Pela televisão, viu seus companheiros brilharem.

A decisão de Ênio provou-se acertada. Contornou os problemas diante de ausências importantes. Do ponto de vista defensivo, a equipe teve um rendimento impecável.

Valdir Lima não conseguiria se igualar taticamente a um dos melhores jogadores do futebol brasileiro naquele momento. O rendimento tático compensou: correu muito no meio-campo, até precisar sair por uma lesão. Batista guardou bem a posição como volante, à frente dos zagueiros. E deu segurança a Mauro Pastor, outro nome fundamental para a vitória.



FIGURA 21: O jogo de ida, contra o Vasco, no Maracanã. Fonte: Zero Hora

E o agora titular Chico Spina ainda erraria bastante, como no primeiro minuto de jogo, quando recebeu passe de Bira e não conseguiu o domínio. Perdeu a chance de entrar livre contra o goleiro Leão.

Apesar disso, o Inter segurou o ímpeto inicial do adversário e passou a desenvolver seu futebol. A experiência de alguns jogadores fez com que, em certos momentos, parecesse mais um jogo comum, mesmo diante de um público hostil de mais de 58 mil torcedores.

Aos 28 minutos, Mario Sergio parecia conduzir a bola até despreziosamente pelo campo esquerdo de ataque. Mas em um movimento rápido, acelerando a perna esquerda para fazer o passe, achou o camisa cinco, Valdir Lima, muito bem posicionado na faixa central. Recebeu entre os zagueiros e, com três toques na bola, fez o passe de perna direita buscando Chico Spina.

Ele dominou, aplicou uma "caneta" no marcador, e a bola passou suave por entre as pernas do adversário. Quando se reencontrou com ela, mais um toque, e então o chute. Forte. De perna direita. No alto, sem chances para o goleiro Leão. Quase sem acreditar, e imitando o gesto que o Maracanã tantas vezes havia visto com Pelé, Chico Spina pulava e socava o ar. Extravasava. Inter na frente, 1 a 0.

Mario Sergio, aliás, pode colocar em seu cartel de decisões com grande atuação a partida no Maracanã, com a camisa do Inter. Deu combates, ajudou o time a sair com a bola do campo de defesa e distribuiu muito bem o jogo. Esteve entre os melhores da decisão.

Antes do intervalo, o Inter quase ampliou em uma falha da defesa do Vasco. Em uma tentativa de recuo para Leão, Bira se antecipou e chegou antes da bola rolada fraca. O atacante divide com o goleiro do Vasco, mas ele consegue travar a tempo.

A melhor chance do Vasco - e única na primeira etapa - foi construída pela esquerda. Wilsinho foi acionado e contou com a sorte quando a bola praticamente parou rente à linha da grande área e facilitou o cruzamento. Catinha apareceu na segunda trave para finalizar, mas ela saiu à esquerda de Benítez.

Após o intervalo, Mario Sergio seguiu cartecendo o jogo. Da esquerda, fez um cruzamento desviado, que por pouco não se transformou em gol do Inter.

Oto Glória resolveu arriscar mais. Postou o time um pouco à frente, e deixou a defesa exposta às jogadas em velocidade pelos lados do campo. A decisão acabaria por favorecer o Inter.

A definição do placar veio aos 11 minutos. João Carlos recebeu de Batista e soltou para Chico Spina, ainda no campo do Inter. Ele avançou pela linha lateral, correu em diagonal e passou para Bira. Rapidamente, ele devolveu a bola para Chico, já posicionado na meia-esquerda. entrou área adentro, perseguido por Gaúcho, que nada pôde fazer. Chutou rasteiro, no canto esquerdo, no fundo das redes de Leão.

- Internacional rumo ao tricampeonato brasileiro de futebol! Ganhando do Vasco da Gama agora por 2 a 0 no Maracanã! Onze minutos de partida do segundo tempo!

Na voz de Armindo Antônio Ranzolin, assim estava sendo contado o segundo gol do Inter contra o Vasco. Abria-se definitivamente o caminho para o tricampeonato brasileiro de 1979.

Ainda no vestiário, Chico Spina estava emocionado. Conversou com seus pais por meio de um contato telefônico feito pela Rádio Gaúcha. Ainda não sabia se jogaria a partida de volta após os dois gols. Mas prometeu o mesmo empenho caso isso acontecesse.

- Se eu for escalado, isso vai depender do Valdomiro e de sua recuperação. Ele sempre me auxiliou bastante. Não importa se eu jogue ou não, o importante é conquistar o título.

Após a partida, Ênio falou sobre a importância da vitória, mesmo sem a presença de dois dos seus titulares mais importantes. E apontou a marcação errada em Dinamite no início da partida:

- No intervalo, nós corrigimos isto e os zagueiros marcaram o Roberto com mais firmeza, não permitindo jogadas de perigo. Mostramos que o Inter não é aquilo que falavam, um time acovardado e sem garra - desabafou.

A delegação do Inter chegou em Porto Alegre por volta das 7h da manhã, em voo fretado. Muitos torcedores e familiares foram ao Aeroporto Salgado Filho comemorar com os jogadores.

O avião se aproxima do prédio do aeroporto. Pelas janelinhas, os jogadores avistam os cerca de mil torcedores com bandeiras na sacada. Os torcedores cantam músicas do clube, e gritam por Chico Spina, o novo herói.

Cerca de 50 policiais da Aeronáutica tentam manter um corredor até a saída. Mas não conseguem: os jogadores ganham abraços, ouvem gritos de alegria, recebem tapinhas na cabeça.

Espantado, um taxista, torcedor do Grêmio, comenta:

- É uma coisa incrível. Esse pessoal chegou aqui a meia-noite, e teve que vir a Brigada para impedir que os vidros do aeroporto fossem quebrados. Aí eles sossegaram, mas depois começou tudo de novo. Mas essa festa toda é linda - admitiu.

Para o jogo da volta, todas as áreas do clube se mobilizaram. O departamento de Relações Públicas era um dos mais atuantes. O trânsito também era afetado: vários ônibus saíam do centro da cidade, além de táxis e lotações. Do interior do Estado, também havia a formação de caravanas. Em Passo Fundo, a Rede Ferroviária Federal modificou os horários do Trem Húngaro - das 19h para as 20h30min - para que os torcedores que fossem a Porto Alegre pudessem retornar no mesmo dia para casa. No dia da decisão, o trem saíria de Passo Fundo às 7h.

De volta a Porto Alegre, a dúvida: Falcão e Valdomiro teriam condições de atuar? A contra-capta do jornal Zero Hora do dia do jogo, domingo, 23, cravava: "Falcão e Valdomiro no grande jogo".

O treino coletivo na manhã de sábado durou uma hora. A atividade encaminhou o time do Inter, com o retorno dos dois jogadores. Os titulares venceram por 2 a 0, e Valdomiro marcou.

Já Falcão fez de tudo no treino. Correu, chutou, driblou e bateu forte com a perna direita, a do joelho dolorido. Foi liberado pelos métricos. Mas, ainda assim, se mostrava cauteloso:

- Prefiro esperar a reação do joelho ao esforço feito depois de ter passado a semana apenas realizando tratamento médico - afirmou.

Já Valdomiro sorriu em direção à imprensa:

- Eu não disse que estava bem? - perguntou, confiante.



FIGURA 22: A entrada em campo no Beira-Rio lotado. Fonte: Zero Hora

“Ai, ai, ai, ai, aiiii...”

Tá chegando a horaaaaa....

O dia já vem...

Raiando, meu beeeem...

E eu tenho que ir

Emboraaaaaa..”

Esse era o som das arquibancadas do Beira-Rio aos 12 minutos do segundo tempo. Falcão havia acabado de marcar o segundo gol do Inter.

Era o início da comemoração.

A história da década. Era isso que o Inter buscava naquela tarde de domingo. O Inter buscava se tornar, naquela ocasião, o primeiro clube três vezes campeão brasileiro. E conquistaria isso em um intervalo de cinco anos. Uma hegemonia no futebol nacional.

Falcão entrou receoso na partida. Havia feito apenas um treino desde o jogo contra o Palmeiras até essa decisão. Ficou uma semana com uma tala de gesso. Na véspera, no entanto, bateu bola com Ênio Andrade. Nada sentiu. Assim, foi para o jogo. Com o sentimento de que aquele time faria história.

Quem precisava do gol era o Vasco. Mas não chegou nem perto disso. Foi o Inter quem dominou durante toda a partida. Batista, Jair, Falcão e Mario Sérgio comandaram as ações. A vitória até poderia ser mais ampa, não fosse o goleiro Leão.

Após o apito final, torcedores invadiram o gramado. Deu-se início à comemoração, que continuou na saída calma e tranquila das torcidas, mesmo diante da euforia do título. Um grupo de torcedores se concentrou em frente ao portão 8, na saída dos vestiários. Queriam um abraço de seus ídolos.

A Avenida Padre Cacique foi tomada por bandinhas e samba. Cervejas, abraços. E a festa seguiu para a Borges de Medeiros. Na Perimetral, com a festa já programada, a festa foi maior ainda.

"Vou festejar...
o teu sofreeeer...
o teu penar...
Você pagooou...
com traição...
a quem sempre lhe deu a mããããooo..."

Empurrado sob os cânticos da música de Beth Carvalho, a festa seguiu noite adentro. Enrolado na bandeira, os gritos de "Falcão, Falcão", se misturavam às buzinas dos carros.

A festa do centro se espalhou pelas ruas dos bairros, empurrado pela batucada. Das janelas, caíam papéis picados, e bandeiras, lençóis e toalhas

vermelhas eram agitadas. A véspera de Natal teve sabor ainda mais especial para o torcedor do Inter, com o tricampeonato como melhor presente.

Em uma coluna intitulada "A tarde da década", na edição conjunta do jornal Zero Hora de 24 e 25 de dezembro, Ruy Carlos Ostermann disse que todos já esperavam que a partida seria mera formalidade. No microfone da Gaúcha, João Saldanha discordou: disse que um ambiente de festa poderia motivar o Vasco a "colocar água no chope" do Inter.

Mas seriam precisos três gols para o Vasco. Sem sofrer nenhum. E não foi, nem de perto o que aconteceu.

Aos 40 minutos, a jogada começou com um lançamento de Mário Sérgio para a área. Bira disputou com o zagueiro Gaúcho, que tocou para trás, de cabeça. Jair entrou em velocidade, driblou Leão e deu um toque de leve para o gol.

Com mais uma grande atuação de Mario Sérgio, a festa parecia completa. Não à toa, recebeu nota 9 de Zero Hora, e foi escolhido o melhor em campo na final.



FIGURA 23: Mário Sérgio foi escolhido o melhor em campo. Fonte: Zero Hora

Mas ainda faltava algo para coroar a campanha. Era preciso o gol do craque. Do jogador mais importante da temporada. Não havia outro fim possível para esse roteiro. Em mais uma participação de Mario Sergio, ele lançou na esquerda para Claudio Mineiro. Ele fez o lançamento para dentro da área, e Bira dividiu com o goleiro Leão. A bola se apresentou na intermediária, para ele. Falcão. Na marca do pênalti, um chute certo. Bola no fundo da rede. O título estava assegurado.

O gol do Vasco, aos 39 minutos do segundo tempo, em nada modificou o cenário. Wilsinho, em lance isolado, na intermediária do Inter, entrou pelo meio e bateu com efeito. A bola enganou Benítez, que foi para o lado esquerdo. Ainda bateu no goleiro, mas ele não conseguiu evitar o gol. Nada que estragasse a festa. Minutos depois, o apito. E, aí sim, a euforia tomou conta do Beira-Rio.

Internacional tri-campeão brasileiro invicto em 1979.

Falcão estava no centro do gramado. Peito nu, sem camisa. Procura ficar sério. O rosto se contrai na expectativa, que dura apenas alguns segundos. De repente, quase como se não esperasse por ela, a taça do Campeonato Brasileiro está em suas mãos.

Ele a ergue, orgulhoso. Ao mesmo tempo, o riso se solta no rosto fino. Ao seu lado, os companheiros gritam, riem, choram. Em volta, 60 mil torcedores entoam um canto de alegria.

Tudo é emoção no Beira-Rio.



FIGURA 24: Falcão ergue o tricampeonato brasileiro. Fonte: Zero Hora

REFERÊNCIAS

- 40 ANOS DO TRI INVICTO DO INTER. Correio do Povo. Direto ao Ponto. 19, 20 e 23 dez. Disponível em:
<https://open.spotify.com/episode/73oHWhl3e6GMmJrzKftQWG?si=v8ysUxmMQpSjsC1W0bDpGw>. Acesso em: 25 mai. 2022.
- ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. Política, Gênero e Mídia na pesquisa e no ensino de História. Uberlândia, 2016.
- BENETTI, Marcia. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (org.) Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.
- BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. Galáxia, São Paulo, n. 14, p. 13-28, 2008.
- BENETTI, Marcia; FREITAS, Camila. A fenomenologia da memória e o homem capaz do Jornalismo. Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v.14, n.28, jul/dez, 2015, p.167-185.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOTÃO #164: Internacional de 1979. Leandro Iamin e Paulo Jr. Central 3, 8 nov. 2018. Disponível em:
<https://open.spotify.com/episode/3ZpXbEE7t1C2ETK2zOoi34?si=TtDPmxawRcKOTkKQj7ZfTw>. Acesso em: 8 out. 2021.
- BRAGA, Kenny. Inter, Orgulho do Brasil. 5. ed. Porto Alegre: JÁ Editores, 2009.
- BRAGA, Kenny. Rolo compressor: memórias de um time fabuloso. 2. Ed. Porto Alegre, JÁ Editores, 2008.
- BUFFORD, Bill. Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CALDAS, Alberto Lins. Oralidade, texto e história. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- CANDAU, Joël. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2021.
- CÂNDIDO, Antônio, et. al. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CASTIEL, Zé Victor. Invicto: 1979 - O time imbatível. São Paulo: ClubManage: 2021.

CHAIM, Aníbal Renan Martinot. A bola e o Chumbo: Futebol e Política nos anos de chumbo da Ditadura Militar Brasileira. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, Departamento de Ciência Política, 2014.

CORNU, Daniel. Jornalismo e verdade: para uma ética da informação. Lisboa: Instituto Piaget, 1994

DOUGAN, Andy. Futebol & guerra: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FALCÃO, Paulo Roberto. Histórias da bola: depoimento a Nelson Souza. Porto Alegre: L&PM, 1996.

FALCÃO, Paulo Roberto. O time que nunca perdeu. Porto Alegre: AGE, 2010.

FERREIRA, João Fernando Pelho. De (pre)potência olímpica à "invenção" do país do futebol: a política para os esportes do governo Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, História Social, 2014.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

FRANCISCHINI, Sandro Luis Montanheiro. Campeonato Brasileiro de Futebol e a esportificação do futebol profissional (1971-1979). Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos, Ciências Sociais, 2006.

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GALEANO, Eduardo. Dias e noites de amor e de guerra. Porto Alegre: L&PM, 2008.

GALEANO, Eduardo. Futebol ao sol e à sombra. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GRABÍA, Gustavo. La Doce: A explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo. São Paulo: Panda Books, 2012.

LAUB, Michel. O Segundo Tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. O que é livro-reportagem. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas - o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed Barueri: Manole, 2009.

LODGE, David. A arte da Ficção. Porto Alegre: L&PM, 2020.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, História, 2013.

MÁXIMO, João. & CASTRO, Marcos de. Gigantes do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo, Contexto, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MONTEIRO, Charles. Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D'Amaral. Futebol e Ditadura Militar: a elaboração dos projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, História, 2017.

PENA, Felipe. Jornalismo literário. São Paulo: Contexto, 2008.

PORTELLI, Alessandro. História Oral como gênero. Projeto História. São Paulo, n. 22, p-9-36, jun. 2001.

RESENDE, Fernando Antonio. Discursividade e narratividade: vértices redimensionados no jornalismo. Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos. V. 1x, n. 2, 2007.

RICOEUR, Paul. História e verdade. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968.

SÁ, Jorge de. A Crônica. São Paulo: Editora Ática, 2008.

SANTOS, Daniel de Araújo dos. Futebol e Política: a criação do Campeonato Nacional de clubes de futebol. Dissertação de mestrado. Fundação Getúlio Vargas, História, Política e Bens Culturais, 2012.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TONINI, Marcel Diego. Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010). Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, História Social, 2010.

WEBER, M. Conceitos e categorias da cidade. In: VELHO, O. G. (org.). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, pp. 72-82.

WISNIK, José Miguel. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FONTES

Jornais

Correio do Povo, Porto Alegre: 1979

Folha da Tarde, Porto Alegre: 1979

Zero Hora, Porto Alegre: 1979